

JORGE WALTER DA ROCHA ESPIGA

**INFLUÊNCIA DO ESPANHOL NA VARIAÇÃO
DA LATERAL PÓS-VOCÁLICA
DO PORTUGUÊS DA FRONTEIRA**

Dissertação apresentada à Universidade Católica de Pelotas, como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Letras.
Orientadora: Profª. Dra. Carmem Lúcia Matzenauer Hernandorena.

Pelotas
1997

*“Uns têm mas não podem.
Outros podem mas não têm.
Nós, que temos
e podemos,
bendiguemos ao Senhor.”*

(Oração escoteira)

MARILENE, GABRIEL, ANDRÉA e RAFAEL,

*porque a festa da vida partilhamos,
em alegres e infindáveis caminhadas,
é de vocês e nosso cada passo;*

*a vocês, então, dedico
meus esforços e meus sonhos;
a satisfação da conquista
e a certeza de que a luta
continua.*

AGRADECIMENTOS

A Deus, pela vida.

A Marilene, Gabriel, Andréa e Rafael, pelo carinho, pela renúncia, pelo entusiasmo, pela compreensão - porque sem esse apoio esta etapa jamais teria sido atingida.

A Ilka e Walter, que me ensinaram os primeiros passos, sinalizando um caminho.

A Patricia e Pablo, partícipes de toda uma história de vida, companheiros de muitos caminhos, pelo encorajamento e entusiasmo.

A Jacinto, Matilde e Dolores, pela felicidade da lembrança.

A Olga e Juan, pelas lições de alegria e de amizade.

A Carmem Lúcia, professora, orientadora, mas, sobretudo, amiga.

Aos colegas e alunos da Universidade Católica de Pelotas, pelo incentivo e pelo equilíbrio entre a valorização profissional e a do ser humano.

Aos colegas da Escola Técnica Federal de Pelotas, pelo apoio sincero.

Aos colegas e amigos da Universidade Federal de Pelotas, pela oportunidade do convívio e por acreditar em mim.

Ao Grupo Escoteiro Iguassu, pelo ensinamento de que o importante é fazer.

A Nei de los Santos e a todos os informantes do município do Chuí, especialmente à Profa. Lígia Corrêa, pela colaboração emprestada.

A todos aqueles que, de uma forma ou outra, ajudaram a construir este trabalho.

SUMÁRIO

LISTA DE SÍMBOLOS	viii
LISTA DE TABELAS	ix
LISTA DE QUADROS	x
LISTA DE FIGURAS	xi
RESUMO	xiii
RESUMEN	xiv
1. INTRODUÇÃO	1
2. REVISÃO BIBLIOGRÁFICA	6
2.1 Revisão de aspectos de fonologia	6
2.1.1 O gerativismo	6
2.1.2 Fonologia autosegmental	8
2.1.3 Fonologia lexical	16
2.2 Revisão de aspectos de sociolingüística	22
2.2.1 Origens da sociolingüística	22
2.2.2 A sociolingüística variacionista	23
2.2.3 Heterogeneidade lingüística do PB.....	25
2.2.4 O contato entre as línguas	28

2.2.5 Aspectos históricos da fronteira do Brasil com o Uruguai 31

3. METODOLOGIA	37
3.1 Caracterização da amostra	37
3.1.1 Dados sobre a comunidade	37
3.1.2 Seleção de informantes	39
3.2 Método de análise.....	40
3.2.1 Coleta de dados	40
3.2.2 Processamento de dados.....	41
3.3 Definição de variáveis.....	45
3.3.1 Variável dependente.....	45
3.3.2 Variáveis independentes.....	45
3.3.2.1 Fatores lingüísticos	46
3.3.2.1.1 Vogal precedente	46
3.3.2.1.2 Tipo de sílaba quanto ao acento	47
3.3.2.1.3 Lugar de Construção do contexto fonológico seguinte	48
3.3.2.1.4 Ponto de articulação da consoante seguinte	49
3.3.2.1.5 Modo de articulação da consoante seguinte	50
3.3.2.1.6 Tipo de fronteira vocabular	51
3.3.2.2 Fatores extralingüísticos	52
3.3.2.2.1 Faixa etária	53
3.3.2.2.2 Grau de contato com outras variedades dialetais do PB	54
4. ANÁLISE ESTATÍSTICA: Descrição e Discussão de Resultados	58
4.1 Análise geral dos grupos de fatores	58
4.1.1 Vogal precedente	60
4.1.2 Tipo de sílaba quanto ao acento	62
4.1.3 Lugar de Construção do contexto fonológico seguinte	64
4.1.4 Ponto de articulação da consoante seguinte	66
4.1.5 Modo de articulação da consoante seguinte	68
4.1.6 Tipo de fronteira vocabular	69
4.1.7 Faixa etária	71

4.1.8 Grau de contato com outras variedades dialetais do PB	72
4.2 Análise dos grupos de fatores significativos	74

4.2.1 Condicionamentos lingüísticos	75
4.2.2 Condicionamentos extralingüísticos	76
4.3 Análise dos fatores significativos	79
4.3.1 Fatores significativos para a variante alveolar	80
4.3.1.1 Cruzamentos de fatores favorecedores da alveolarização	82
4.3.1.2 Cruzamentos de fatores inibidores da alveolarização	85
4.3.1.3 Cruzamentos de fatores favorecedores com inibidores da alveolarização	87
4.3.2 Fatores significativos para a variante velar	91
4.3.2.1 Cruzamentos de fatores favorecedores da velarização	93
4.3.2.2 Cruzamentos de fatores inibidores da velarização	96
4.3.2.3 Cruzamentos de fatores favorecedores com inibidores da velarização	98
4.3.3 Fatores significativos para a variante vocalizada	106
4.3.3.1 Cruzamentos de fatores favorecedores da vocalização	107
4.3.3.2 Cruzamentos de fatores inibidores da vocalização	109
4.3.3.3 Cruzamentos de fatores favorecedores com inibidores da vocalização	111
5. ANÁLISE LINGÜÍSTICA	116
5.1 A lateral	118
5.1.1 Caracterização da lateral	118
5.1.2 Variação alofônica da lateral pós-vocálica	122
5.1.2.1 A variante alveolar	123
5.1.2.2 A variante velar	125
5.1.2.3 A variante velar labializada	128
5.1.2.4 A variante vocalizada	130
5.1.3 A regra telescópica	134
5.2 Análise de aspectos fonológicos	138
5.2.1 Variante alveolar	138
5.2.1.1 Favorecimento de [l] por consoante seguinte alveolar	139
5.2.1.2 Favorecimento de [l] por consoante seguinte labiodental	140
5.2.1.3 Favorecimento de [l] por fronteira vocabular com sândi	141
5.2.2 Variante velar	143

5.2.2.1 Favorecimento de [ɔ] por vogal precedente [E] ou [O]	144
5.2.2.2 Favorecimento de [ɔ] por consoante seguinte velar	145

5.2.2.3 Favorecimento de [ɔ] por consoante seguinte palatal	147
5.2.2.4 Favorecimento de [ɔ] por consoante seguinte bilabial	148
5.2.2.5 Favorecimento de [ɔ] por fronteira vocabular sem sândi	150
5.2.3 Variante vocalizada	152
5.2.3.1 Favorecimento de [w] por vogal precedente [a]	154
5.2.3.2 Favorecimento de [w] por consoante seguinte de modo plosivo	157
5.2.3.3 Inibição de [w] por vogal precedente [u]	158
5.3 Análise de aspectos extralingüísticos	160
5.3.1 Influências de contato	161
5.3.1.1 Contato com o espanhol do Uruguai	161
5.3.1.2 Contato com outras variedades dialetais do PB	169
5.3.2 Faixa etária	171
6. CONSIDERAÇÕES FINAIS	177
7. BIBLIOGRAFIA	181

LISTA DE SÍMBOLOS

x - vibrante forte posterior

r - vibrante forte anterior

r - vibrante branda

E - e aberto

O - o aberto

ʃ - fricativa palatal surda

Z - fricativa palatal sonora

tʃ - africada palatal surda

dZ - africada palatal sonora

LISTA DE TABELAS

TABELA 1 - <i>Frequência e probabilidade da vogal precedente</i>	60
TABELA 2 - <i>Frequência e probabilidade de tipo de sílaba quanto ao acento</i>	62
TABELA 3 - <i>Frequência e probabilidade de lugar de constrição do contexto fonológico seguinte</i>	64
TABELA 4 - <i>Frequência e probabilidade de ponto de articulação da consoante seguinte</i>	66
TABELA 5 - <i>Frequência e probabilidade de modo de articulação da consoante seguinte</i>	68
TABELA 6 - <i>Frequência e probabilidade de tipo de fronteira vocabular</i>	69
TABELA 7 - <i>Frequência e probabilidade de faixa etária</i>	71
TABELA 8 - <i>Frequência e probabilidade de grau de contato com outras variedades do PB</i>	72
TABELA 9 - <i>Cruzamentos de fatores favorecedores da alveolar</i>	82
TABELA 10 - <i>Cruzamentos de fatores inibidores da alveolar</i>	85
TABELA 11 - <i>Cruzamentos de fatores favorecedores versus inibidores da alveolar</i>	87
TABELA 12 - <i>Cruzamentos de fatores favorecedores da velar</i>	93
TABELA 13 - <i>Cruzamentos de fatores inibidores da velar</i>	96
TABELA 14 - <i>Cruzamentos de fatores favorecedores versus inibidores da velar</i>	98
TABELA 15 - <i>Cruzamentos de fatores favorecedores da vocalizada</i>	107
TABELA 16 - <i>Cruzamentos de fatores inibidores da vocalizada</i>	109
TABELA 17 - <i>Cruzamentos de fatores favorecedores versus inibidores da vocalizada</i>	111

LISTA DE QUADROS

QUADRO 1 - <i>Grau de abertura das vogais para o PB</i>	14
QUADRO 2 - <i>Ordem de significância dos condicionamentos lingüísticos</i>	75
QUADRO 3 - <i>Ordem de significância dos condicionamentos extralingüísticos</i>	77
QUADRO 4 - <i>Fatores condicionadores do fenômeno de alveolarização de /l/</i>	80
QUADRO 5 - <i>Fatores condicionadores do fenômeno de velarização de /l/</i>	91
QUADRO 6 - <i>Fatores condicionadores do fenômeno de vocalização de /l/</i>	106
QUADRO 7 - <i>Regra telescópica do /l/ com quatro estágios</i>	149

LISTA DE FIGURAS

FIGURA 1 - <i>Representação de /l/ segundo a fonologia gerativa</i>	7
FIGURA 2 - <i>Representação geométrica dos segmentos consonantais</i>	10
FIGURA 3 - <i>Representação geométrica dos segmentos vocálicos</i>	12
FIGURA 4 - <i>Modelo de fonologia lexical segundo Kiparsky (1982) - Representação parcial</i>	17
FIGURA 5 - <i>Modelo de fonologia lexical segundo Kiparsky (1982)</i>	18
FIGURA 6 - <i>Modelo de fonologia lexical segundo Booij e Rubach (1984)</i>	20
FIGURA 7 - <i>Dinâmica jargon > pidgin > crioulo, segundo Mühlhäusler (1980)</i>	31
FIGURA 8 - <i>Distribuição das variantes</i>	58
FIGURA 9 - <i>Fatores favorecedores da alveolar e inibidores da velar</i>	104
FIGURA 10 - <i>Fatores favorecedores da velar e inibidores da alveolar</i>	105
FIGURA 11 - <i>Representação geométrica de /l/</i>	119
FIGURA 12 - <i>Violação de NCC na assimilação do traço [contínuo]</i>	121
FIGURA 13 - <i>Representação geométrica de [É]</i>	126
FIGURA 14 - <i>Representação geométrica de [l^w]</i>	129
FIGURA 15 - <i>Representação geométrica de [w]</i>	131
FIGURA 16 - <i>Estrutura implicacional não-marcada das líquidas, segundo Hernandorena (1995)</i>	133
FIGURA 17 - <i>Representação geométrica simplificada da regra telescópica da lateral pós-vocálica em três estágios</i>	136
FIGURA 18 - <i>Representação geométrica simplificada de /l/</i>	138
FIGURA 19 - <i>Unificação do traço [coronal, +anterior] por OCP</i>	140
FIGURA 20 - <i>Representação geométrica simplificada de [É]</i>	143

FIGURA 21 - <i>Unificação do traço [dorsal] por OCP</i>	146
FIGURA 22 - <i>Unificação do traço [coronal, -anterior] por OCP</i>	147
FIGURA 23 - <i>Representação geométrica simplificada da forma potencial [l^w]</i>	150
FIGURA 24 - <i>Representação da derivação de [w] a partir de [É]</i>	153
FIGURA 25 - <i>Unificação de articulação secundária dorsal por OCP</i>	156
FIGURA 26 - <i>Unificação do traço [labial] por OCP</i>	158
FIGURA 27 - <i>Diagrama vazio de representação da região de contato</i>	162
FIGURA 28 - <i>Domínio da variante velar na região do contato</i>	163
FIGURA 29 - <i>Domínios das variantes velar e vocalizada na região do contato</i>	164
FIGURA 30 - <i>Diagrama da variação de /l/ na região do contato</i>	164
FIGURA 31 - <i>Escala de variabilidade segundo Elizaincín (1992) para o contínuo português-espanhol (PB-EU)</i>	166
FIGURA 32 - <i>Localização do Chuí na escala de variabilidade para a lateral pós-vocálica: vocalizações versus não-vocalizações</i>	166
FIGURA 33 - <i>Localização do Chuí na escala de variabilidade para a lateral pós-vocálica: alveolarizações versus não-alveolarizações</i>	167
FIGURA 34 - <i>Tendência ascendente / descendente de desempenho das variantes alveolar e vocalizada, segundo o contato com o PB</i>	170
FIGURA 35 - <i>Frequência relativa da variante vocalizada em contextos associativos dos fatores de faixa etária e contato com outras variedades dialetais do PB</i>	171
FIGURA 36 - <i>Frequência relativa da variante vocalizada segundo a faixa etária</i>	172
FIGURA 37 - <i>Frequência absoluta da variante vocalizada segundo a faixa etária</i>	173

RESUMO

Este trabalho analisa o sistema de variação da lateral pós-vocálica no português da cidade brasileira do Chuí, na fronteira com o Uruguai.

A caracterização da lateral, as relações intra e interestruturais que se estabelecem entre os segmentos e a variação alofônica que se dá em posição pós-vocálica no português gaúcho e, especialmente, no português da fronteira, são destacados à luz da fonologia não-linear, com ênfase nas fonologias autosegmental e lexical, e analisados quantitativamente segundo o variacionismo laboviano.

O isolamento histórico do Chuí em relação ao Brasil e a influência do espanhol e de outras variedades do português sobre a linguagem dessa comunidade, ambas próprias da situação de contato, são abordados com base em princípios sociolingüísticos inerentes à dialetologia.

RESUMEN

Este trabajo analiza el sistema de variación de la lateral posvocálica en el portugués de la ciudad brasilera de *Chuí*, en la frontera con el Uruguay.

La caracterización de la lateral, las relaciones intra e interestructurales que se establecen entre los segmentos y la variación alofónica que se da en posición posvocálica en el portugués riograndense y, especialmente, en el portugués de la frontera, son destacados según la fonología no linear, con énfasis en las fonologías auto-segmental y lexical, y analizados cuantitativamente de acuerdo al variacionismo laboviano.

El aislamiento histórico de la ciudad de *Chuí*, respecto al Brasil, y la influencia del español y de otras variedades del portugués sobre el lenguaje de esa comunidad, ambas propias de la situación de contacto, son enfocados con base en principios sociolingüísticos inherentes a la dialectología.

1. INTRODUÇÃO

Neste trabalho procuramos analisar a influência exercida pelo espanhol sobre o português na região de fronteira do Brasil com o Uruguai, especificamente na região do município do Chuí, no que se refere à variação da lateral pós-vocálica. Para tal, utilizamos dois referenciais teóricos: a fonologia não-linear e a sociolingüística.

Através da fonologia não-linear, especialmente da fonologia autosegmental, discutimos a representação geométrica da lateral, abordamos o sistema de variação que se verifica no português gaúcho e, especificamente, na comunidade fronteiriça pesquisada, revisamos a concepção do sistema de variação como processo evolutivo no tempo, na forma de regra telescópica, e, ainda, buscamos a descrição e explanação do comportamento condicionador que determinados contextos lingüísticos assumem para com a realização fonética de uma ou outra variante.

De outra parte, o enfoque sociolingüístico do fenômeno analisado quer servir não apenas para detectar eventuais sinais de mudança lingüística e quantificar a variação, numa perspectiva laboviana, mas também no sentido de melhor compreender de que forma se polariza o jogo de forças condicionadoras extralingüísticas, historicamente operantes na linguagem fronteiriça, a partir do português do Brasil - doravante PB - e do espanhol do Uruguai - doravante EU. A análise de tais fatores supõe associar a variação à questão das diferenças regionais, isto é, à noção de contínuo, bem como à noção de contato como processo de interação dinâmica entre variedades de uma mesma língua e/ou entre línguas.

Tais objetivos específicos são relativos, em última instância, ao intuito de contribuir na descrição e compreensão de alguns aspectos inerentes ao estágio lingüístico atual do português, isto é, configurar uma *“fotografia lingüística”* a mais, no dizer de Tarallo (1989),

especificamente do português da fronteira com o Uruguai, visto este como variedade extremo-meridional desse contínuo dialetal denominado PB.

O contato entre as línguas portuguesa e espanhola no Uruguai, tanto na região de fronteira com o Brasil quanto no interior uruguaio, especialmente ao norte do rio Negro, tem sido objeto de diversas pesquisas, das quais podem ser citados os estudos de Rona (1965), Hensey (1972), Elizaincín, Behares e Barrios (1987) e Elizaincín (1992). Contudo, a região de fronteira ao sul da lagoa Mirim, onde se localiza a cidade uruguaia do Chuy, limítrofe do município brasileiro do Chuí, não se inclui em tais estudos por apresentar, conforme veremos no decorrer do trabalho, características diferentes. Não se verifica na fronteira Chuy-Chuí, assim como ocorre naquelas regiões pesquisadas, influência tão acentuada do PB em território uruguaio. Principalmente no norte e nordeste do Uruguai, os estudos acima referidos demonstram que a fronteira lingüística avança em território uruguaio bastante além da fronteira política entre os dois países, suscitando o aparecimento de dialetos de contato, denominados Dialetos Portugueses do Uruguai - DPU - e fazendo com que, em muitos casos, o espanhol seja adquirido na escola como segunda língua.

Do lado brasileiro, diversos trabalhos de descrição e análise do português do Rio Grande do Sul, ou português gaúcho, também consideram o aspecto do contato com a língua espanhola, embora restringindo-o, via de regra, a um fator ou grupo de fatores, classificado como “etnia”, onde também tem sido considerado o contato com outras línguas faladas no sul do Brasil, como alemão e italiano. Nestes trabalhos, dentre os quais citamos as análises variacionistas da harmonização vocálica (Bisol, 1981), da vibrante (Monaretto, 1992) e da lateral pós-vocálica (Quednau, 1993), os *corpora* têm sido formados, em sua maioria, a partir de dados do Projeto “Variações Lingüísticas no Sul do País” - VARSUL, no qual o português da fronteira está representado por dados coletados na comunidade de Santana do Livramento, município fronteiriço com a cidade de Rivera, no Uruguai.

O presente trabalho busca oferecer uma realidade contrastiva à da representante fronteiriça de tais pesquisas - Santana do Livramento -, centrando-se no município do Chuí, região que tem permanecido inexplorada também do lado brasileiro, até a presente data, e que apresenta, em sua linguagem, peculiaridades lingüísticas merecedoras de análise enquanto

distintivas de uma variedade própria, mais exposta à influência do EU que outras variedades do contínuo dialetal gaúcho - fronteiriças ou não - em que se insere.

Partimos, assim, do pressuposto de que a fronteira, considerada como um todo, é constituída de microrregiões heterogêneas, não apenas no plano lingüístico - mas também nesse sentido -, por conseqüência de diferenças historicamente construídas. Daí porque entendemos que particularidades lingüísticas de determinado dialeto fronteiriço não podem ser aprioristicamente estendidas a outra variedade dialetal ou generalizadas a uma maior ou menor região de seu contínuo.

A lateral pós-vocálica no português gaúcho foi estudada por Quednau (1993), que põe em foco o fenômeno de vocalização do segmento, considerado *default* do PB. Nesse trabalho, o grupo de fatores “etnia” resulta relevante no condicionamento da variação. Entretanto, ao contrário do que poderia se supor, a variante alveolar, que predomina na realização da lateral pós-vocálica no EU, não resulta significativa no grupo étnico fronteiriço, referente a Santana do Livramento. Tal constatação parece referendar o já referido predomínio do português sobre o espanhol nessa região de fronteira mas não significa que o português que se fala nessa região esteja completamente isento de influências do EU nem que as considerações que a esta variedade se aplicam possam ser, como já dissemos, generalizadas ao constructo que denominamos português da fronteira.

Hensey (1972, p. 72-3), ao estudar o português falado por uruguaios na região fronteiriça de Rivera-Livramento, apresenta evidências de interferência do espanhol em diversos aspectos da gramática do português. Dentre as ocorrências detectadas na fonologia, destacam-se os seguintes fenômenos (op.cit., p. 58-61):

- realização de /i/ e /u/ como [e] e [o], respectivamente;
- desnasalização;
- realização de [x] (vibrante) como dental-alveolar (anteriorização);
- não-vocalização do /l/ pós-vocálico;
- fricativização das plosivas /b, d, g/ intervocálicas;

- não-oposição de [b] ~ [v] (em consequência da fricativização de /b/);
- não-palatalização de /t, d/ antes de /i/.

Segundo Hensey, esses registros “*podem ser tomados como base para afirmar que há interferência no português dos brasileiros da fronteira*” (op.cit., p. 59) e tais conclusões “*(...) são consistentes com as predições teóricas e com os dados sociolingüísticos coletados na comunidade pesquisada.*” (op.cit., p. 61)

Assim, concordando com Hensey (op.cit.) e contrariando algumas posições como a de Koch (1994, p. 60-1), que refuta drasticamente a eventual influência do EU sobre o português gaúcho, afirmando que “*no que diz respeito à suposta interferência do espanhol no português gaúcho, (...) ela não passa de ficção científica*”, formulamos a hipótese de que se registram no português gaúcho, especialmente em regiões fronteiriças ou próximas da fronteira, traços característicos do sistema gramatical do EU que, efetivamente, interferem no sistema gramatical do PB. É o que procuraremos aferir, na linguagem chuiense, no tocante ao sistema de variação alofônica da lateral pós-vocálica.

Este trabalho apresenta a seguinte estrutura: O segundo capítulo aporta uma revisão bibliográfica de fonologia e de sociolingüística. Enfatiza-se, na parte de fonologia, a fonologia autosegmental - especialmente a Geometria dos Traços de Clements e Hume (1995) -, e a fonologia lexical - especialmente o modelo proposto por Kiparsky (1982) e aperfeiçoado por Booij e Rubach (1984). Na parte de sociolingüística, enfatiza-se a abordagem variacionista de Labov (1982), a concepção do contínuo dialetal do PB e a questão de sua heterogeneidade, nos enfoques de Tarallo e Alkmin (1987) e de Bortoni-Ricardo (1984), bem como o fenômeno de contato lingüístico, à luz dos trabalhos e da atualização bibliográfica apresentada por Elizaincín (1992).

O terceiro capítulo apresenta a metodologia utilizada na pesquisa, quanto às características da amostra, ao método de análise e à definição de varáveis ou grupos de fatores considerados.

O quarto capítulo refere-se à análise estatística dos dados. Ali se faz, primeiramente, uma análise geral dos grupos de fatores quanto à frequência e probabilidade de cada fator para cada variante da lateral pós-vocálica. Segue uma análise dos grupos de fatores significativos e, dentro destes, a discussão dos fatores significativos da variação. Apresentam-se, nessa parte, os resultados dos cruzamentos estatísticos, em termos de índices de aplicação, dos fatores mais significativos de cada variante em associações, dois a dois, de favorecedores, de inibidores e de favorecedores *versus* inibidores, a fim de dimensionar o grau de condicionamento de cada contexto operante.

O quinto capítulo apresenta a análise lingüística da variação, com base nos resultados apresentados e discutidos no quarto capítulo. Discute-se, primeiramente, a própria representação geométrica do segmento /l/; caracteriza-se cada um dos alofones que participam da variação da lateral pós-vocálica no PB e revisa-se a proposta de regra telescópica, formulada por Quednau (1993). A seguir, passa-se à análise propriamente dita, a qual se divide em dois momentos. No primeiro momento, se procede à análise de aspectos fonológicos de cada variante. No segundo, são considerados aspectos extralingüísticos que incidem na variação, como os condicionamentos de contato e da faixa etária dos falantes.

No sexto capítulo são feitas algumas considerações finais sobre o trabalho realizado.

2. REVISÃO BIBLIOGRÁFICA

2.1. Revisão de aspectos de fonologia

2.1.1 O gerativismo

A proposta gerativista da Teoria Standard, de Chomsky (1955, 1957, 1960), inicialmente concebida com vistas ao desenvolvimento de um projeto de inteligência artificial, em tempos de “guerra fria”, imprimiram novos enfoques nos estudos lingüísticos modernos.

Chomsky introduz o conceito de gramática gerativo-transformacional, o qual implica duas abordagens. Enquanto gerativo, o sistema dispõe de recursividade, ou seja, trata-se de um conjunto de regras finito capaz de produzir um conjunto de frases ou estruturas infinito. Enquanto transformacional, o sistema é provido de níveis diferenciados de formação de estruturas - estruturas profundas ou subjacentes e estruturas superficiais. O conjunto ou núcleo de regras básicas de transformação opera sobre as estruturas profundas para obter as estruturas superficiais da língua.

Pode-se afirmar que os pressupostos teóricos do gerativismo resgatam duas dualidades saussurianas: a do signo lingüístico, que Hjelmslev redefine, acrescentando-lhe a dicotomia substância/forma, privilegiando a primeira como essência da língua, e, ainda, a oposição *langue/parole*, agora renomeadas como competência e atuação.

No que diz respeito à fonologia, a teoria gerativa também encontra fundamentos em algumas propostas básicas formuladas pelo Círculo Lingüístico de Praga, na década de 1930, especialmente por Trubetzkoy e Jakobson. Dentre outras, o fonema, por exemplo, já tinha sido compreendido pelos lingüistas de Praga como unidade básica, funcional e complexa da língua, o que supõe uma entidade mínima passível de análise, capaz de alterar significado e constituída de unidades menores, as quais constituem propriedades de carácter acústico ou articulatório; a partir dessa abordagem, o fonema passou a ser visto como um feixe de traços distintivos. O estudo da oposição entre os sons da língua identificara um tipo de oposição privativa, mais tarde redefinida como contraste binário, consolidando a notação [\pm algo] nos estudos gramaticais. E a noção de que certos traços operam juntos, como entidades funcionais, constituindo “classes relacionadas”, fora precursora do conceito de “classes naturais”.

Chomsky e Halle (1968) propõem a representação dos segmentos em colunas ou matrizes de traços distintivos binários, dispostos de forma linear. De acordo com esse modelo, o segmento /l/, por exemplo, é representado como segue:

(01)

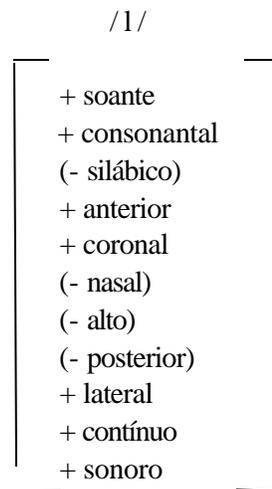


FIGURA 1 - Representação de /l/ segundo a fonologia gerativa¹

A inexistência de qualquer critério de hierarquia entre os traços, no modelo gerativista, é um dos pontos sobre o qual divergirão teorias posteriores, as quais apresentarão propostas de tipo não-linear para descrever os segmentos. Contudo, o gerativismo, mediante a redefinição e aperfeiçoamento de sistemas teóricos antes estabelecidos, sedimentou um lastro teórico importante para tais propostas vindouras, contribuindo decisivamente na construção do conhecimento científico sobre a língua.

2.1.2 Fonologia autossegmental

Basicamente, a idéia de representação não-linear consiste em deixar em evidência a hierarquia funcional do sistema fonológico das línguas e em possibilitar ligações múltiplas no nível melódico dos segmentos.

A fonologia autossegmental reformula dois aspectos do modelo gerativista. O primeiro consiste em que agora se propõe considerar o traço, não mais o segmento, como unidade funcional básica do evento da fala. O segundo consiste na representação não-linear dos traços.

Ao propor para o traço, não mais para o segmento, o *status* de unidade mínima representável, dotada de autonomia funcional, passa-se a operar com o conceito de autossegmento. Os modelos teóricos que compartilham tal proposta compõem a chamada fonologia autossegmental.

A representação não-linear da fonologia autossegmental adota, a partir de Goldsmith (1976), modelos de representação que procuram evidenciar a hierarquia natural entre os traços, os quais são dispostos em *tiers* ou camadas diferentes onde gozam de autonomia relativa e se ligam entre si através de linhas de associação. O modelo teórico que vem tendo maior desenvolvimento e aceitação, na fonologia autossegmental, é conhecido como a Geometria dos Traços.

¹ Para fins de ilustração, mantém-se a especificação de traços redundantes.

O modelo de Geometria dos Traços, proposto por Clements (1985) e aperfeiçoado por Clements (1991) e Clements e Hume (1995), apresenta uma forma de representação dos segmentos em estruturas arbóreas tridimensionais que correspondem a configurações de nós hierarquicamente organizados. Os nós terminais são valores simples de traços, enquanto os nós intermediários representam constituintes. Os constituintes agrupam traços que funcionam de modo solidário nas regras fonológicas.

Nos modelos lineares, apesar de estipular-se, por definição, o agrupamento de alguns traços - como a distinção entre traços de sonoridade e de tonalidade, segundo Jakobson e Halle (1956), ou a classificação em traços de classes principais, do modo de articulação e da cavidade e da língua, segundo Chomsky e Halle (1968) - não houve compromisso de representar tais grupos, de modo funcional. Justamente, o afã em evidenciar a constituição componencial e hierárquica de grupos de traços na representação estrutural dos segmentos é uma das razões por que se diz que a Geometria dos Traços possui maior poder descritivo e explanatório.

No modelo proposto, se faz a distinção entre traços presos ao articulador e traços livres de articulador. O traço [\pm anterior], por exemplo, é preso ao [coronal] enquanto a ele ligado e subordinado hierarquicamente, o que quer dizer que uma operação que envolva [\pm anterior] se refere também, necessariamente, a [coronal]. Ao contrário, o traço [\pm contínuo] é livre de articulador e se encontra diretamente ligado ao nó Cavidade Oral, como se observa em (02).

Clements e Hume (1995, p. 292) propõem a seguinte representação geométrica para segmentos consonantais:

(02)

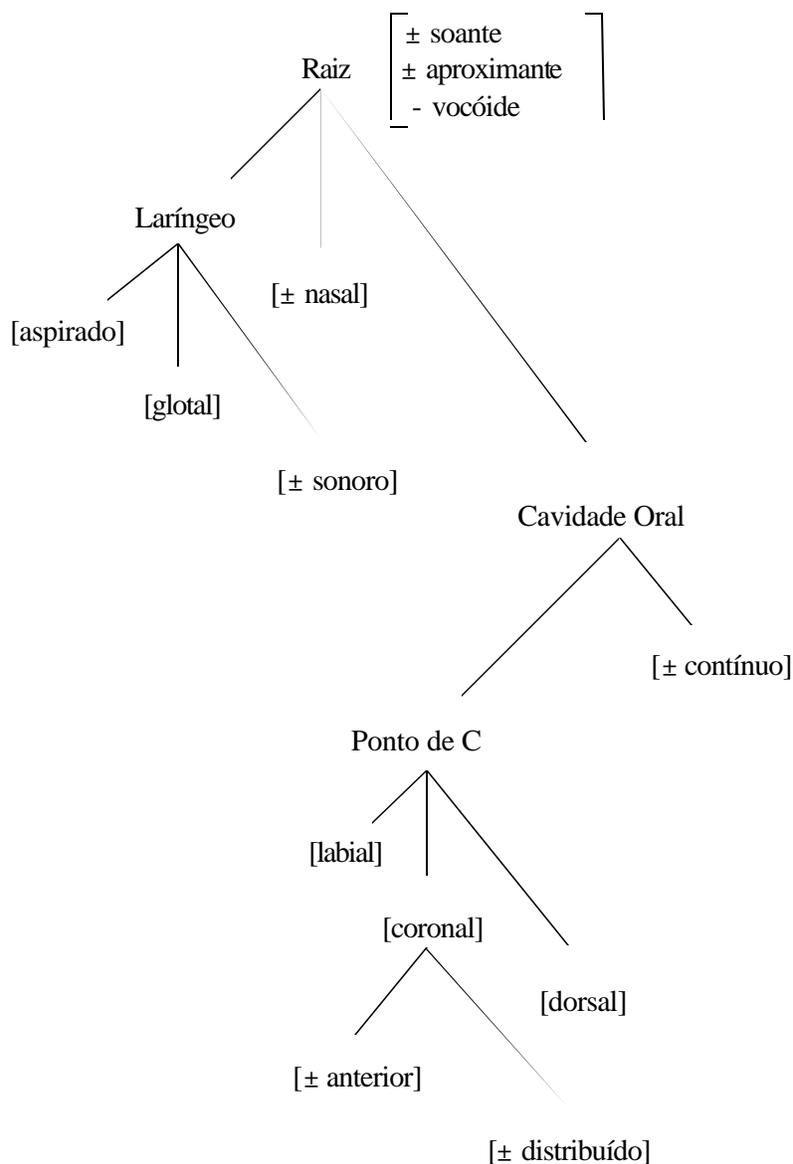


FIGURA 2 - Representação geométrica dos segmentos consonantais

Clements e Hume (1995, p. 275) enfatizam que o modelo proposto é baseado na constrição, em oposição aos primeiros modelos da fonologia autosegmental, baseados nos articuladores, como o de Sagey (1986). Segundo os autores, “qualquer segmento produzido na cavidade oral tem uma constrição característica, definida por dois parâmetros principais, grau de constrição e lugar de constrição.”

A constrição é o objetivo e a razão de ser de toda articulação, daí sua preponderância neste modelo. Para consoantes, o traço [\pm contínuo] representaria o grau de constrição, como se observa em (02), enquanto o lugar de constrição aparece na árvore como Ponto de C. Para as vogais, o grau de constrição é representado pelo nó de abertura, como se observa em (03), enquanto o lugar de constrição aparece como Ponto de V. Ambos constituintes, o Ponto de C e o Ponto de V, dispõem-se em *tiers* diferentes.

Os segmentos vocálicos são representados pela Geometria dos Traços da seguinte forma:

(03)

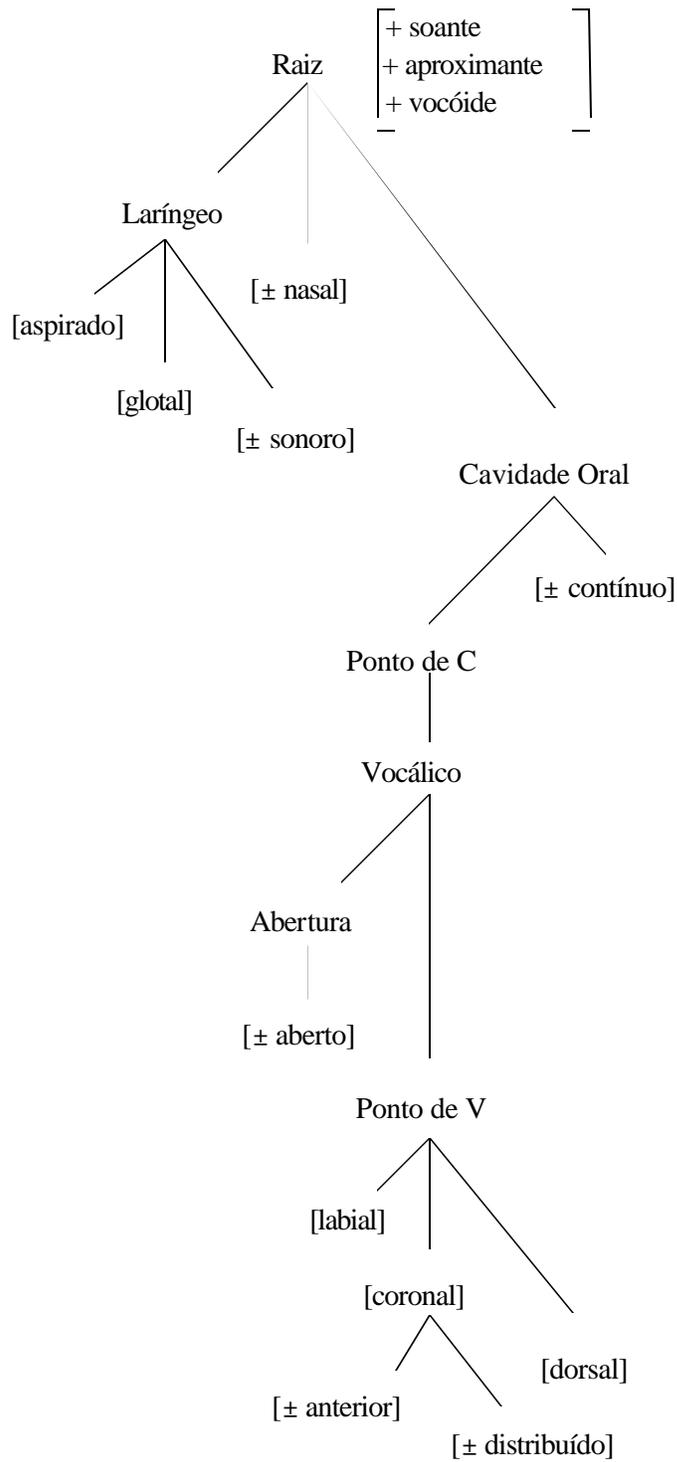


FIGURA 3 - Representação geométrica dos segmentos vocálicos

A abordagem baseada na constrição permite unificar a descrição de consoantes e vogais, de forma a utilizar os mesmos traços de ponto, como articuladores, para ambos os tipos de segmentos: [labial], [coronal] e [dorsal]. A constrição, segundo o traço de ponto, pode ser formada, respectivamente, pelos lábios, pela frente da língua ou por sua parte posterior. No caso das vogais, [labial] corresponde à caracterização tradicional de arredondadas; [coronal] corresponde a frontais e [dorsal] corresponde a posteriores. As vogais tradicionalmente classificadas como centrais são consideradas por Clements e Hume (1995) como segmentos sem especificação de traços de ponto.

Os segmentos que apresentam apenas um lugar de constrição realizam-se mediante uma única articulação, sendo considerados segmentos simples. As articulações secundárias, como palatalização, labialização, velarização e faringalização, são representadas neste modelo mediante a adição de um nó vocálico à estrutura, o que torna o segmento complexo. As articulações secundárias, por sua vez, podem também ser complexas, combinando duas articulações simples.

A Geometria dos Traços denomina segmentos de contorno as estruturas compostas de dois nós de raiz adjacentes compartilhando uma única posição na cadeia esquelética. E considera os segmentos como curtos ou longos, segundo ocupem uma ou duas posições esqueléticas, ou seja, correspondam, no nível métrico ou prosódico, a uma ou duas unidades de tempo.

O nó de abertura dos segmentos vocálicos aparece representado em (03) como [± aberto]. Clements (1991) e Clements e Hume (1995) propõem que a abertura seja especificada, nesse nó, mediante dois *tiers* com valores binários, o que satisfaz sistemas com três alturas de vogal. No caso do português, um *tier* adicional se faz necessário a fim de dar conta de todas as alturas do seu inventário fonético. O conceito de abertura, enquanto expressão do grau de constrição das vogais, substitui a parametrização de [± alto], [± baixo], empregados pela fonologia gerativa, aos quais se adicionava o traço [± tenso] quando se fazia necessário distinguir um quarto nível de altura.

Amaral (1996, p. 93) apresenta a gradação do parâmetro de abertura proposto por Clements (1991), compartilhado por Wetzels (1991), para o PB:

(04)

QUADRO 1
Graus de abertura das vogais para o PB

	<i>i,u</i>	<i>e,o</i>	<i>E,O</i>	<i>a</i>
ab1	-	-	-	+
ab2	-	+	+	+
ab3	-	-	+	+

A formalização de processos fonológicos, segundo a Geometria dos Traços, é simples. A disposição contígua de estruturas arbóreas, ao reproduzir determinada seqüência melódica, permite representar graficamente operações que se dão em decorrência, exatamente, de tal disposição sequencial, isto é, por condicionamento de contextos vizinhos. O processo de assimilação, por exemplo, é entendido como o espriamento (*spreading*) de traços terminais ou de constituintes entre as estruturas e representa-se traçando uma linha pontilhada que parte do autossegmento de origem (o gatilho da regra) em direção a um nó constituinte hierarquicamente superior da estrutura alvo.

A simplicidade e naturalidade com que tais operações são representadas na Geometria dos Traços satisfaz as necessidades descritivas dos processos, como comenta Amaral (1996, p. 90), ao comparar esta proposta de representação com a da teoria gerativa: “ (...) *nesse novo modelo, o fenômeno estudado - abaixamento de /i/ e /u/ pretônicos - é representado de maneira mais atraente e clara.*” Assim também opina Mota (1996, p. 28-9), enfatizando que a fonologia autossegmental consegue, com poucas regras, como ligações (para espriamento), desligamentos, inserções por *default*, apagamentos e regras de mudança de traços, de fusão e de fissão, dar conta de todos os processos fonológicos da língua, o que atesta a simplicidade e a eficiência descritiva da teoria.

Wetzels (1991, p. 36) entende que “(...) *essa teoria está mais bem equipada do que a standard não só para lidar com a assimilação como também com todos os processos fonológicos, precisamente porque distingue com mais sucesso regras naturais de regras não-naturais.*”

Uma abordagem bastante nova da fonologia não-linear, aqui abrangendo não somente a autosegmental mas também outras teorias fonológicas como a prosódica e a lexical, tem revelado uma tendência a privilegiar a noção de restrição em detrimento das próprias regras. Restrição, segundo Clements (1995, apud Mota, 1996, p. 49), é uma afirmação, de estatuto universal ou específico de uma língua, que define o que é permitido em termos de representações fonológicas, ou seja, o que é legal, “*sem especificar diretamente uma mudança na estrutura.*”

A teoria de marcação e procedimentos de simplificação, baseada em restrições, de Calabrese (1995, p. 373), enuncia que há listas de restrições universais, hierarquicamente organizadas, quanto a coocorrência de traços e definições de marcação. Entretanto, a teoria refere-se somente a restrições paradigmáticas, ou seja, referentes ao inventário de segmentos fonológicos e não a aspectos sintagmáticos - como é o caso de OCP - Obligatory Contour Principle -, a que nos referiremos no quinto capítulo.

Uma definição de marcação, quando está ativa em uma determinada língua, caracteriza uma configuração complexa de traços. Então uma certa combinação de traços resultará marcada (proibida) devido à impossibilidade ou complexidade da sua produção, seja do ponto de vista articulatório, seja do ponto de vista perceptual, isto é, acústico. É o caso, por exemplo, da combinação [+ alto, +baixo], que resulta impossível (op.cit., p. 380).

A inclusão no inventário fonológico de segmentos que constituam ou contenham alguma combinação de traços especificada em uma condição de marcação somente poderá ser efetivada se tal condição de marcação for desativada, o que representa um certo custo. Os falantes podem arcar com esse custo, desativando a condição de marcação do segmento

violador. Nesse caso, o segmento incorpora-se ao inventário como empréstimo - se oriundo do inventário fonológico de outra língua - ou como alofone - se resultante de regra fonológica.

A outra saída de que dispõem os falantes, ao se depararem com um segmento proibido, consiste em procedimentos de simplificação, os quais, segundo Calabrese (op.cit, p. 388-9), reparam a configuração ilegal. Tais procedimentos podem ser: fissão, desligamento ou negação. Por fissão, o segmento é dividido em duas configurações sucessivas, cada uma contendo um dos traços da combinação proibida. Por desligamento, um dos traços da combinação proibida é desligado e substituído por um traço compatível, alterando o segmento. Por negação, o valor dos traços incompatíveis são permutados por seus opostos.

A proposta de Calabrese fornece subsídios interessantes para a área de aquisição segmental da linguagem, uma vez que as idéias fundamentais que permeiam a teoria consistem em que há condicionamentos de complexidade, universais ou não, os quais vão sendo incrementados gradativamente na construção do inventário fonológico da língua e que, enquanto os falantes não arcarem com o custo de desativação de tais definições de marcação, procederão a estratégias simplificadoras na sua produção, as quais são comuns na fala de crianças, em fase de aquisição, e em casos de problemas referentes a desvios.

2.1.3 Fonologia lexical

A fonologia lexical também faz parte do grande grupo de fonologias pós-gerativistas não-lineares e privilegia a relação que se estabelece entre a morfologia e a fonologia da língua. Principalmente a partir de Mascaró (1978), Kiparsky (1982) e Mohanan (1985), propõe-se que o conjunto de morfemas da língua está estruturado em níveis e que os dois tipos de regra, morfológicas e fonológicas, neles interagem de forma recorrente.

Em linhas gerais, a proposta de Kiparsky considera o léxico profundo constituído de raízes ou itens lexicais não derivados, à espera da aplicação, em primeira instância, de regras fonológicas e morfológicas. Essa primeira instância de aplicação de regras constitui o primeiro

nível ou estrato do sistema.. O funcionamento desse primeiro nível de aplicação pode ser diagramado como segue.

(05)

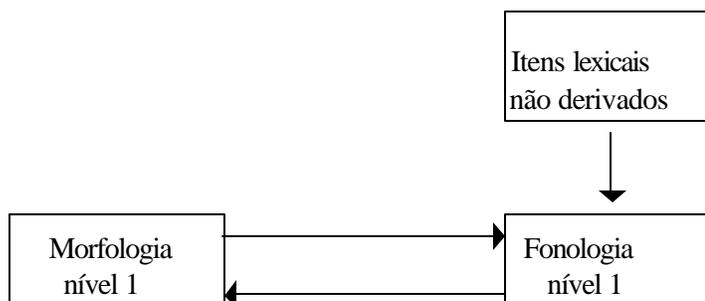


FIGURA 4 - *Modelo de fonologia lexical segundo Kiparsky (1982) - (Representação parcial)*

O duplo direcionamento das setas horizontais deve ser interpretado como fluxo de aplicação das regras nos dois sentidos, ou seja, como a possibilidade de um item ser alvo de regra fonológica pela segunda vez, mesmo que já tenha sofrido a aplicação de uma primeira regra fonológica e de uma primeira regra morfológica. Segundo Kiparsky, as regras, neste nível, são cíclicas, o que permite a recursividade.

Os diversos níveis derivacionais em que o léxico da língua se estrutura pertencem a dois grandes planos ou componentes, o componente lexical e o pós-lexical. Uma das diferenças entre ambos é que o primeiro permite a recursividade, ou seja, é ambiente de regras cíclicas, enquanto no segundo operam apenas regras não-cíclicas. Conforme se pode observar em (06), a saída de um nível para o seguinte se dá após aplicação de regra fonológica. O último nível do componente lexical constitui a saída para o domínio da sintaxe, já no nível pós-lexical, do qual se passa, em última instância, à aplicação de regras fonológicas pós-lexicais.

(06)

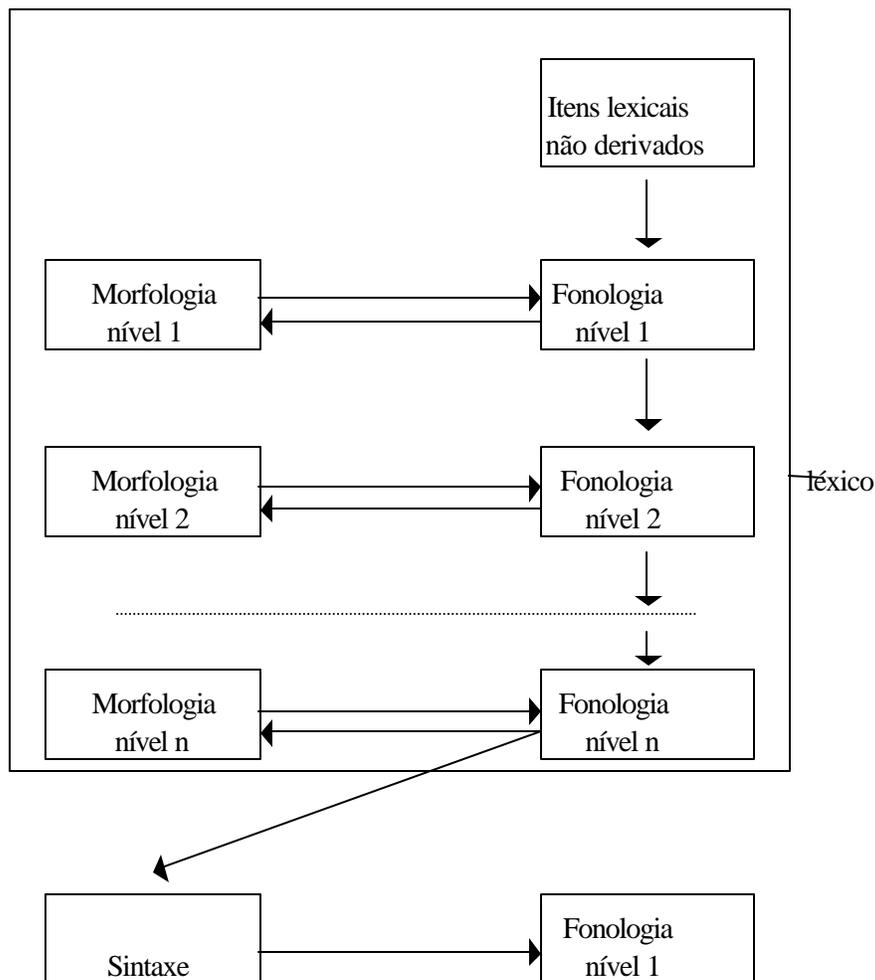


FIGURA 5 - Modelo de fonologia lexical segundo Kiparsky (1982, p. 4)

Neste modelo, uma regra fonológica é lexical quando a informação morfológica é importante para sua aplicação; ao contrário, é pós-lexical quando a informação significativa para aplicação da regra fonológica não é mais a morfológica mas a referente à combinação entre palavras, ou seja, a sintática.

Os princípios que regem a proposta de fonologia lexical, nos termos aqui apresentados, podem ser assim explicados:

- *Princípio de apagamento de colchetes:*

A passagem de um item lexical de um nível para outro de derivação processa-se como se o item tivesse vários níveis de colchetes, referentes aos diferentes níveis derivacionais. Assim, conforme a derivação progride de um nível para outro, perdem-se ou apagam-se os colchetes mais internos (*Bracketing Erasure*), representando que novas regras tenham acesso à estrutura morfológica interna resultante de níveis anteriores.

- *Condição do ciclo estrito* (segundo Mascaró, 1978):

As regras cíclicas são aplicadas somente em ambientes derivados, nunca no primitivo.

- *Princípio da preservação da estrutura:*

Nenhuma derivação pode resultar em segmentos ou estruturas inexistentes na língua. Quednau (1993, p. 82) observa que este princípio não se aplica às regras pós-lexicais, que “*podem criar estruturas novas, pois o componente pós-lexical não contém informação de ordem morfológica nem está sujeito às restrições lexicais.*”

- *Elsewhere Condition:*

Quando, em algum nível da derivação, é possível se aplicarem duas regras, as quais se encontram em atrito porque concorrem em um mesmo contexto, tem preferência de aplicação aquela cujo domínio é mais restrito.

Booij e Rubach (1984) aperfeiçoam o modelo de Kiparsky a fim de acomodar, na representação do processo derivacional, regras fonológicas não-cíclicas que atuam no componente lexical, as quais não estavam representadas, de forma específica, no diagrama anterior. Os autores propõem, então, o seguinte modelo:

(07)

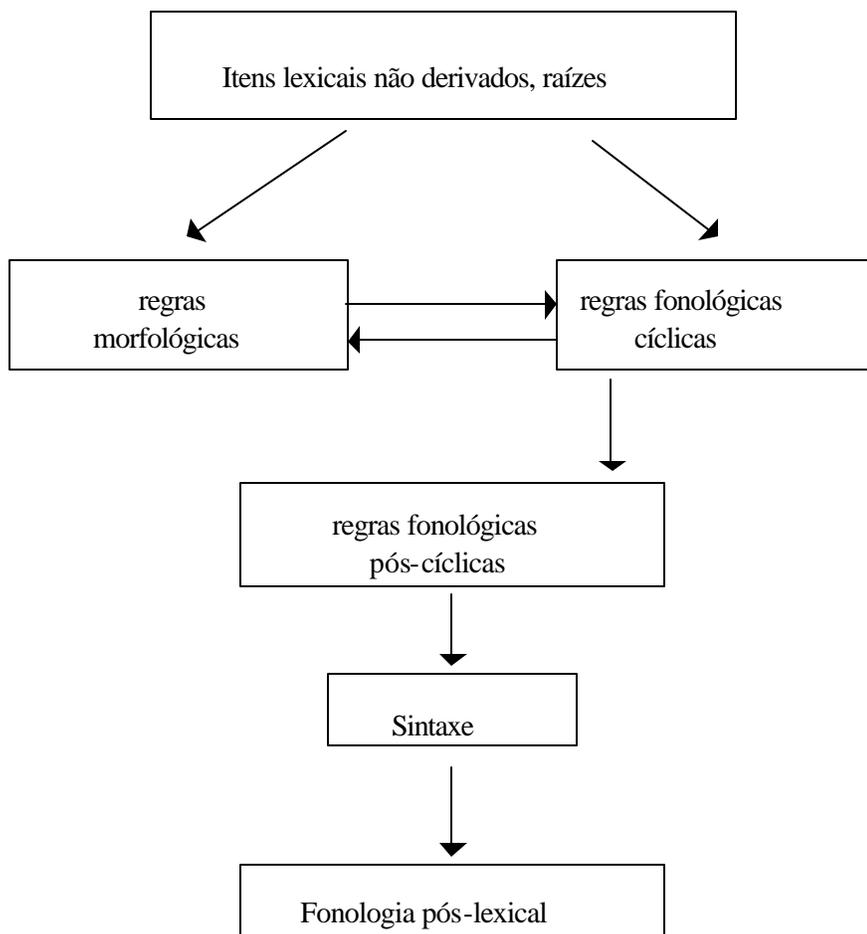


FIGURA 6 - *Modelo de fonologia lexical segundo Booij e Rubach (1984, p. 2)*

Veja-se que as regras fonológicas pós-cíclicas não interagem com a morfologia, sendo livremente aplicadas em morfemas e em fronteiras de morfemas. Quednau (op.cit., p. 84) observa, ainda, que as regras lexicais pós-cíclicas não estão sujeitas ao princípio do ciclo estrito.

Com base na teoria da fonologia lexical, Quednau (op.cit.) analisa alguns contextos de aplicação dos processos de velarização e vocalização da lateral pós-vocálica no português do Rio Grande do Sul. Em nosso trabalho, observamos o comportamento da variação alofônica da lateral em fronteira lexical. A interpretação dos dados a esse respeito leva em consideração as

observações de Quednau (1993, 1994) e toma por base os princípios de fonologia lexical estabelecidos por Kiparsky e o modelo teórico apresentado por Booij e Rubach.

2.2 Revisão de aspectos de sociolinguística

2.2.1 Origens da sociolinguística

Nos Estados Unidos, a linguística moderna surge em meio a uma realidade muito diferente da européia, em um contexto em que o interesse pela realidade indígena e o enfoque comparativo entre seus diversos sistemas socioculturais priorizavam nesse âmbito as linhas de pesquisa linguística.

Sapir e Whorf dedicam-se à pesquisa das línguas indígenas norte-americanas, priorizando uma abordagem de cunho mais social e psicológico. Sapir, por exemplo, preocupa-se com a relação entre língua e cultura, sugerindo uma bilateralidade entre ambas, tal que uma é vista como determinante da outra. Segundo Sapir e Whorf, as pessoas enxergam o mundo de acordo com a língua que falam, isto é, sua visão é limitada ao inventário do seu código linguístico. Tal observação vinha reafirmar uma idéia que já tinha sido proclamada por Humboldt, na Alemanha, no século XIX..

Nesses estudos linguísticos, foi colocada em evidência a importância de fatores não-linguísticos como condicionadores da variação na fala. Sapir (1925), ao pesquisar os *nootkas*, percebe que há mudança de estilo quando o falante se dirige a crianças, anões, corcundas, pessoas com um olho só e homens não circuncidados. E, entre os *yana*, Sapir observa que existe um tipo de fala masculino e outro feminino. A fala masculina era usada sempre que um homem fosse emissor ou receptor, enquanto a fala feminina era usada sempre entre mulheres. Esses e outros aspectos que também irão se mostrando relevantes ao longo das pesquisas, irão sendo categorizados e sistematizados como fatores que a análise linguística deverá considerar com vistas ao encaixamento do linguístico no social (e vice-versa).

Segundo Bright (1980), a importância da sociolinguística, já desde as primeiras pesquisas de campo, consiste em romper com a tendência de tratar as línguas como se fossem uniformes, homogêneas, monolíticas em sua estrutura. Afirma o autor que as diferenças encontradas na fala

de uma comunidade vinham sendo “*encobertas como variação livre*”, o que não condizia com a realidade, cabendo à sociolinguística “*demonstrar que na verdade tal variação ou diversidade não é ‘livre’ mas correlacionada a diferenças sociais sistemáticas.*”

A ruptura a que se refere Bright caracteriza o enfoque que, em estudos mais recentes, vem sendo dado à pesquisa linguística, contextualizando a fala como fenômeno concreto, produto coletivo de uma comunidade. Assim sendo, as análises variacionistas de fenômenos fonológicos, morfossintáticos ou lexicais, ou, ainda, do contato entre línguas ou entre diversas variedades dialetais, implementam o controle de variáveis extralinguísticas a fim de encaixá-los no contexto da realidade social.

2.2.2 A sociolinguística variacionista

Um aspecto bastante questionado da teoria gerativa é a concepção do falante ideal, a partir do qual se pensava generalizar os fenômenos da língua a todos os falantes. A tal idealização opõe-se frontalmente a sociolinguística, especialmente por alguns linguistas como William Labov, que têm como objeto científico os dados colhidos junto a informantes reais. No contexto social, a heterogeneidade e a variação linguísticas ocorrem plenamente sob condicionamentos específicos que não são considerados em um plano ideal, tal como propõe Chomsky.

Labov, ao estudar a centralização de ditongos na ilha de Martha’s Vineyard, inaugura em 1963 a sociolinguística quantitativa, também chamada de Teoria da Variação. Tal modelo teórico e metodológico, conforme refere Tarallo (1989), tem gerado inúmeros trabalhos de análise, avolumando a quantidade de produção científica no Brasil (e em outros países) nestas últimas décadas, no campo da sociolinguística.

Mesmo que com perspectivas teóricas diversificadas, em especial quanto aos métodos e quanto aos objetivos da pesquisa e da análise científica, a sociolinguística procurou, desde os primeiros trabalhos de Sapir, correlacionar o social e o linguístico.

No caso da Teoria de Variação, uma das críticas que lhe é dirigida consiste na excessiva dependência da formalização matemática e do processamento estatístico dos dados em detrimento de um objetivo mais humanista, mais social. Estariam os meios, isto é, o método, afastando a sociolinguística dos seus fins?

As divergências quanto a objetivos e também quanto a métodos deram embasamento às divisões teóricas da sociolinguística, abrindo espaço para correntes diferentes do variacionismo de Labov, como a sociologia da linguagem, associada a Joshua Fishman, e a etnografia da fala, associada a Dell Hymes.

Segundo Tarallo (1990), uma questão polêmica da perspectiva laboviana refere-se à crítica levantada por Kay e McDaniel (1979) a respeito do estatuto psicológico da regra variável visada por Labov. A pergunta é: como trabalhar com um modelo de competência linguística probabilisticamente regida? Kay e McDaniel (apud. Tarallo, op.cit.) argüem que,

se as regras variáveis são empregadas como uma técnica para representar uma suposta gramática supra-individual, seria inevitável, aos níveis teórico e metodológico, assumir-se que os condicionamentos sociais e linguísticos são uniformes. (...) De duas, uma: (1) ou a noção de gramática de comunidade precisa ser revista ou (2) o estudo potencial das regras variáveis na comunidade se limitaria a uma regra individual para cada falante.

Tarallo entende que, nos últimos anos, a perspectiva laboviana tem-se reaproximado bastante, de modo surpreendente, da tão contestada noção de informante ideal, de Chomsky. Em 1982, Labov admite que pode haver universais de mudança linguística, independentemente das condições históricas. Dois anos mais tarde, ao discutir a questão do apagamento de segmentos e o compromisso da estrutura linguística com a hipótese funcionalista, Labov fornece evidências, em números, da existência de uma gramática comum ao grupo, e não de várias gramáticas de indivíduos. Posteriormente, em 1987, Labov declara “a possibilidade de o linguístico prevalecer sobre o social”. E, dois anos depois, sustenta uma abordagem em que considera a língua “condicionada por sua própria estrutura e mais mecânica em sua operação”.

Entende Tarallo que assim também se abre espaço para que o lingüístico desempenhe um papel maior que o contextual - onde entra o social - e, em consequência, também se abre novamente, na variação, espaço para a invariância.

Segundo Tarallo, essa mudança paulatina que assume a sociolingüística laboviana em seu posicionamento, é um dos fatores da divisão cada vez mais marcada entre as diferentes correntes da sociolingüística.

2.2.3 Heterogeneidade lingüística do PB

A heterogeneidade lingüística do PB é feita de uma grande diversidade de falares, produto da miscigenação de muitas etnias e culturas, da conjugação de múltiplos adstratos lingüísticos, que tem como base o português quinhentista trazido da Europa quando da chegada dos primeiros colonizadores portugueses ao Brasil.

Ao referir-se à formação e evolução do PB, Castilho (1992) destaca o contato do português trazido de Portugal com línguas indígenas - estimadas em 300, à época da chegada dos conquistadores, das quais restam, aproximadamente, 170 -, e línguas africanas trazidas por 18 milhões de escravos negros, no período de 1538 a 1855. Numerosos estudos dão conta da influência das línguas indígenas e africanas na formação do PB.

Com base nos estudos de Silva Neto (1951), Castilho (op.cit., 240-1) sintetiza a história da formação do PB em três grandes momentos ou fases:

(1) De 1533 a 1654 transcorre um período de bilingüismo, com concentração populacional na Bahia e em Pernambuco, onde predomina a língua geral ou brasílica, denominações que remetem ao tupinambá ou tupi antigo.

(2) De 1654 a 1808 a língua geral perde terreno, limitando-se às povoações do interior e aos aldeamentos dos jesuítas, disseminando-se o português pela costa, praticando-se falares crioulos índios e africanos no interior.

(3) A partir de 1808, ocorre a “relusitanização” do Rio de Janeiro, provocada pela vinda de cerca de 18 mil portugueses que fugiam da invasão francesa, difundindo-se o português pelo interior, surgindo novas cidades e distinguindo-se os falares rurais dos falares urbanos.

A análise diacrônica do PB apresenta fatos que evidenciam tendências claramente inovadoras que, partindo do português quinhentista, constituem diferenças importantes em relação ao PP. Castilho refere-se, por exemplo, à “*semivocalização do -l*”. Tais diferenças advêm de que cada língua segue um rumo evolutivo que lhe é peculiar, com especificidades, circunstâncias e determinações próprias. Nesse sentido, uma das questões que levantamos no início do presente trabalho formula a hipótese da maior semelhança ou proximidade lingüística entre o PP e o português da fronteira gaúcha com o Uruguai, uma vez que o EU preserva muitas formas morfossintáticas e fonéticas do espanhol da Espanha, também comuns ao PP mas não assim a outras variedades dialetais do PB.

Um dos aspectos que ocupa a atenção dos sociolingüistas refere-se à adequada concepção da situação lingüística brasileira. Seria aplicável a essa situação o conceito de diglossia de Ferguson (1974), a qual implica bilingüismo condicionado por fatores sociais, isto é, em que uma das variedades seria eventualmente prestigiada?

Segundo Tarallo (1987, p.69), o estágio lingüístico do PB não é de diglossia mas de um pluridialealismo ameno, onde o caráter ameno resulta de que as diferenças regionais são apenas fonéticas e lexicais, não ocorrendo na morfossintaxe nem na fonologia da língua, o que faz com que os dialetos sejam mutuamente “negociáveis”.

Tarallo e Alkmin (1987) aceitam provisoriamente esse enfoque mas logo questionam a idéia de “amenidade” (op.cit., p. 59), ao afirmar que “*a mescla intracomunitária no Brasil*

parece ser mais saliente do que a supúnhamos”, remetendo a questão aos foros dos problemas de comunicação interdialetoal.

Alguns desses problemas de comunicação interdialetoal são analisados por Bortoni-Ricardo (1984), ao constatar a existência de aspectos de ordem política e social que se comportam como fatores determinantes da inteligibilidade entre os diversos dialetos do PB. Reportando-se a trabalhos lingüísticos de campo, a autora refere algumas dificuldades de comunicação interdialetoal detectadas durante entrevistas feitas por professores e alunos universitários a informantes analfabetos e semi-analfabetos de classe baixa e origem rural. Bortoni-Ricardo diz que, diante do enfrentamento de realidades tão extremas, *“são postas em contato variedades distintas da língua, o que, naturalmente, enseja dificuldades de comunicação.”*

Mediante o relato e discussão de vários casos e problemas concretos de comunicação, a autora reúne quantidade suficiente de argumentos para contestar, com veemência, a crença no Brasil monolíngüe, motivo de orgulho nacional. E afirma: *“A idéia de que somos um país privilegiado, pois do ponto de vista lingüístico tudo nos une e nada nos separa, parece-me, contudo, ser apenas mais um dos grandes mitos arraigados em nossa cultura”* (op.cit., p. 9)

A reflexão de Bortoni-Ricardo provoca a indagação acerca da origem desses *“grandes mitos”* de unidade e da utilidade ideológica subjacente a que possam estar associados. Parece lógico pensar que a noção de heterogeneidade dialetoal, tanto no eixo diatópico como no diastrático, contraria os interesses da ideologia dominante, uma vez que, ao negar a concepção de unidade cultural, através das diferenças lingüísticas, se converte em fator de desestabilização. Ao contrário, as idéias de unidade e de homogeneidade tendem a impedir o realce das diversidades étnicas, regionais, sociais e ideológicas da comunidade.

No plano lingüístico, a negação das diferenças, ou sua neutralização, executa-se mediante a standardização da língua. Pretende-se formar homogeneidade através da difusão de uma variedade lingüística padrão ou estandar, de caráter uniformizador, a qual sirva para incrementar a eficiência do esquema de reprodução da ideologia dominante. Com base na teoria de

Althusser (1974), referente aos Aparelhos Ideológicos do Estado - AIE -, pode-se compreender que a pressão standardizadora é exercida em várias instâncias ideológicas, as quais se materializam em instituições e sistemas concretos, como a escola, a televisão, a própria língua, etc., e, ainda, da combinação de uns com os outros. A língua padrão é assim dotada de um caráter institucional, utilitário e ideológico; o que lhe é diferente, é estigmatizado.

Nesse contexto, o uso de uma forma não-padrão, isto é, o desvio da norma ou sua transgressão, pode significar, muitas vezes, um ato de rebeldia, de contestação ao imposto. A resistência, por parte dos membros de uma comunidade, a *defaults* e a estratégias institucionais padronizadoras, pode constituir um gesto de valorização do autóctone, do comunitário e do regional, em detrimento do “forâneo”, do extracomunitário, do nacional.

A situação de heterogeneidade lingüística do PB pode ser enxergada, no sentido diatópico, como um contínuo dialetal onde a maior ou menor separação geográfica entre as comunidades corresponde à maior ou menor diferenciação lingüística, a tal ponto que uma grande distância entre regiões pode comprometer bastante o processo de negociação comunicativa, isto é, sua mútua inteligibilidade.

É justamente nos limites meridionais desse contínuo dialetal brasileiro que procuramos delimitar o português da fronteira com o Uruguai, objeto da presente pesquisa.

2.2.4 O contato entre as línguas

Um dos campos mais férteis para os estudos lingüísticos é, sem dúvida, o do contato entre as línguas, não apenas pela análise do fato lingüístico estrito, do ponto de vista da sua compreensão e descrição no sistema de regularidades e de variação na gramática de uma comunidade, mas, principalmente, pelo espaço ilimitado que se abre à pesquisa do próprio fenômeno do contato, o qual inscreve o fato lingüístico em um contexto bem mais amplo do que o meramente gramatical: a interação entre sistemas culturais diferentes, produtos de processos históricos também diferentes.

Elizaincín (1992) resgata a cronologia dos principais estudos de contatos lingüísticos, estabelecendo conceitos importantes quanto às diferentes abordagens metodológicas do fenômeno e ao seu enfoque interdisciplinar, os quais procuraremos sintetizar nos próximos parágrafos.

Data do final do século XIX o conceito de geografia lingüística, época em que surge uma nova disciplina, denominada dialetologia, com o “*objetivo fundamental de dar conta da diversificação diatópica das línguas*”. Os primeiros trabalhos de mapeamento deixaram estabelecidas duas idéias básicas para o desenvolvimento de pesquisas posteriores e para melhor compreensão do contato: existe uma dinâmica de variação na região onde se dá o fenômeno; não há linhas precisas entre os dialetos ou línguas em contato, ou seja, estes formam um contínuo dialetal.

Partindo de Coseriu (1981, apud. Elizaincín, op.cit.), distinguem-se duas dimensões referentes à língua: estrutura e arquitetura. Descrever a estrutura da língua, de modo funcional, seria o objeto científico das áreas clássicas de estudo gramatical - fonologia, morfossintaxe, semântica -, enquanto à pesquisa da arquitetura da língua se dedicam metadisciplinas lingüísticas, isto é, disciplinas que não têm objeto primário específico mas, no caso das supradisciplinas - uma classe de metadisciplinas - trabalham com dados fornecidos por disciplinas básicas, como o faz a dialetologia. Às metadisciplinas cabe, então, um segundo nível de abstração teórica.

A dialetologia, como diz Elizaincín (op.cit., p. 16),

estabelece dialetos, isto é, delimita regiões, ou épocas, ou níveis socioculturais, ou “estilos” (registros) nos quais existe um número tal suficiente de aspectos que permitem a decisão de agrupar vários “falares” em uma unidade determinada. Muitas vezes esse agrupamento pode estar previamente estabelecido pela intuição dos próprios falantes, os quais sentem que sua forma de falar é diferente à de seus vizinhos (mais próximos ou mais distantes).

Entende o autor que, se a variação é o aspecto sincrônico da mudança lingüística, então a dialetologia pode ser interpretada como “*valioso auxiliar da lingüística histórica*”.

A situação de diversidade lingüística de uma região de contato é tão complexa quanto dinâmica. Primeiramente, há de se considerar que a variabilidade² observável na região conjuga os sistemas de variação das línguas ou dialetos que entram em contato. Em segundo lugar, dá-se a coexistência, tanto no eixo diatópico quanto no diastrático, de diversos estágios lingüísticos. Tais estágios podem referir-se à línguas que deram origem ao contato ou às formas de transição entre uma e outra.

Essas formas de transição, também denominadas genericamente “línguas de contato”, apresentam-se, basicamente, em uma das formas seguintes: pidgin ou crioulo. Apesar das controvérsias sobre a exata definição que caberia a uma ou outra língua de contato (Elizaincín refere algumas divergências conceituais entre Sankoff e Ferguson e De Bose), parece ser de consenso que o conceito de pidgin pode ser aplicado a uma forma que, embora apresente certa estabilidade e uniformidade em seu sistema de regularidades gramaticais, registra ainda um grau considerável de variabilidade e carece de falantes nativos. Já o crioulo seria um estágio mais avançado de estabilização e uniformidade gramaticais, com menos variabilidade, incluindo falantes nativos. A tendência natural é que a primeira evolua para a segunda, num processo de criouliização.

Formas de transição que apresentem um grau acentuado de variabilidade, isto é, ainda pouca fixação de regularidades, podem ser classificadas como pré-pidgins. Naturalmente, tais formas tendem a evoluir para pidgins. De forma análoga, formas de transição mais avançadas na consolidação de seus sistemas gramaticais são classificadas como pós-crioulos. E o processo de pós-crioulização ou descrioulização poderia ser interpretado como a normalização da língua referente ao pólo do contínuo em cuja direção evolui o sistema.

Mühlhäusler (1980, apud op.cit., p. 36) ilustra os caminhos evolutivos que podem seguir as (inter)línguas de contato, por meio de um esquema em que representa a dinâmica *jargon* > pidgin > crioulo, como se vê a seguir:

² Elizaincín (op.cit.) propõe o termo “variabilidade” para caracterizar a variação em uma região de contato.

(08)

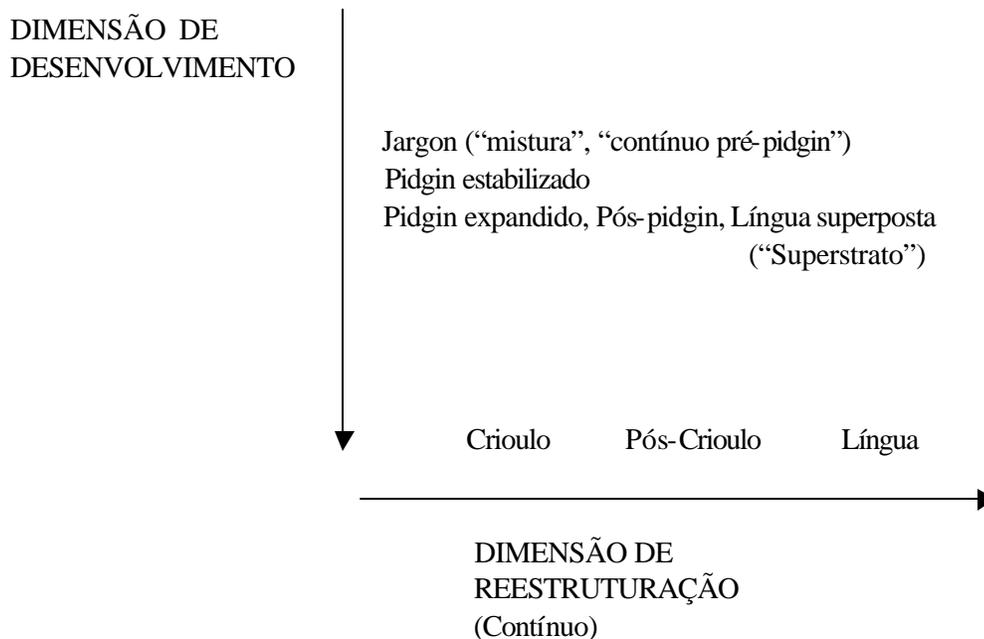


FIGURA 7 - *Dinâmica jargon > pidgin > crioulo, segundo Mühlhäusler (1980)*

Contudo, nem toda situação de contato resulta, necessariamente, em um processo de pidginização e, em qualquer estágio, poderá ocorrer a cristalização e historização de uma língua de contato, podendo então derivar “*para uma língua em sentido estrito, a qual, posteriormente, segundo sua sorte histórica, poderá converter-se em língua geral ou estandar de um estado, ou, ainda, de um território mais amplo*”. (op.cit., p. 35)

2.2.5 Aspectos históricos da fronteira do Brasil com o Uruguai

Abordar o contato entre o português e o espanhol, na fronteira do Brasil com o Uruguai, significa referir, mesmo que em linhas gerais, um pouco de suas origens históricas. Neste item procuraremos sintetizar um pouco de 500 anos de história; da história de uma fronteira que, antes de ser fronteira entre províncias e entre repúblicas, o foi de impérios, das duas grandes

potências ibéricas que, lançadas a *“mares nunca dantes navegados”*, se embrenharam na conquista, na disputa e na colonização das terras do Novo Mundo.

A formação e consolidação da fronteira é fruto de um processo de ajustamento ou acomodação dos limites de domínio, entre Portugal e Espanha, motivado por fatores geográficos e econômicos. De um lado, a pretensão portuguesa de expandir seu território até o Rio da Prata. De outro, o esforço espanhol em conter o avanço lusitano.

A importância estratégica do Rio da Prata vincula-se à possibilidade de acesso fluvial ao interior do continente e às características geográficas da costa, que permitiam o estabelecimento de portos marítimos. Por esses interesses comerciais, os portugueses fundam a Colônia do Sacramento, em 1680, à revelia do tratado de limites vigente (Tordesilhas), o qual estipulava a propriedade espanhola dessa região.

Este fato tornou a região altamente instável, do ponto de vista político e militar, sendo a Colônia do Sacramento pivô de conflitos bélicos permanentes. A presença, por mar e terra, do poderio político e militar português em frente a Buenos Aires, sede do vice-reinado espanhol do Rio da Prata, era um desafio extremamente ameaçador aos interesses da Espanha e a seu domínio. A fim de restaurar a hegemonia espanhola no Rio da Prata, os espanhóis fundam a cidade de Montevidéu, em 1724.

Deve-se destacar, ainda, a existência de abundante gado selvagem, que tinha sido introduzido na campanha da “Banda Oriental”, território hoje uruguaio, no período de 1611 a 1617, e que, um século mais tarde, já constituía a principal atividade econômico-produtiva dos primeiros colonizadores.

O território da Banda Oriental ao norte do rio Negro foi povoado e colonizado primeiramente por portugueses. A colonização portuguesa da região insere-se no processo de colonização do Rio Grande do Sul, iniciado em 1627 na região das Missões, pertencentes à Espanha. O comércio de gado e produtos derivados, como o couro, incentivou o estabelecimento de estâncias e intensificou o povoamento.

O estabelecimento de estâncias também é consequência da distribuição de sesmarias no Rio Grande do Sul, seja por requerimento de particulares, por pagamento a militares que se desempenhavam na Colônia do Sacramento, ou, ainda, com vistas a controlar o abate do rebanho bovino.

Contudo, a ocupação da parte norte da Banda Oriental e a comercialização do gado e derivados, por parte dos portugueses, era vista com grande preocupação por parte das autoridades espanholas, que consideravam tais atividades ilícitas.

Além das contendas bélicas, a questão da posse dos territórios e pontos geográficos estratégicos no continente americano foi objeto de sucessivas contendas no terreno diplomático entre Portugal e Espanha. Sucederam-se, em ordem cronológica, os seguintes tratados de limites entre as duas coroas:

(1) Bula Intercaetera (1493): posiciona-se uma linha divisória a 100 léguas a oeste das ilhas dos Açores e Cabo Verde, a partir da qual Portugal ganha o direito de acesso a pequena porção territorial do continente americano.

(2) Tordesilhas (1494): desloca-se a linha, anteriormente definida, a 370 léguas a oeste das ilhas de Cabo Verde, ampliando o domínio português sobre o continente.

(3) Permuta (1750): a linha avança, sinuosamente, a oeste. Ao longo de seu traçado, no sentido norte-sul, procura acompanhar alguns cursos hidrográficos importantes, como os rios Paraguai e Uruguai. Contudo, ao sul do rio Quaraí, a demarcação é arbitrada na forma de linha imaginária, cujo traçado determina a cedência a Portugal de parte da Banda Oriental.

(4) Santo Ildefonso (1777): há um recuo da linha anterior, com penetração do domínio espanhol no atual território rio-grandense, na região do Alto Uruguai. A Banda Oriental é reintegrada à dominação espanhola. Estabelece-se também, no art. V do tratado, uma faixa de fronteira denominada zona neutral ou campos neutrais, correspondente aos atuais municípios de

Santa Vitória do Palmar e Chuí, na intenção de, finalmente, consolidar os limites entre as duas coroas.

A essas mudanças sucessivas de domínio territorial, há de se acrescentar, já no século XIX, a anexação da Banda Oriental a Portugal, sob a denominação de Província Cisplatina e a culminação do processo independentista uruguaio, em 1825, a partir do qual a República Oriental do Uruguai proclama sua soberania a toda dominação estrangeira.

A fixação de núcleos povoados na zona de fronteira insere-se nesse litígio histórico e produz-se pela decantação de acampamentos militares, entre idas e vindas das tropas de um e outro império, para um e outro lado. Quednau (1993, p. 31) cita Caggiani (1983) para referir o processo de povoamento da fronteira:

Esses acampamentos, em razão das condições das tropas e circunstâncias da luta, eram verdadeiros arraiais com galpões, ranchos e outras construções provisórias. Aí habitavam as mulheres que acompanhavam os soldados e também as famílias dos oficiais. Geralmente, esses acampamentos permaneciam muito tempo em um mesmo local. Assim, quando eram levantados, deixavam alguns de seus ocupantes, principalmente aqueles pertencentes aos ranchos do chamado comércio. Dessa forma, os exércitos sulinos foram deixando sementes de cidades. E começou o povoamento da fronteira.

A faixa terrestre localizada entre a lagoa Mirim e o oceano Atlântico constituiu corredor de passagem de tropas em uma e outra direção da fronteira. A importância estratégica desta região deve ser associada a razões de logística militar, uma vez que, numa ação militar, os exércitos terrestres podiam receber o apoio das forças navais. Devido a esse caráter estratégico, os espanhóis priorizaram a defesa dessa região de fronteira, ao contrário do território ao norte do rio Negro, o qual permaneceu à mercê da paulatina penetração portuguesa e, posteriormente, brasileira. Encravados na fronteira atlântica, como sentinelas atentos a qualquer movimento de tropas, os fortes de Santa Tereza e de São Miguel são, atualmente, testemunhas mudas dessa época de guerras e invasões.

Essa priorização de vigilância da fronteira atlântica e da faixa litoral marítima, que se estende da lagoa Mirim até o Rio da Prata, é um dos fatores que diferenciam o estágio lingüístico hoje verificável no Uruguai. A penetração do português é mínima nesta região, em contraste com outras regiões do território uruguaio, onde o contato, conforme atestam os estudos de Rona (1965), Hensey (1972), (Elizaincín, Behares e Barrios (1987) e Elizaincín (1992), é intenso. Observe-se que o primeiro censo uruguaio, realizado em 1860, contabiliza 200.000 habitantes, dos quais 40.000 são brasileiros, localizados, justamente, nas regiões norte e nordeste do território.

Na verdade, é preciso distinguir claramente que a região do Chuí talvez seja única a exercer demarcação limítrofe em que não se verifica avanço de domínio lingüístico, por parte do PB, em direção ao Uruguai. O restante da fronteira detém apenas a condição demarcatória, em virtude de convenções e tratados; ali a realidade lingüística, ao contrário, empurra a isoglossa para dentro do território uruguaio. Segundo Pi Hugarte e Vidart (1969, p. 42), a penetração em direção ao sul e a ocupação dos campos além do permitido pelos tratados de limites, por parte de contingentes colonizadores e fazendeiros brasileiros, processo que se acentuou durante o período da Província Cisplatina, formou uma corrente humana, econômica e cultural cujo limite expansionista parece ter sido o rio Negro.

Elizaincín (1992, p. 99-100) reproduz declarações de J. Varela, pedagogo e educador de vulto na história da escola uruguaia, que atestam que *“o Brasil, após contínuos e pacientes esforços, domina com seus súditos, proprietários do solo, quase todo o Norte da República: em toda esta zona, até o idioma nacional tem se perdido já, posto que é o português que se fala com maior generalidade”*. E comenta que, na verdade, não pode ter-se perdido o que nunca esteve definitivamente firmado. Elizaincín diz que o espanhol é implantado, atualmente, via escola, em pleno território uruguaio, como segunda língua, provocando o surgimento de dialetos mistos: *“Temos de chegar ao século 20 para começar a observar a penetração do espanhol na zona uruguaia de fala portuguesa, através dos esforços conjuntos das autoridades educacionais no sentido de generalizar coercitivamente a educação primária (naturalmente, ministrada em espanhol) em toda a zona”*

Outro aspecto que merece destaque, quanto à variedade do EU que faz contato com o PB na região do Chuí, remete às origens do povoamento e colonização do departamento uruguaio de Rocha, ao que pertence a cidade uruguaia do Chuy. Marsilio (1969, p. 38-9) aponta os seguintes fatos, que teriam determinado a formação da linguagem rochense, uma variedade muito mais conservadora e próxima do castelhano colonial:

(1) À época da fundação da cidade de Rocha (1793) - também por motivos de segurança do litoral marítimo - a população da região era formada por espanhóis de fala castelhana - canários, castelhanos e andaluzes.

(2) O crescimento de Rocha é quase exclusivamente vegetativo, ou seja, não recebe aportes migratórios de outras etnias.

(3) Até 1933, a cidade mantém comunicações muito precárias com Montevidéu, apenas mediante ligação, por estrada de chão batido, à cidade de Maldonado, onde iniciava a estrada asfaltada em direção à capital.

Marsilio (loc.cit.) comenta que, na linguagem rochense,

impressiona a desapareição quase total do “voseo”³ e a correta utilização do “tuteo”. O léxico, em geral, está impregnado de um sabor arcaico ; (...)

Para se ter uma idéia bem clara da vitalidade da fala rochense, devemos destacar que é em sua fronteira com o Brasil o único lugar pelo qual o espanhol tem penetrado a territórios luso-falantes. Esta penetração se verifica quase até Santa Vitória do Palmar.

Em resumo, os aspectos históricos acima referidos acerca da fronteira do Brasil com o Uruguai, relatam a instabilidade das regiões isoglóssicas entre o PB e o EU; põem em evidência o vaivém da história da dominação luso-hispânica ou hispano-lusitana; falam de um contato

³ Substituição do pronome pessoal reto “tú” pela forma “vos”, muito difundida no Uruguai e na Argentina.

lingüístico, a reboque de um contato histórico, nem sempre pacífico mas sempre presente desde os remotos tempos da conquista.

3. METODOLOGIA

3.1 Caracterização da amostra

3.1.1 Dados sobre a comunidade

Segundo dados do IBGE - Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, o município do Chuí contava, em 1996, com uma população de 3.176 habitantes: 1.619 mulheres e 1.517 homens. A densidade demográfica da zona urbana é de 333 habitantes por Km².

Estima-se um incremento de 30% da população em época de veraneio, composta de trabalhadores, na sua maioria artesãos ou ambulantes, devido ao grande afluxo de turistas à região. Essa parcela flutuante de trabalhadores é composta, principalmente, de pelotenses, riograndinos, vitorienses, cearenses e uruguaios.

O Chuí conta com, aproximadamente, 300 estabelecimentos comerciais, sendo, praticamente todos, microempresas. A economia da região, constituída essencialmente do comércio varejista de fronteira, sofreu impacto altamente negativo com a implantação do Mercado Comum do Sul - MERCOSUL - entre Brasil, Uruguai, Argentina e Paraguai, havendo-se verificado, em cinco anos, a redução do número de estabelecimentos comerciais, de quase 1.000 empresas para as atuais 300.

Encravado na linha de fronteira entre o Brasil e o Uruguai, ao sul da lagoa Mirim, o Chuí é protagonista histórico das rivalidades entre dois grandes mundos e sistemas culturais - o lusitano

e o hispânico, conforme relatamos em 2.2.5. A fim de reconstituir sumariamente sua história, valemo-nos dos dados compilados por Amaral (1972, p. 48-73):

A fixação do Chuí como núcleo de povoamento estável remonta ao ano de 1737, em que uma guarnição de dragões portugueses, composta de 12 homens, é destacada no arroio Chuí para proteger a fronteira. Esta guarda de avançada era parte das forças comandadas pelo Brigadeiro José da Silva Paes, que teve a seu cargo, na ocasião, a construção do forte de São Miguel.

Em 1763 ocorre a ocupação da região por forças espanholas, a mando do vice-rei Pedro de Ceballos, o qual toma a Colônia do Sacramento, a fortaleza de Santa Tereza e a vila do Rio Grande. Em 1776 se dá a reconquista portuguesa da vila do Rio Grande e a retomada dos territórios anteriormente invadidos pelos espanhóis, estabelecendo-se dois acampamentos avançados, nos locais de Albardão e Taim.

Em 1777, como já referido no item 2.2.5, o Tratado de Santo Ildefonso delimitou a região dos Campos Neutrais, que se estendia do Chuí até o arroio Taim, num esforço por estabilizar a fronteira. A região passou a ser “terra de ninguém” e nela procuravam refúgio contrabandistas, malfeitores e aqueles que tinham contas pendentes com uma ou outra coroa.

Em 1801, em decorrência da declaração de guerra de Espanha a Portugal, temeu-se que a vila de Rio Grande fosse novamente atacada. Por isso, foram recrutadas forças milicianas, as quais, articuladas com o exército português, reconquistaram as posições de Santa Tereza e São Miguel. A cidadela do Chuí, anteriormente estabelecida pelos espanhóis, foi “*reduzida a cinzas*”. A retomada permitiu que, acabada a guerra de 1801, os Campos Neutrais, junto com os Sete Povos das Missões Orientais, fossem incorporados a Portugal pelo princípio de *uti possidetis*, acordo formalizado no Tratado de Badajós, em 1803, entre as duas coroas. A partir de então, iniciou-se o repovoamento dos campos mediante o sistema de sesmarias.

Em 1851 a região foi incorporada, de forma definitiva, ao território do Brasil, mediante novo tratado de limites com o Uruguai, a partir do que se deu a implantação de marcos. O Chuí era, nessa época, um conjunto de ranchos e casas mais ou menos distantes entre si.

Em 1939, através de Lei Estadual n. 7.824, o povoado é promovido à condição de Vila do Chuí. E em 1995, após a frustração de dois processos anteriores - 1985 e 1991 -, cria-se o município do Chuí, com 210 Km² de área emancipada do município de Santa Vitória do Palmar, mediante Lei Estadual n. 10.666 de 28/12/95.

3.1.2 Seleção de informantes

A fim de formar o *corpus* para a presente pesquisa, foram selecionados 18 informantes, em número de 3 para cada célula, de cujas entrevistas resultou um universo de 945 dados referentes à ocorrência da lateral pós-vocálica.

Os informantes selecionados preencheram satisfatoriamente os seguintes requisitos:

- a) serem oriundos da região pesquisada;
- b) serem, preferencialmente, filhos de pessoas nascidas na região;
- c) terem vivido, pelo menos, $\frac{3}{4}$ partes de sua vida na região;
- d) serem bilíngües.

O bilingüismo, na verdade, é característica natural, inerente aos fronteiriços. Segundo observa Elizaincín (1992, p. 53), é impensável o contato sem o bilingüismo natural que dele decorre. De fato, todos os entrevistados respondiam afirmativamente quando indagados se eram bilíngües, o que foi sempre corroborado pelo entrevistador em trocas repentinas de código, durante as entrevistas.

3.2 Método de análise

3.2.1 Coleta de dados

O trabalho de campo foi realizado mediante entrevistas com temas livres. Geralmente, eram sugeridos temas que interessassem o entrevistado, isto é, que o envolvessem afetivamente.

Procurou-se, por parte do entrevistador, criar condições para a fala distensa, segundo recomendam Labov (1982) e Elizaincín (1992). Um dos aspectos que concorreram para deixar os informantes à vontade, consistia em conduzir a entrevista na própria linguagem do entrevistado, ou seja, procurando implementar, sobre a base lexical e morfossintática portuguesa, a fonética espanhola.

Obviamente, percebeu-se, em sondagens prévias à fase de coleta de dados, que o português desta região fronteiriça também possui forte influência espanhola nas áreas do léxico e da morfossintaxe. Contudo, resultava mais simples, por sistemático, efetuar trocas alofônicas em alguns segmentos, por empréstimo inventarial de uma língua para outra, o que resultava numa prosódia mais familiar que a da fala pelotense, por exemplo. Então, o entrevistador não palatizava as plosivas dentais, nas entrevistas, em seqüências como *dia* e *tia*, bem como preferia a articulação anterior das líquidas /l/ e /r/ em posição de coda.

As entrevistas foram gravadas mediante aparelho portátil, geralmente a descoberto. Em algumas ocasiões não foi revelado o porte do aparelho. Contudo, não se percebeu qualquer diferença ambiental, quanto à tensão/distensão da fala, sendo que todos os entrevistados souberam, anterior ou posteriormente à entrevista, que os textos transcritos - não o material magnético - seriam utilizados para fins de pesquisa acadêmica na área lingüística, com o que concordaram.

Os temas das entrevistas versavam sobre assuntos diversos, porém poderiam agrupar-se em torno dos seguintes eixos temáticos:

- situação da fronteira em face do Mercosul;
- situação da fronteira em face da emancipação do Chuí;
- rotinas do cotidiano;
- futebol e outros esportes;
- estudos, escola, cultura;
- carnaval, boates, clubes;
- história da fronteira;
- gauchismo, nativismo, regionalismo;
- problemas administrativos do novo município;
- política e economia;
- praia e pesca;
- outros.

A duração das entrevistas não teve tempo fixo, variando de 30 a 60 minutos, dependendo da concatenação de assuntos, da espontaneidade do informante e da fluidez temática. Em geral, o entrevistador procurava delinear questões largas, isto é, que suscitassem o desenvolvimento de assunto, em detrimento de questionamentos pontuais. A estratégia utilizada consistia em deixar o informante falar, sem interrupções ou propostas, a não ser que fosse necessário.

Não houve necessidade de aplicar outros instrumentos, tais como questionários ou listas de palavras para leitura.

3.2.2 Processamento de dados

Uma vez transcritos e codificados, os dados foram submetidos a processamento numérico mediante a utilização do sistema *Varbrul* de computação estatística.

O sistema *Varbrul* é definido por Scherre (1992, p. 1) como um sistema desenvolvido “com o objetivo de implementar modelos matemáticos que procuram dar tratamento

estatístico adequado a dados lingüísticos variáveis, analisados sob a perspectiva da variação laboviana”, o que torna sobremaneira oportuna sua disponibilidade para fins da análise.

Desenvolvido com base nos princípios algorítmicos propostos por D. Sankoff (1978), o *Varbrul* constitui um *software* de análise numérica composto de vários programas (*Checktok, Readtok, Makecell, Ivarb e Crosstab*), os quais permitem editar, armazenar, criticar, parametrizar, correlacionar e processar as informações provenientes do *corpus* consolidado na pesquisa.

A interpretação dos resultados estatísticos, tabulados no quarto capítulo, será realizada no quinto capítulo, em que se procederá à análise lingüística dos dados à luz do referencial teórico previamente apresentado.

A utilização do sistema *Varbrul* obedece a uma seqüência de passos operacionais, a saber:

- (1) Codificação dos dados
- (2) Digitação dos dados
- (3) Crítica dos dados
- (4) Otimização dos dados
- (5) Geração de células
- (6) Processamento estatístico
- (7) Cruzamento de variáveis

Pronta a transcrição dos dados, ocasião em que se utilizou a simbologia fonética para distinguir os diversos eventos relativos à produção, especialmente no referente ao sistema de variação alofônico em estudo e aos condicionamentos contextuais de ordem lingüística, procedeu-se à codificação dos dados, utilizando os valores de variáveis atribuídos no item 3.3. Nisso consistiu o passo (1) da seqüência operacional.

A digitação dos dados, passo (2), foi efetuada mediante o uso de um editor de textos. Em cada linha do arquivo, além da informação referente ao dado codificado, era incluído, em zona de texto de comentário, o dado *in natura*, bem como outras informações relevantes: número do informante e código da fita original que contém o dado.

O passo (3) ou crítica dos dados, a cargo do programa *Checktok*, consiste em verificar a consistência das informações digitadas, isto é, a eventual ocorrência de erros de digitação ou de inadequação dos códigos associados aos dados. A inadequação é testada pelo programa a partir de especificações previamente digitadas em arquivo separado, denominado arquivo de especificações.

Se forem detectados erros, edita-se o arquivo de dados (ou de especificações), a fim de depurá-lo, e retoma-se o processo no passo (3). Uma vez isento de erros, o arquivo gerado pelo *Checktok* é utilizado como arquivo de entrada para o passo (4).

O passo (4) consiste em executar o programa *Readtok*, o qual, a partir do arquivo gerado no passo anterior, otimiza os dados, retirando-lhes a zona de texto de comentário, ou seja, preparando-os para o próximo passo. É gerado um arquivo otimizado que servirá de entrada para o passo (5).

O passo (5) é o momento de geração de células, a cargo do programa *Makecell*. Estas células serão analisadas pelo próximo programa, no passo (6), em arquivo que é gerado neste passo. O *Makecell* também é responsável pelo fornecimento do percentual de aplicação dos fatores selecionados e sua frequência.

O processamento estatístico é executado no passo (6) pelo programa *Ivarb*, que toma, como entrada, o arquivo de células gerado no passo anterior. Como resultado do processamento, são selecionados os grupos de fatores significativos na variação, bem como os pesos relativos de cada fator.

O programa *Ivarb* determina, para cada grupo de fatores, seu grau de verossimilhança máxima - *log likelihood* -, e seu nível de significância - *significance* -, também denominado margem de erro, para a qual o valor ideal é zero. O peso relativo refere-se à concomitância ou concorrência dos outros grupos de fatores com o grupo em análise. Scherre (1993, p. 27) explica que “o programa trabalha com uma margem de erro de 5% (threshold .05), ou seja, se o nível de significância for acima deste valor, previamente arbitrado, os resultados não são considerados estatisticamente significativos.”

Segundo Scherre (1992, p. 133), o peso relativo pode ser interpretado como a maior ou menor chance de realização de uma variante. Pode-se pensar que um certo fator tem efeito intermediário quando seu peso oscila em torno de 0.50; acima desse valor será favorável, enquanto abaixo será inibidor.

3.3 Definição de variáveis

3.3.1 Variável dependente

A variável dependente é a forma de realização fonética da lateral pós-vocálica, que pode apresentar três variantes, às quais atribuímos os seguintes códigos:

A - variante alveolar,

V - variante velar e

W - variante vocalizada.

Denominamos alveolarização à realização da variante alveolar. De forma análoga, os fenômenos de velarização e vocalização referem-se à realização da variante velar e da vocalizada, respectivamente.

3.3.2 Variáveis independentes

As Variáveis Independentes a serem consideradas constituem grupos de fatores de ordem interna à língua - fatores lingüísticos - e de ordem externa - fatores extralingüísticos.

Entretanto, tal separação deve ser considerada apenas para fins de análise numérica, já que, no plano real, há condicionamentos sociais, por exemplo, que atuam não apenas sobre formas variantes mas sobre contextos que, por sua vez, também são condicionamentos, de ordem lingüística. Elizaincín (1992, p. 50) refere-se a este complexo relacionamento entre o lingüístico e o social, um plano interagindo com o outro, e questiona: *“O que é puramente lingüístico? Como se pode falar da causa, e, imediatamente, tentar encaixá-la em “lingüística” ou “étnica”, como se fossem categorias intercambiáveis? Na realidade, não é uma coisa ou outra, mas ambas, porém atuando de forma e em momentos diferentes.”*

3.3.2.1 Fatores lingüísticos

3.3.2.1.1 Vogal precedente

Importa verificar, através da observação do contexto precedente, o favorecimento que a vogal possa exercer sobre a realização da lateral bem como a possível ocorrência de processos fonológicos de carácter progressivo na realização de cada variante.

Amaral (1996, p. 48), ao pesquisar o fenómeno de abaixamento das vogais [i] e [u] no português da campanha gaúcha, analisa a hipótese de que “os processos de assimilação mais frequentes partem da sílaba tónica em direção aos extremos das palavras”, entendendo que assim pode resultar comum a assimilação progressiva em sílabas pós-tónicas.⁴ Para o abaixamento de vogais, o autor efetivamente detecta, a partir da seleção efetuada pelo programa Ivarb, a significância de aspectos articulatórios do contexto precedente ao segmento pesquisado.

Quednau (1993, p. 50) afere a importância do contexto fonológico precedente na vocalização da lateral ao verificar que tanto maior resulta a aplicação da regra quanto mais difere a lateral da vogal precedente, no que se refere à altura.

Para pesquisar a significância do contexto fonológico precedente na realização fonética da lateral, estabelecemos sete fatores neste grupo, cada um correspondendo a uma vogal do PB.

Os seguintes códigos foram atribuídos aos fatores deste grupo:

a - vogal [a];

b - vogal [O];

c - vogal [o];

⁴ O autor refere que estudos anteriores dão conta do carácter progressivo da assimilação, conforme já observara Vieira (1994, apud Amaral, op.cit., p. 48), ao estudar a neutralização de vogais médias em sílabas pós-tónicas.

d - vogal [u];

e - vogal [E];

f - vogal [e];

g - vogal [i].

3.3.2.1.2 Tipo de sílaba quanto ao acento

O acento pode constituir, no ato da fala, evento relevante na determinação ou condicionamento de diversos fenômenos. Aspectos relativos à tonicidade da sílaba, sua posição em relação à tônica ou, ainda, a distância a que se encontra da tônica a sílaba onde ocorre o fenômeno em estudo, são parâmetros que têm sido controlados em diversos estudos de vogais, como em Bisol (1981), Silva (1989), Callou, Leite e Coutinho (1991), e Amaral (1996), dentre outros.

Entretanto, Bisol (1991), em vez de atribuir maior relevância à tonicidade, observa que, em processos de assimilação, interessa focalizar a posição do “gatilho” da regra, que poderá localizar-se ou não na sílaba tônica, e aferir a distância a que dele se encontra o segmento em estudo.

Em estudos de consoantes líquidas, Monaretto (1992), ao pesquisar a realização da vibrante, e Quednau (1993), ao pesquisar a vocalização da lateral pós-vocálica, não advertem no acento papel significativo no condicionamento da variação alofônica dos segmentos envolvidos embora, na pesquisa da lateral, o programa Ivarb o tenha selecionado como segundo grupo de fatores mais significativo.

No presente trabalho importa conferir, mais que o papel atribuído à tônica, como fator relevante em certos processos fonológicos - conforme referido no item 3.3.2.1.1 -, a participação do acento na configuração de qualquer condicionamento fonológico, mediante a associação com fatores de contexto precedente ou de contexto seguinte à lateral, seja no sentido de favorecer ou não determinado fenômeno.

Aos fatores deste grupo atribuímos os seguintes códigos:

h - sílaba tônica;

i - sílaba pré-tônica;

j - sílaba pós-tônica⁵.

3.3.2.1.3 Lugar de Constrição do contexto fonológico seguinte

É indiscutível a importância do contexto fonológico seguinte em processos de assimilação como, por exemplo, na harmonização vocálica.

A investigação do contexto seguinte, no presente trabalho, responde à pressuposição de que é provável que ocorra algum processo assimilatório regressivo na realização das variantes pesquisadas mas, principalmente, prende-se ao interesse em determinar nuances do condicionamento que tal contexto venha a exercer sobre a lateral. Quednau (1993), ao estudar a vocalização da lateral e detectar o forte favorecimento da regra por parte de consoantes de tipo velar, palatal e lateral no contexto seguinte, ao passo que verificava sua inibição diante de uma vogal subsequente, já demonstrara a significância desse contexto na variação da lateral pós-vocálica.

Ao considerarmos, neste grupo, o Lugar de Constrição segundo Clements e Hume (1995) - Ponto de C para consoantes e Ponto de V para vogais, buscamos um critério para analisar ambos os tipos de segmento segundo aspectos articulatórios comuns, em torno dos quais possam, eventualmente, ser estabelecidas classes naturais.

No plano fônico, a pausa constitui silêncio ou ausência de som, delimitando uma unidade sonora. A pausa também pode significar, na superfície fonética, a concretização de um final de palavra, ou seja, a delimitação, a nível morfossintático, da fronteira vocabular de um item lexical.

⁵ Além das átonas finais, como em 'fácil', são incluídas nesta categoria as sílabas pós-tônicas não-finais de palavras proparoxítonas, como em 'pênalti'. Ressalve-se, contudo, que apenas uma ocorrência de átona não-final aparece em todo o *corpus* da pesquisa, sendo que todos os demais dados referentes a pós-tônicas correspondem ao tipo de sílaba átona final.

Em todo caso, a pausa possui um valor fonético próprio que pode ser contrastado a valores de outros contextos, de natureza consonantal ou vocálica, desde que lhe seja atribuído status equivalente.

Assim, os fatores deste grupo receberam as seguintes atribuições de código:

k - labial: [p], [b], [f], [v], [m];

l - coronal: [i], [E], [e], [t], [d], [s], [z], [ʃ], [Z], [tʃ], [dZ], [n], [l], [r], [ñ], [λ];

m - dorsal: [a], [O], [o], [u], [k], [g], [x], [r];

n - pausa.

3.3.2.1.4 Ponto de articulação da consoante seguinte

A constatação, durante a coleta de dados, da ocorrência de uma forma alveolar da lateral em posição pós-vocálica, em competição com as formas velar e vocalizada justificaria a inclusão deste grupo de fatores a fim de analisar, em separado, o condicionamento do ponto de articulação alveolar para essa variante.

Assim sendo, a utilidade deste grupo no elenco das variáveis a analisar consistiria, primeiramente, em alternativa de subespecificação do traço [coronal] relativo ao Ponto de C, segundo Clements e Hume (1995), cujo leque, no que diz respeito aos segmentos consonantais, abrange tanto o ponto de articulação alveolar quanto o palatal.

Em segundo lugar, ao serem mantidos os demais pontos de articulação como fatores deste grupo, interessou-nos apreciar também os resultados da análise estatística e probabilística desses contextos, intuindo de antemão que o critério de ponto de articulação segundo a fonética tradicional, em razão de sua maior especificação, poderia resultar mais significativo no intuito de melhor compreender o comportamento de aspectos correlatos mais específicos do condicionamento articulatorio da lateral.

Aos fatores deste grupo atribuímos os seguintes códigos:

- o - bilabial: [p], [b], [m];
- p - labiodental: [f], [v];
- q - alveolar: [t], [d], [s], [z], [n], [l], [r], [r]
- r - palatal: [j], [Z], [ñ], [λ];
- s - velar: [k], [g], [x];
- / - não se aplica: vogais e pausa.

3.3.2.1.5 Modo de articulação da consoante seguinte

Quednau (1993, p. 52) percebe a influência do modo de articulação do segmento seguinte sobre a realização da lateral, uma vez que, ao comentar o favorecimento da variante vocalizada por parte de uma lateral em contexto seguinte, se vale do modo lateral para propor, através da lei do menor esforço de produção, a diferenciação fonética entre as duas ocorrências consecutivas da lateral, a primeira em posição de coda e a segunda em posição de *onset*.

Ademais, a presença deste grupo de fatores na análise permite completar a configuração do segmento consonantal constituinte do contexto seguinte à lateral, no que se refere a seu evento articulatorio.

Os fatores deste grupo foram assim codificados:

- t - plosiva: [p], [b], [t], [d], [k], [g];
- u - fricativa: [f], [v], [s], [z], [j], [Z];
- v - africada: [tʃ], [dʒ];
- w - líquida: [l], [λ], [x], [r], [r];
- x - nasal: [m], [n], [ñ];
- / - não se aplica: vogais e pausa.

3.3.2.1.6 Tipo de fronteira vocálica

A combinação de uma lateral pós-vocálica em coda silábica com contexto seguinte vocálico caracteriza, em posição de fronteira vocálica, uma situação de sândi, qualificado como sândi externo por extensão do tipo de junção da fronteira vocálica - junção externa.

Segundo Bisol (1992, p. 88) “*os fenômenos de sândi externos são governados pela ressilabação, que automaticamente ocorre quando se encontram palavras que formem em suas fronteiras a seqüência VV⁶, independentemente da categoria das vogais*”.

Na seqüência formada pela lateral pós-vocálica e uma vogal subsequente, também pode ocorrer ressilabação, o que forçaria a realização da variante alveolar por deslocamento da lateral da coda de uma sílaba para o *onset* da sílaba seguinte.

A fim de avaliar o comportamento da lateral em tal processo, Quednau (1993, p. 41) controla a ocorrência do sândi, o qual define como “variação morfofonêmica de condicionamento fonológico que pode ocorrer na junção entre lexemas”.

No presente trabalho, atribuímos os seguintes códigos aos fatores deste grupo:

- y - fronteira vocálica com sândi;
- z - fronteira vocálica sem sândi;
- / - não se aplica: coda não-final e pausa.

⁶ A seqüência VV refere-se à combinação vogal + vogal.

3.3.2.2 Fatores extralingüísticos

Ao estudar a variação da lateral pós-vocálica no português gaúcho, Quednau (1994, p. 144) detecta a relevância dos fatores extralingüísticos em seu condicionamento, especialmente do grupo étnico:

Isso é suficiente para justificar que [t~w] é uma variável sociolingüística, embora tenha o caráter de regra telescópica no sentido de que desenvolve um caminho natural de evolução, facilmente detectável e previsível. Portanto, a variação de [t] ou [w] depende principalmente do grupo étnico a que o indivíduo pertence, sendo favorecida relativamente por outros elementos lingüísticos (...).

Assim como em outros estudos de cunho variacionista do português gaúcho, como o referente à vibrante em Monaretto (1992), a relevância do grupo étnico denuncia a influência que exerce outra língua - alemão, italiano, espanhol - sobre o português por ocasião do contato.

Em nosso estudo, isolou-se a variável referente à etnia. Inserindo-se numa linha de pesquisa lingüística que procurará abranger toda a zona de fronteira com o Uruguai e com a Argentina, o presente trabalho restringe-se à região do Chuí, definindo o objeto da análise como a variedade dialetal utilizada por essa comunidade fronteiriça. Assim, ao aceitar como pressuposto a tese do condicionamento lingüístico do português da fronteira por contato com o espanhol, parte-se para a avaliação de outros aspectos extralingüísticos que também possam constituir fatores da variação.

Os grupos de fatores referentes ao sexo e à escolaridade, previstos na versão inicial do projeto da presente pesquisa, foram mais tarde desconsiderados.

No que diz respeito ao sexo, embora Paiva (1992, p. 69) assegure que as mulheres, sendo mais conservadoras que os homens no aspecto lingüístico, “favorecem a ocorrência de formas mais prestigiadas socialmente”, em estudos recentes de variação, Monaretto (1992, p. 74), Quednau (1993, p. 47) e Amaral (1996, p. 75) demonstram que o sexo não exerce

influência na variação dos processos fonológicos por eles analisados, referentes à variação da vibrante, da lateral pós-vocálica e do abaixamento de vogais, respectivamente.

Na presente pesquisa não notamos, desde os primeiros momentos da coleta de dados, graus significativos de variação que pudessem ser atribuídos predominantemente a homens ou a mulheres. Ao contrário, observava-se, quanto ao sexo, bastante regularidade na distribuição das formas alofônicas da lateral.

Referentemente à escolaridade, Votre (1992, p. 77-9) questiona o papel da escola, isoladamente, na atribuição de pressões regularizadoras de formas lingüísticas. Após discorrer sobre a dicotomia prestígio/estigmatização de formas, na heterogeneidade discursiva, o autor entende que há todo um conjunto de agentes, alguns institucionalizados, que se conjugam na configuração do condicionamento extralingüístico, como a igreja, o clube, o partido, o sindicato. Assim, Votre considera que a questão normatizadora não pode ser responsabilidade única da escola e afirma que *“o compartilhamento das experiências, o fato de a consciência ser social e o esforço de cada interlocutor em dar conta das tarefas comunicativas de modo a garantir-lhe prestígio e êxito comunicativo nos contextos mais sofisticados de que participa garantem-lhe o domínio das formas típicas dos usuários desses contextos.”*

Assim, preferimos incluir em nosso trabalho um grupo de fatores denominado grau de contato com outras variedades dialetais do PB, em que, como veremos no item 3.3.2.2.2, procuramos conjugar vários aspectos que atuam como forças de standardização, como a própria instituição escola e a televisão.

3.3.2.2.1 Faixa etária

A inclusão deste grupo de fatores, comum em estudos de problemas sócio-lingüísticos, justifica-se como critério de caracterização da alternância entre as variantes pesquisadas, que poderia constituir variação estagnada ou mudança.

Consideram-se neste grupo três faixas. A faixa inicial, de falantes mais jovens, permite detectar eventuais inovações no sistema lingüístico da comunidade pesquisada. A faixa intermediária revela, em tese, as formas lingüísticas de uso estável. Finalmente, na última faixa etária podem localizar-se formas que, na perspectiva diacrônica, poderiam estar caindo em desuso na comunidade.

Atribuímos aos fatores deste grupo os seguintes códigos:

- 1 - até 25 anos;
- 2 - de 26 a 45 anos;
- 3 - mais de 45 anos.

3.3.2.2.2 Grau de contato com outras variedades dialetais do PB

Como vimos anteriormente, já superados os litígios históricos de domínio territorial da fronteira, a comunidade do Chuí, assim como todo o município de Santa Vitória do Palmar, manteve-se por muito tempo isolado do resto do Brasil, com comunicações extremamente precárias. Como consequência natural desse isolamento, sobrevém o alto grau de influência da cultura hispano-americana e a integração natural com o Uruguai, através do contato direto e permanente com a comunidade da homônima cidade do Chuy, do lado uruguaio, bem como, na atualidade, pelo afluxo constante de turistas e comerciantes da região do Prata.

O condicionamento lingüístico insere-se, obviamente, nesse condicionamento cultural, o qual somente nas últimas décadas, graças à penetração da televisão e à construção da rodovia BR 471, apresenta, por parte do PB, influência crescente sobre o Chuí. Assim, a comunicação com outras comunidades brasileiras, não-fronteiriças, possibilita o contato com outras variedades dialetais do contínuo PB. Estas, por estarem menos expostas ao contato com o EU, se assemelham mais ao constructo de variante padrão do PB, passando a exercer influência sobre a linguagem chuiense. No tocante à lateral pós-vocálica, é assim que o *default* do PB, ou seja, a variante vocalizada ingressa no sistema de variação do Chuí.

No presente trabalho, foi possível compreender que tal influência resulta configurada por vários aspectos que poderiam, por si só, constituir fatores de fenômenos lingüísticos. Procuramos, então, de acordo com o maior ou menor grau de participação conjugada desses aspectos “forâneos” no cotidiano dos entrevistados, atribuir maior ou menor grau de influência, por parte de outras variedades dialetais do PB.

Selecionamos três aspectos que, a nosso critério, podem exercer pressão no sentido de antagonizar, por parte do PB, a influência do EU sobre a variedade diale tal desta região da fronteira, a ponto de atenuá-la ou até neutralizá-la:

- a televisão (com canais e programação brasileiros), assistida por, no mínimo, uma hora por dia;

- a instituição escola, com a presença de professor(es) oriundo(s) de comunidades brasileiras não-fronteiriças, como as cidades de Santa Vitória do Palmar, Rio Grande ou Pelotas, por exemplo;

- a participação diária ou quase diária na vida de alguma outra comunidade brasileira, não-fronteiriça, como a cidade de Santa Vitória do Palmar, seja para fins de estudo ou de trabalho.

Se o informante preenchesse um dos requisitos acima, receberia grau intenso de contato com outras variedades dialetais do PB; em caso contrário, era-lhe atribuído grau moderado.

Isto posto, estabelecemos dois fatores para este grupo, de acordo com a intensidade do contato com outras variedades dialetais do PB, aos quais atribuímos os seguintes códigos:

- 4 - contato intenso;

- 5 - contato moderado.

As variáveis envolvidas na análise da lateral pós-vocálica são, resumidamente:

Variável Dependente:

- A - variante alveolar [l];
- V - variante velar [ɫ];
- W - variante vocalizada [w].

Variáveis lingüísticas:

Vogal precedente:

- a - vogal [a];
- b - vogal [O];
- c - vogal [o];
- d - vogal [u];
- e - vogal [E];
- f - vogal [e];
- g - vogal [i].

Tipo de sílaba quanto ao acento:

- h - sílaba tônica;
- i - sílaba pré-tônica;
- j - sílaba pós-tônica.

Lugar de Construção do contexto fonológico seguinte:

- k - labial: [p], [b], [f], [v], [m];
- l - coronal: [i], [E], [e], [t], [d], [s], [z], [ʃ], [ʒ], [tʃ], [dʒ], [n], [l], [r], [ɲ], [λ], [r];
- m - dorsal: [a], [O], [o], [u], [k], [g], [x];
- n - pausa.

Ponto de articulação da consoante seguinte:

- o - bilabial: [p], [b], [m];
- p - labiodental: [f], [v];
- q - alveolar: [t], [d], [s], [z], [n], [l], [r], [r]
- r - palatal: [j], [Z], [ñ], [λ];
- s - velar: [k], [g], [x];
- / - não se aplica: vogais e pausa.

Modo de articulação da consoante seguinte:

- t - plosiva: [p], [b], [t], [d], [k], [g];
- u - fricativa: [f], [v], [s], [z], [j], [Z];
- v - africada: [tj], [dZ];
- w - líquida: [l], [λ], [r], [r], [x];
- x - nasal: [m], [n], [ñ];
- / - não se aplica: vogais e pausa.

Tipo de fronteira vocábular:

- y - fronteira vocábular com sândi;
- z - fronteira vocábular sem sândi;
- / - não se aplica: coda não-final e pausa.

Variáveis extralinguísticas:

Faixa etária:

- 1 - até 25 anos;
- 2 - de 26 a 45 anos;
- 3 - mais de 45 anos.

Grau de contato com outras variedades dialetais do PB

- 4 - contato intenso;

5 - contato moderado.

4. ANÁLISE ESTATÍSTICA: Descrição e Discussão de Resultados

4.1 Análise geral dos grupos de fatores

No total de dados coletados, constituindo um *corpus* de 945 ocorrências da lateral em posição pós-vocálica, as três variantes referentes à sua realização fonética, isto é, à Variável Dependente da pesquisa, apresentam a seguinte distribuição:

(09)

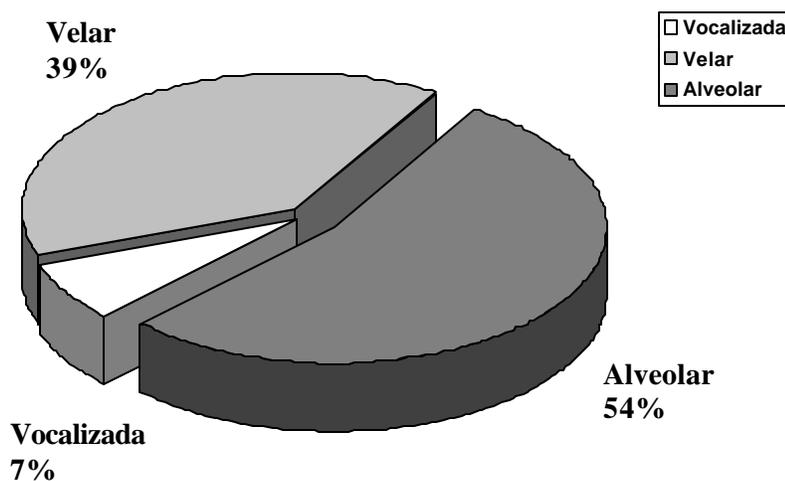


FIGURA 8 - Distribuição das variantes

A distribuição das variantes no *corpus* coletado no município do Chuí, conforme representado no gráfico acima, corresponde aos seguintes valores numéricos:

- Variante alveolar: 512 ocorrências - 54%

- Variante velar: 365 ocorrências - 39%
- Variante vocalizada: 68 ocorrências - 7%.

Nos tópicos seguintes veremos, através da descrição e discussão de resultados da análise de cada grupo de fatores, o peso relativo ou índice probabilístico de cada fator bem como a distribuição da frequência das variantes da Variável Dependente para cada um desses contextos.

O índice probabilístico pode ser entendido como a força ou o grau de influência ou de determinação que um fator exerce para que uma certa variante ocorra. A variante terá mais ou menos chance de ocorrer quanto maior ou menor resultar o peso relativo ou índice probabilístico do fator em análise.

A distribuição da frequência das variantes [l], [ɫ] e [w], também denominada índice de aplicação, consiste no número de ocorrências que cada variante ou forma apresenta no contexto referente ao fator em análise. Tal número de ocorrências é expresso na forma percentual onde o total de ocorrências de /l/ corresponde a 100%.

Durante o processamento de análise, o *Varbrul* contrapõe cada grupo de fatores à Variável Dependente. A contraposição de cada grupo a cada uma das variantes da Variável Dependente foi realizada em separado, em três execuções diferentes do programa *Ivarb*. A partir de tais análises estatísticas, foram montadas tabelas que buscam facilitar a visualização e comparação dos resultados obtidos para as três variantes, ao tabulá-los de forma matricial.

Sempre que conveniente a uma melhor descrição dos resultados estatísticos, as tabelas são comentadas a partir de duas leituras ou abordagens: uma vertical, procurando comparar os fatores de um mesmo grupo entre si, e uma horizontal, pondo em foco cada uma das variantes concorrentes a fim de apresentá-las de modo contrastivo.

4.1.1 Vogal precedente

(10)

TABELA 1
Frequência e probabilidade da vogal precedente

	vogal [a]	vogal [O]	vogal [o]	vogal [u]	vogal [E]	vogal [e]	vogal [i]	total
[l]	240 49% .46	27 44% .31	34 52% .49	68 82% .77	32 52% .35	28 50% .43	83 62% .65	512
[t]	197 41% .51	33 53% .77	26 40% .58	13 16% .34	28 46% .69	25 45% .42	43 32% .33	365
[w]	48 10% .61	2 3% .38	5 8% .41	2 2% .17	1 2% .33	3 5% .54	7 5% .49	68
total	485	62	65	83	61	56	133	945

A vogal precedente [a] apresenta peso relativo de .61 para a variante [w], sugerindo favorecimento do fenômeno de vocalização, embora com índice de aplicação de apenas 10%. O mesmo não ocorre com as variantes [l] e [t], para as quais este fator se revela neutro, com pesos relativos de .46 e .51 respectivamente. Os percentuais de alveolarização e velarização apresentam também índices muito próximos entre si e pouco abaixo de 50%, aplicação de 49% para a forma alveolar e de 41% para a forma velar, confirmando uma concorrência bastante equilibrada dessas duas variantes para este fator.

A vogal precedente [O] favorece a variante [t], com peso relativo de .77. Já as variantes [l] e [w] apresentam valores baixos na análise deste fator.

A vogal precedente [o] mostra discreto favorecimento da variante [t], com peso relativo de .58, enquanto seu efeito não é determinante para a variante [l], isto é, mostra-se neutra, com um peso relativo de .49. A relação entre as duas variantes, em termos percentuais, com valores próximos do ponto intermediário, sugerem, também para este fator, uma disputa equilibrada. Relativamente à variante [w] a vogal precedente [o] tem peso relativo de .41, o que denota seu desfavorecimento, embora de modo discreto.

A vogal precedente [u] é fator francamente favorecedor da variante [l], com peso relativo de .77 e índice de alveolarização de 82%. As variantes [ɔ] e [w], entretanto, apresentam baixos valores para este fator.

A vogal precedente [E] favorece a variante [ɔ], com peso relativo de .69, enquanto desfavorece as variantes [l] e [w], ambas as apresentando baixos valores na análise deste fator: respectivamente, .35 e .33.

A vogal precedente [e] apresenta uma situação de equilíbrio relativo entre as três variantes concorrentes, todas com pesos relativos não muito distantes do ponto neutro: .43 para [l], .42 para [ɔ] e .54 para [w].

A vogal precedente [i] é um fator que favorece a variante [l], apresentando peso relativo de .65. Para a variante [w] o fator mantém-se neutro, com peso relativo de .49, enquanto desfavorece a variante [ɔ], para a qual apresenta peso relativo de .33.

A leitura horizontal da matriz permite observar que, em termos probabilísticos, o desempenho da variante alveolar resulta claramente favorecida pelas vogais precedentes [u] e [i], ou seja, pelas vogais altas. Tal determinação é coerente com os dados obtidos por Quednau (1993, p.49-50), onde a autora verifica que [i] e [u] são os contextos precedentes que menos favorecem a vocalização, tendendo a preservar a “forma original” (alveolar). Há de se notar, ainda, que, quanto à sua aplicação, a forma alveolar apresenta índices percentuais que, comparativamente aos das outras variantes concorrentes, sinalizam seu predomínio em todos os contextos menos para a vogal [O].

A variante velar resulta claramente favorecida, quanto à probabilidade de realização, pelas vogais precedentes [O] e [E] e, de modo mais discreto, pela vogal [o], sendo os três fatores vogais não altas. No que se refere à sua aplicação, a forma velar ocorre com mais frequência quando antecedida pela vogal [O] e com bem menos frequência quando antecedida por vogal alta. Para os demais contextos, os percentuais de aplicação situam-se ao redor de 40%, valores

que não podem ser absolutamente desprezados uma vez que, em se tratando de variável dependente ternária, cada variante concorre com outras duas formas.

A variante vocalizada resulta favorecida pela vogal precedente [a], sendo que é também neste contexto que apresenta frequência menos baixa, comparativamente aos outros fatores do grupo.

No que se pode verificar até aqui, a altura da vogal precedente mostra-se determinante na realização fonética da lateral. Tal constatação, como já referido, corrobora a observação de Quednau (1993) no que diz respeito à preservação da forma alveolar quando precedida de vogal alta. Contudo, apontemos que, ao contrário do que observa a autora para a generalidade do português gaúcho, as vogais não altas favorecem, na comunidade estudada, não apenas a realização da forma vocalizada. A forma velar, presente no português da fronteira gaúcha, também apresenta índices probabilísticos e de aplicação importantes, até superiores aos da forma vocalizada.

4.1.2 Tipo de sílaba quanto ao acento

(11)

TABELA 2
Frequência e probabilidade de tipo de sílaba quanto ao acento

	tônica	pré-tônica	pós-tônica	total
[l]	400 60% .54	72 36% .41	40 53% .38	512
[t]	219 33% .45	115 57% .61	31 41% .68	365
[w]	49 7% .52	15 7% .48	4 5% .34	68
total	668	202	75	945

A tabela acima mostra que a sílaba tônica resulta neutra para as três variantes, com todos seus pesos relativos próximos de .50. Quanto aos índices de aplicação, a variante [l] ocorre em

60% das sílabas tônicas, enquanto que as variantes [ɔ] e [w] são pouco freqüentes neste contexto.

O fator sílaba pré-tônica favorece a variante [ɔ], com peso relativo de .61, mostrando-se neutra para a variante [w], com peso relativo de .48, e com tendência inibidora da variante [l], com peso relativo de .41. O melhor percentual de aplicação também corresponde à variante [ɔ], indicando que 57% das ocorrências de lateral pós-vocálica em sílaba pré-tônica são realizadas na forma velar.

A sílaba pós-tônica também favorece a variante [ɔ], com peso relativo de .68, enquanto inibe as variantes [l], com peso relativo de .38, e [w], com peso relativo de .34. A forma mais freqüente, entretanto, corresponde à variante [l], com aplicação de 53%.

Ao comparar o desempenho probabilístico das três variantes, verifica-se que este grupo de fatores evidencia favorecimento apenas da forma velar, quando posicionada em sílaba pré-tônica ou pós-tônica. Contudo, tal favorecimento não é muito expressivo nem é confirmado em termos de aplicação.

A variante vocalizada, embora não sendo favorecida em nenhum dos três contextos, obtém melhores índices probabilísticos em sílabas tônicas, com peso relativo de .52, e pré-tônicas, com peso relativo de .48, enquanto resulta inibida em sílabas pós-tônicas, com peso relativo de .34. Esse melhor desempenho da variante vocalizada em sílabas tônicas e pré-tônicas, em oposição à pós-tônica, é coerente com o apontado por Quednau (1993, p.48):

Os resultados dessa variável mostram um comportamento semelhante da lateral pós-vocálica em sílabas tônicas e pré-tônicas, revelando que a vocalização da lateral é (mais) favorecida nessas duas posições. Percebe-se, ainda, que os valores próximos dessas categorias opõem-se aos valores bastante baixos referentes às átonas finais. Nessa posição, a lateral tende a ser preservada.

4.1.3 Lugar de Construção do contexto fonológico seguinte

(12)

TABELA 3
Frequência e probabilidade de Lugar de Construção do contexto fonológico seguinte

	labial	coronal	dorsal	pausa	total
[l]	34 21% .28	234 71% .64	68 46% .33	176 58% .56	512
[t]	123 75% .67	67 20% .32	65 44% .70	110 36% .51	365
[w]	7 4% .70	28 9% .42	14 10% .65	19 6% .40	68
total	164	329	147	305	945

Novamente todo o *corpus* da pesquisa vem constituir o universo analisado para este grupo de fatores, uma vez que a variável Lugar de Construção (Clements e Hume, 1995) do contexto fonológico seguinte compreende tanto o Ponto de C de segmento consonantal quanto o Ponto de V de segmento vocálico seguinte e, por outro lado, a pausa também foi incluída no estudo desta variável enquanto pode apresentar propriedades determinantes, na produção fonética da lateral, que podem ser contrastadas com o comportamento de outros fatores.

O traço [labial] do contexto seguinte favorece as variantes [w], com peso relativo de .70, e a variante [ɔ], com peso relativo de .67. O percentual de 75% de aplicação da variante [ɔ] reforça esse favorecimento. De outra parte, a variante [l] é inibida por este fator, apresentando peso relativo de .28 e aplicação de 21%.

O traço [coronal] do contexto seguinte comporta-se como fator favorecedor da variante [l], com peso relativo de .64, o mesmo não ocorrendo para as variantes [ɔ] e [w]. A variante [l] ocorre em 71% dos casos em que a lateral pós-vocálica é seguida de um contexto com traço [coronal].

O traço [dorsal] do contexto seguinte favorece a variante [ɔ], com peso relativo de .70, e a variante [w], com peso relativo de .65.

A pausa, como contexto seguinte, comporta-se de forma neutra para as variantes [l] e [ɔ], com leve desfavorecimento da variante [w], onde apresenta peso relativo de .40.

A variante alveolar apresenta os melhores resultados estatísticos, quanto ao seu desempenho por fator, quando o contexto seguinte é de traço [coronal], predominando também nesse contexto sobre as demais variantes concorrentes. De outra parte, é para o traço [labial] que esta variante apresenta os índices mais baixos, tanto no aspecto probabilístico, com peso relativo de .28, quanto no de aplicação, com percentual de aplicação de apenas 21%.

A variante velar é a forma de realização fonética mais provável da lateral quando no contexto seguinte há o traço [dorsal], embora seu índice de aplicação, para este fator, seja quase idêntico ao da variante alveolar, o que tende a amenizar tal favorecimento. A variante velar também apresenta bom desempenho para o traço [labial], em termos de probabilidade e de aplicação.

A variante vocalizada apresenta maior chance de realização quando seguida de contexto com traço [labial], embora sua frequência nesse contexto atinja apenas 4%. Também o traço [dorsal] confere a esta variante bom desempenho estatístico, onde, além de apresentar índice probabilístico de .65, ocorre em 10% dos casos, sendo este o percentual de aplicação menos baixo da forma vocalizada, comparativamente aos demais fatores do grupo.

4.1.4 Ponto de articulação da consoante seguinte

(13)

TABELA 4
Frequência e probabilidade de ponto de articulação da consoante seguinte

	bilabial	labiodental	alveolar	palatal	velar	total
[l]	17 13% .24	18 47% .77	192 69% .74	1 13% .03	14 17% .11	242
[t]	104 83% .77	18 47% .20	63 23% .25	5 63% .93	62 77% .92	252
[w]	5 4% .38	2 5% .37	24 9% .68	2 25% .47	4 5% .16	37
total	126	38	279	8	80	531

Na análise estatística desta variável, os segmentos vocálicos, aos quais no ponto de articulação consonantal não se aplica, e a pausa não foram considerados.

O ponto de articulação bilabial favorece significativamente a variante [ɸ], com peso relativo de .77 e aplicação de 83%. Tal favorecimento fora também assinalado por Quednau (1993, p. 52).

O ponto de articulação labiodental favorece significativamente a variante [l], com peso relativo de .77, embora o índice de aplicação desta variante tenha resultado idêntico ao da variante [ɸ], com 47%. A variante [ɸ], com peso relativo de .20, é a forma que apresenta menor favorecimento por parte deste fator.

O ponto de articulação alveolar favorece de forma expressiva a variante [l], com peso relativo de .74 e aplicação de 69%. Também a variante [w] resulta favorecida por este fator, apresentando peso relativo de .68. Já a variante [ɸ] resulta inibida neste contexto, com peso relativo de .25 e aplicação de 23%.

O ponto de articulação palatal parece favorecer, de modo contundente, a realização da variante [ɸ], uma vez que apresenta peso relativo de .93 e aplicação de 63%. Contudo, o reduzido número de casos verificados no *corpus* da presente pesquisa, de apenas 8 ocorrências, faz que os resultados da análise tenham de ser tomados com ressalva e requer, em coletas futuras, a ampliação dos dados para este contexto a fim de melhor pesquisar o efeito deste fator.

O ponto de articulação velar favorece amplamente a variante [ɸ], com peso relativo de .92 e aplicação de 77%. As variantes [l], com peso relativo de .11 e aplicação de 17%, e [w], com peso relativo de .16 e aplicação de 5%, apresentam valores muito baixos para este fator, denunciando sua inibição.

A variante alveolar resulta amplamente favorecida por um contexto seguinte de ponto labiodental ou alveolar. Tal favorecimento parece encontrar fundamento natural no ponto de articulação da própria lateral, na sua forma alveolar. Nesses contextos a variante alveolar também se mostra predominante sobre as demais formas concorrentes.

A variante velar apresenta melhores índices probabilísticos quando o contexto seguinte é de ponto palatal ou velar. O ponto bilabial também favorece bastante esta variante apresentando, ainda, elevado percentual de aplicação. Pode-se constatar, a partir desses resultados, que a forma velar atinge excelente desempenho estatístico quando não há, no que se refere ao ponto, qualquer componente dental ou alveolar. Com relação aos contextos palatal e velar, resulta lógico entender que os falantes, na sua maioria, tendam a produzir antes a forma velar já que na produção de ambos os segmentos, na seqüência velar-palatal ou velar-velar, há a elevação da língua procurando o palato. Para o fator bilabial, os números indicam que os falantes preferem também produzir a forma velar, sugerindo que a articulação da lateral em posição menos anterior da cavidade oral lhes seja, talvez, mais fácil para a imediata articulação de segmento bilabial seguinte.

Nos três contextos em que a variante velar apresenta os melhores resultados estatísticos, bilabial, palatal e velar, a mesma também predomina sobre as demais variantes concorrentes, tanto em termos de probabilidade quanto em termos de aplicação.

A variante vocalizada apresenta seu melhor desempenho estatístico, em termos de probabilidade, quando o ponto de articulação do contexto seguinte é alveolar, tendo este, nesse caso, um peso relativo de .68. Fora o contexto palatal, com resultados pouco confiáveis devido ao número tão reduzido de ocorrências, é também no contexto alveolar que se verifica o maior índice de vocalização.

4.1.5 Modo de articulação da consoante seguinte

(14)

TABELA 5
Frequência e probabilidade de modo de articulação da consoante seguinte

	plosiva	fricativa	africada	nasal	total
[l]	196 63% .73	34 37% .31	1 25% .96	11 9% .12	242
[t]	89 29% .23	52 57% .79	1 25% .01	110 89% .90	252
[w]	27 9% .64	5 5% .40	2 50% .84	3 2% .24	37
total	312	91	4	124	531

Os segmentos vocálicos, aos quais não se aplica o modo de articulação de consoante, e a pausa não foram considerados para a análise estatística deste grupo de fatores.

O modo de articulação de consoante plosiva favorece claramente a variante [l], com peso relativo de .73 e aplicação de 63%. Também a variante [w] resulta bastante favorecida por este fator, com peso relativo de .64. Entretanto, a variante [ɸ] tem pouca chance de realização diante do modo plosivo do contexto seguinte.

O modo fricativo favorece bastante a variante [ɸ], apresentando peso relativo de .79. Para as demais variantes, o fator apresenta índices probabilísticos discretos.

Apenas quatro ocorrências de consoante africada em contexto seguinte à lateral encontramos em todo o universo da pesquisa, o que inviabiliza conclusões a respeito deste fator. Será necessário, em coletas futuras, ampliar o conjunto de dados referente a este contexto, de forma semelhante ao fator de ponto de articulação palatal. Por ora, desconsideraremos este fator no presente trabalho para fins de análise.

O modo de articulação nasal favorece largamente a variante [ɸ], com peso relativo de .90, sendo que apresenta aplicação de 89%. De outra parte, o fator revela-se inibidor das variantes [l], com peso relativo de .12 e aplicação de 9%, e [w], com peso relativo de .24 e aplicação de 2%.

Sem considerar o modo de articulação africada, verifica-se que a variante alveolar é bem favorecida pelo modo de articulação de consoante plosiva em contexto seguinte. Neste contexto, a variante alveolar também predomina sobre suas concorrentes.

A variante velar é francamente favorecida pelo modo de articulação nasal, onde seu predomínio é absoluto, opondo-se aos muito baixos índices das formas concorrentes.

A variante vocalizada, sem considerar o modo africado, onde atinge sua maior chance de realização, é favorecida pelo modo plosivo, onde, se bem não predomina sobre as formas concorrentes, apresenta índice probabilístico bastante próximo da variante predominante - a alveolar.

4.1.6 Tipo de fronteira vocabular

TABELA 6
Frequência e probabilidade de tipo de fronteira vocálica

	com sândi			sem sândi			total
[l]	94	86%	.67	95	49%	.40	189
[t]	3	3%	.10	89	46%	.77	92
[w]	12	11%	.69	8	4%	.39	20
total	109			192			301

Apenas 301 dados constituem ocorrências da lateral pós-vocálica em fronteira vocálica não seguida de pausa.

A presença de sândi apresenta-se como fator igualmente favorecedor das variantes [l], com peso relativo de .67, e [w], com peso relativo de .69, sugerindo equilíbrio, em termos de probabilidade, embora com ampla margem de vantagem da forma alveolar sobre a vocalizada, em termos de aplicação. Tal vantagem, conforme apurado por Quednau (1993, p. 51-2), resulta mais significativa para um corpus com dados oriundos de diversas variedades dialetais, isto é, em termos de uma descrição mais genérica do português gaúcho.

Na presença do sândi, a variante [ɔ] atinge resultados muito baixos, tanto de probabilidade quanto de aplicação, o que sugere que resulta inibida neste contexto. Entretanto, a variante [ɔ] passa a ser favorecida pela ausência do sândi, situação em que apresenta peso relativo de .77. Neste contexto, as variantes [l] e [w] apresentam índices discretos de probabilidade, embora a variante [l] atinja, quanto à sua aplicação, um desempenho algo melhor que a forma velar.

Embora os percentuais de aplicação não confirmem todos os respectivos índices de probabilidade, as variantes predominantes neste grupo de fatores são a vocalizada e a alveolar para a fronteira vocálica com sândi e a velar para a fronteira vocálica sem sândi.

4.1.7 Faixa etária

(16)

TABELA 7
Frequência e probabilidade de faixa etária

	até 25	26 a 45	mais de 45	total
[l]	94 49% .45	140 51% .44	278 59% .56	512
[t]	65 34% .41	119 43% .58	181 38% .49	365
[w]	34 18% .71	18 6% .54	16 3% .39	68
total	193	277	475	945

Na faixa de até 25 anos de idade é favorecida a variante [w], com peso relativo de .71, embora o percentual de aplicação seja de apenas 18%. Para as variantes [l] e [t] esta faixa etária apresenta índices de probabilidade bastante próximos: .45 e .41 respectivamente.

Na faixa de 26 a 45 anos de idade verifica-se uma situação de relativo equilíbrio entre as variantes [t] e [w], com respectivos índices probabilísticos de .58 e .54, ligeiramente mais favorecidas que a variante [l].

Na faixa de mais de 45 anos de idade verifica-se discreto favorecimento da variante [l], com peso relativo de .56, praticamente em equilíbrio com a variante [t], que apresenta peso relativo de .49.

A variante alveolar apresenta os melhores percentuais de aplicação nas três faixas etárias, embora tenha mais chance de realização entre falantes de mais idade, onde também predomina sobre as outras formas concorrentes. Há de se notar, contudo, que não há muita diferença entre os índices probabilísticos nem entre os percentuais de aplicação da variante alveolar referentes

às diferentes faixas etárias, o que evidencia uma distribuição bastante uniforme desta forma fonética entre os falantes.

A variante velar atinge os melhores resultados estatísticos na faixa intermediária, embora de modo bastante equilibrado com a variante vocalizada. Nas outras faixas etárias os índices probabilísticos da forma velar também não são muito baixos, aproximando-se bastante dos referentes à forma alveolar.

A variante vocalizada apresenta melhor desempenho entre falantes de até 25 anos, onde também predomina sobre suas concorrentes. O percentual de aplicação da variante vocalizada, nesta faixa etária, é o mais alto desta forma entre as três faixas analisadas. Na faixa de 26 a 45 anos, a variante vocalizada também atinge um bom índice probabilístico, comparativamente aos das concorrentes nesta faixa, pouco abaixo da forma velar.

4.1.8 Grau de contato com outras variedades dialetais do PB

(17)

TABELA 8

Freqüência e probabilidade de grau de contato com outras variedades do PB

	intenso	moderado	total
[l]	165 41% .32	347 64% .64	512
[t]	185 46% .61	180 33% .42	365
[w]	55 14% .73	13 2% .32	68
total	405	540	945

O contato intenso com outras variedades dialetais do PB favorece a variante [w], com peso relativo de .73, apesar de apresentar baixo percentual de aplicação: apenas 14%. Este

fator também favorece a variante [ɔ], embora de modo mais discreto, com peso relativo de .61. A variante [l] resulta inibida por este fator, com peso relativo de .32.

Em contrapartida, o contato moderado com outras variedades dialetais do PB favorece a variante [l], com peso relativo de .64 e percentual de aplicação de 64%. Para a variante [t] o fator tem peso relativo de .42 e para a variante [w] tem peso relativo de .32, evidenciando sua inibição.

A variante alveolar tem mais chance de realização entre falantes com contato moderado com outras variedades dialetais do PB, sendo entre estes que ocorre, de fato, com maior frequência: 64% de aplicação. A variante tem claro predomínio sobre suas concorrentes para este fator. De outro lado, a forma alveolar apresenta, entre falantes com contato intenso, o índice probabilístico mais baixo de todas as situações analisadas neste grupo de fatores: apenas .32. Interpreta-se que o fenômeno de alveolarização da lateral pós-vocálica mais tende a ocorrer quanto mais moderado for o contato com outras variedades dialetais do PB e, ao contrário, é inibida diante de um contato mais intenso.

A variante vocalizada tem mais chance de realização entre falantes com contato intenso com outras variedades dialetais do PB, apresentando índice probabilístico de .73, o que assinala não apenas o predomínio da forma vocalizada para este fator mas também o peso relativo mais alto de todas as situações analisadas neste grupo de fatores. No outro extremo, a variante vocalizada tem índice probabilístico de apenas .32 entre falantes com contato moderado com outras variedades dialetais do PB, o mais baixo peso relativo resultante da análise deste grupo de fatores. Interpreta-se que, de maneira inversa ao comportamento da forma alveolar, o fenômeno de vocalização mais tende a ocorrer quanto mais intenso for o contato com outras variedades dialetais do PB e, ao contrário, é inibida diante de um contato mais moderado.

A variante velar tem mais chance de realização entre falantes que mantêm contato intenso com outras variedades dialetais do PB, entre os quais também ocorre com maior frequência. Contudo, para ambos os grupos a forma velar situa-se entre as outras duas formas

concorrentes, aparecendo como força intermediária entre os fenômenos de alveolarização e de vocalização, respectivamente predominantes.

4.2 Análise dos grupos de fatores significativos

Os grupos de fatores significativos constituem todas as variáveis que foram selecionadas na fase de *Stepup* e que também não foram eliminadas na fase de *Stepdown* do programa *Ivarb* no processamento de análise de cada variante da Variável Dependente.

Para a variante alveolar, os grupos de fatores que resultaram significativos são, na ordem em que foram selecionados pelo programa *Ivarb*:

- 1) ponto de articulação da consoante seguinte;
- 2) modo de articulação da consoante seguinte;
- 3) grau de contato com outras variedades dialetais do PB;
- 4) tipo de fronteira vocábular;
- 5) vogal precedente;
- 6) faixa etária.

Para a variante velar, os grupos de fatores que resultaram significativos são, na ordem em que foram selecionados pelo programa *Ivarb*:

- 1) ponto de articulação da consoante seguinte;
- 2) modo de articulação da consoante seguinte;
- 3) tipo de fronteira vocábular;
- 4) grau de contato com outras variedades dialetais do PB;
- 5) vogal precedente;
- 6) tipo de sílaba quanto ao acento.

Para a variante vocalizada, os grupos de fatores que resultaram significativos são, na ordem em que foram selecionados pelo programa *Ivarb*:

- 1) grau de contato com outras variedades dialetais do PB;
- 2) faixa etária;
- 3) modo de articulação da consoante seguinte;
- 4) vogal precedente;

5) tipo de fronteira vocabular.

Pode-se fazer um contraste entre as variantes, no que tange aos grupos de fatores que resultaram significativos, procurando estabelecer aspectos comuns de condicionamento entre os fenômenos de alveolarização, velarização e vocalização da lateral pós-vocálica.

Sendo que há grupos de fatores internos, ou seja, de natureza lingüística, e outros externos, de natureza extralingüística, procedemos a contrastá-los separadamente. Vejamos, primeiramente, os condicionamentos lingüísticos.

4.2.1 Condicionamentos lingüísticos

A ordem de seleção dos grupos de fatores lingüísticos, por parte do programa *Ivarb*, mostra que há uma mesma relação de significância entre os mesmos, para as variantes alveolar e velar, e que essa relação de significância é bastante semelhante também entre tais variantes e a vocalizada. O quadro abaixo apresenta, de modo comparativo, a ordem de significância dos condicionamentos lingüísticos das três variantes.

(18)

QUADRO 2
Ordem de significância dos condicionamentos lingüísticos

Variantes	Grupos de fatores lingüísticos				
Alveolar	1) ponto articulação consoante seguinte	2) modo articulação consoante seguinte	3) tipo fronteira vocabular	4) vogal precedente	
Velar	1) ponto articulação consoante seguinte	2) modo articulação consoante seguinte	3) tipo fronteira vocabular	4) vogal precedente	5) sílaba quanto ao acento
Vocalizada		1) modo articulação consoante seguinte	2) vogal precedente	3) tipo fronteira vocabular	

Para as três variantes o programa *Ivarb* selecionou como grupos significativos de fatores o modo de articulação, o tipo de fronteira vocábular e a vogal precedente. Para as variantes alveolar e velar foi também selecionado o ponto de articulação da consoante seguinte. Para a variante velar foi também selecionado o tipo de sílaba quanto ao acento.

O ponto de articulação da consoante seguinte é o grupo de fatores mais significativo para as variantes alveolar e velar. Segue-lhe o modo de articulação da consoante seguinte, o qual aparece como o grupo mais significativo para a variante vocalizada.

Nas três variantes o modo de articulação da consoante seguinte resulta mais importante que o tipo de fronteira vocábular, o qual, nas variantes alveolar e velar, se encontra logo a seguir. Na variante vocalizada o grupo seguinte ao modo de articulação, em ordem de significância, é a vogal precedente.

Nas variantes alveolar e velar a vogal precedente é o grupo que segue ao tipo de fronteira vocábular. Na variante vocalizada esta relação é inversa, ou seja, após a vogal precedente aparece o tipo de fronteira vocábular.

Percebe-se uma lógica comum no condicionamento dos fenômenos de alveolarização e de velarização, menos compartilhada por parte da vocalização. O enfoque comparativo revela, ainda, que essa lógica, no que tange aos fatores lingüísticos, é de essência articulatória já que o ponto e o modo de articulação são mais significativos.

Outra evidência que pode ser destacada é que o contexto seguinte é mais significativo que o precedente no condicionamento do fenômeno, sendo que essa maior significância é ainda mais forte nas variantes alveolar e velar, uma vez que inclui, nesses casos, tanto o ponto quanto o modo de articulação da consoante seguinte. Na variante vocalizada, o condicionamento do contexto seguinte refere-se apenas ao modo de articulação.

4.2.2 Condicionamentos extralingüísticos

No que diz respeito aos grupos de fatores extralingüísticos, verifica-se que também há aspectos comuns no condicionamento das três variantes concorrentes. A ordem de significância dos condicionamentos extralingüísticos das três variantes é apresentado, de modo comparativo, no quadro abaixo.

(19)

QUADRO 3
Ordem de significância dos condicionamentos extralingüísticos

Variantes	Grupos de fatores extralingüísticos
Alveolar	1) grau de contato com outras variedades do PB 2) faixa etária
Velar	1) grau de contato com outras variedades do PB
Vocalizada	1) grau de contato com outras variedades do PB 2) faixa etária

O grupo grau de contato com outras variedades dialetais do PB resulta significativo para as três variantes, sendo que para a vocalizada constitui o grupo de fatores mais importante, tendo sido selecionado pelo programa *Ivarb* em primeiro lugar, ou seja, antes mesmo que quaisquer grupos de fatores lingüísticos. Na variante alveolar o grau de contato é o terceiro grupo de fatores, em ordem de significância. Na variante velar o grupo aparece em quarto lugar.

Para as variantes alveolar e vocalizada, foi selecionado também o grupo faixa etária, sendo que é na vocalizada que este grupo resulta bem mais significativo, aparecendo em segundo lugar no processo de seleção do programa *Ivarb*, antes do primeiro grupo de fatores lingüísticos selecionado. Na variante alveolar o grupo aparece em sexto lugar, em ordem de significância.

O grupo de fatores referentes ao grau de contato revela-se mais significativo que o referente à faixa etária nas duas variantes em que ambos foram selecionados, isto é, na alveolar e na vocalizada. Porém na vocalizada os grupos estão muito mais próximos entre si, em termos de significância, que na alveolar.

Percebe-se que os condicionamentos lingüísticos são bem mais decisivos que os extralingüísticos na realização das variantes alveolar e velar, ao contrário do que ocorre na variante vocalizada, onde os fatores extralingüísticos adquirem grande relevância.

Para a variante alveolar, observa-se que o grupo faixa etária, apesar de não eliminado pelo programa *Ivarb*, aparece em último lugar na lista de variáveis selecionadas e não aporta índices probabilísticos menores que .41 ou maiores que .60, que representem favorecimentos ou inibições importantes, tendendo muito mais à neutralidade. Daí que o condicionamento relativo ao contato com outras variedades dialetais do PB resulte ser o único grupo de fatores extralingüísticos significativo.

No caso da velar, apenas o grau de contato foi selecionado pelo programa *Ivarb*, mesmo assim apresentando somente um grau muito discreto de favorecimento do fenômeno.

Interpreta-se que os fenômenos de alveolarização e de velarização da lateral são fenômenos distribuídos de forma bastante regular no universo da pesquisa, quanto à idade e ao grau de contato com outras variedades dialetais do PB, fazendo com que as causas determinantes da realização de uma ou outra variante devam ser buscadas nos grupos de fatores lingüísticos.

4.3 Análise dos fatores significativos

Dentre os fatores pertencentes a um certo grupo significativo, alguns concorrem decisivamente para exercer condicionamento, ou seja, para favorecer ou inibir a ocorrência de uma certa variante. Outros, entretanto, comportam-se de modo a não favorecer nem inibir o fenômeno, ou seja, resultam não significativos ou neutros. No presente trabalho considera-se que um fator é realmente significativo quando apresenta índice probabilístico menor que .41, como inibidor, ou maior que .60, como favorecedor.

Ao contrário, entende-se que índices probabilísticos discretos, isto é, situados entre .41 e .60, expressam, por situar-se em relativa proximidade do ponto neutro, tendências apenas ligeiras a favorecer ou inibir um certo fenômeno. Na verdade, prefere-se estabelecer que tais valores, próprios de uma faixa intermediária, concorrem muito mais no sentido de afirmar o caráter neutro ou inexpressivo do fator em análise.

A fim de melhor discutir e aprofundar aspectos inerentes a cada fenômeno, de forma específica, passaremos a considerar em separado os resultados da análise de cada variante.

Para cada uma procederemos a elencar, primeiramente, todos os fatores que lhe são significativos. Isto permitirá visualizar o conjunto de contextos favorecedores e inibidores de cada fenômeno. Serão também comentados alguns cruzamentos entre grupos significativos de fatores, efetuados mediante uso do programa *Crosstab*.

Ao efetuar o cruzamento de alguns grupos significativos de fatores, no que se refere ao condicionamento da realização de uma variante, fizemos as seguintes constatações: alguns fatores favorecedores, quando associados a outros fatores favorecedores, aumentam o grau de aplicação, sugerindo maior favorecimento, o mesmo ocorrendo para certos fatores inibidores, os quais, associados a outros inibidores, reduzem o grau de aplicação, sugerindo maior inibição do fenômeno. Essa propriedade é natural uma vez que as duas forças combinadas, em cada situação, condicionam o fenômeno em um mesmo sentido.

Diferentemente, fatores favorecedores associados a inibidores constituem forças contrárias, em cujo cruzamento irá prevalecer aquela que se revelar superior, sendo que tal superioridade nem sempre corresponde à mera relação numérica entre os valores estatísticos, e seus índices originais poderão ser mais ou menos atenuados por ação da sua oponente, ocorrendo amiúde uma tendência a neutralizar o fenômeno, reduzindo, neste caso, o condicionamento de favorecimento ou de inibição.

Os resultados propiciados por tais tipos de cruzamento permitem melhor compreender os processos fonológicos envolvidos, a partir de eventuais associações entre grupos de fatores, seja no sentido de favorecer, seja no de inibir cada fenômeno.

Finalmente, procuraremos efetuar contrastes entre os condicionamentos referentes às diferentes variantes entre si.

4.3.1 Fatores significativos para a variante alveolar

Examinaremos, pois, os fatores significativos de cada uma das variantes, a começar pela variante alveolar. O quadro abaixo mostra, na ordem em que os grupos foram selecionados, os fatores relativos ao fenômeno de alveolarização da lateral pós-vocálica.

(20)

QUADRO 4
Fatores condicionadores do fenômeno de alveolarização de /l/

<i>Favorecedores</i>	<i>Inibidores</i>
<ul style="list-style-type: none"> - consoante seguinte labiodental ($p=.77$) ou alveolar ($q=.74$) - consoante seguinte plosiva ($t=.73$) - contato moderado com outras variedades dialetais do PB ($5=.64$) - fronteira vocabular com sândi ($y=.67$) 	<ul style="list-style-type: none"> - consoante seguinte palatal ($r=.03$), velar ($s=.11$) ou bilabial ($o=.24$) - consoante seguinte nasal ($x=.12$) ou fricativa ($u=.31$) - contato intenso com outras variedades dialetais do PB ($4=.32$)

- vogal precedente alta [u] (d=.77) ou [i] (g=.65)	- vogal precedente baixa [O] (b=.31) ou [E] (e=.35)
---	--

Observa-se que nem todos os grupos significativos possuem fatores significativos para os dois tipos de condicionamento - de favorecimento e de inibição: o grupo tipo de fronteira vocabular resulta significativo na medida em que favorece a alveolarização quando ocorre sândi nesse contexto; já a ausência de sândi comporta-se como fator neutro para a ocorrência da variante alveolar.

No que se refere à vogal precedente, percebe-se que não são todas as vogais baixas que inibem a alveolarização, permanecendo a vogal baixa [a] como fator neutro para este fenômeno.

Apresentamos abaixo os resultados de cruzamentos efetuados pelo programa Crosstab entre alguns dos fatores significativos para a alveolarização.

4.3.1.1 Cruzamentos de fatores favorecedores da alveolarização⁷

(21)

TABELA 9
Cruzamentos de fatores favorecedores da alveolar

FATORES	APLICAÇÃO	EXEMPLOS
alveolar + plosiva	174 = 86% 203	<i>futebo[ld]e, ma[ld]onado, fa[lt]ar</i>
labiodental + [i] precedente	$\frac{4}{5} = 80\%$	<i>s[ilv]a, difíc[ilv]izinha, bras[ilf]ácil</i>
alveolar + [u] precedente	$\frac{39}{45} = 87\%$	<i>m[ult]a, b[uld]ogue, s[uln]aquele</i>
alveolar + [i] precedente	$\frac{37}{52} = 71\%$	<i>hum[ild]e, m[ilt]ijolo, n[ilz]a, w[ils]on</i>
plosiva + [u] precedente	41 = 77% 53	<i>c[ult]ural, s[ulp]or, ra[ulk]ota</i>
plosiva + [i] precedente	$\frac{33}{38} = 87\%$	<i>bras[ilk]omo, h[ild]a, difíc[ilp]ra</i>
contato moderado + labiodental	$\frac{13}{23} = 57\%$	<i>sa[lv]aram, reso[lv]ido, corone[lf]ulano</i>
contato moderado + alveolar	$\frac{135}{163} = 83\%$	<i>vo[lt]a, fa[lt]am, facu[ld]ade</i>
contato moderado + plosiva	144 = 73% 196	<i>dífc[ilp]ra, brasi[lk]omo, pape[ld]ele</i>
contato moderado + sândi	$\frac{59}{61} = 97\%$	<i>fáci[l]eu, futebo[l]assim, inundáve[l]ou</i>
contato moderado + [u] precedente	40 = 91% 44	<i>fac[ul]dade, s[ul], m[ul]ta</i>
contato moderado + [i] precedente	$\frac{54}{74} = 73\%$	<i>civ[il], s[il]veira, n[il]za</i>
sândi + [u] precedente	4 = 100% 4	<i>mercos[ul]a, s[ul]achava, s[ul]até</i>
sândi + [i] precedente	$\frac{15}{18} = 83\%$	<i>fác[il]eu, bras[il]eles, m[il]oitocentos</i>

No cruzamento de fatores favorecedores do grupo de fatores ponto de articulação com os de modo de articulação da consoante seguinte, a associação do ponto alveolar ao modo plosivo configura os segmentos [t] e [d]: *futebo[ld]e, ma[ld]onado, fa[lt]ar*. Esta associação

⁷ Utiliza-se a notação “+”, na forma “fator a + fator b” para indicar associação de fatores, independentemente de tratar-se de condicionamentos de sentido igual (ambos favorecedores ou inibidores)

eleva os percentuais verificados para cada um dos fatores em separado, apresentando 174 ocorrências de alveolarização em 203 casos, o que significa aplicação de 86%. Tal índice reforça a tese da importância do contexto seguinte para a articulação alveolar da lateral.

No cruzamento do grupo ponto de articulação da consoante seguinte com o de vogal precedente, a associação do ponto labiodental da consoante seguinte à vogal [i] precedente eleva os percentuais desses fatores para 80% de aplicação, ressalvado o reduzido número de dados para este contexto - 4 ocorrências em 5 casos: *s[ilv]a*, *difíc[ilv]izinha*, *bras[ilf]ácil*. O ponto alveolar da consoante seguinte, associado à vogal [u] precedente apresenta também elevado índice de alveolarização: 87% correspondentes a 39 ocorrências em 45 casos: *m[ult]a*, *b[uld]ogue*, *s[uln]aquele*. Ainda para este cruzamento de grupos, a associação do ponto alveolar da consoante seguinte à vogal precedente [i] também redundava em aplicação elevada da variante alveolar, registrando-se 37 ocorrências em 52 casos, o que equivale a um índice de 71%: *hum[ild]e*, *m[ilt]ijolo*, *n[ilz]a*, *w[ils]on*.

Ao cruzar o grupo modo de articulação da consoante seguinte com o de vogal precedente, o modo plosivo da consoante seguinte e a vogal precedente [u], quando associados, mostram aplicação de 77% da variante alveolar, correspondentes a 41 ocorrências sobre 53 casos: *c[ult]ural*, *s[ulp]or*, *ra[ulk]ota*. Neste mesmo cruzamento de grupos, a associação do modo plosivo à vogal [i] apresenta aplicação de 87% da variante alveolar, equivalentes a 33 ocorrências sobre 38 casos: *bras[ilk]omo*, *h[ild]a*, *difíc[ilp]ra*.

Os valores resultantes dos cruzamentos entre fatores favorecedores referentes ao contexto precedente e ao contexto seguinte evidenciam que, embora relativos a aspectos diferentes de produção, a associação de ambos os condicionamentos, quando favorecedores, é fortemente determinante da realização alveolar.

O fator de contato moderado com outras variedades dialetais do PB, ao associar-se a fatores lingüísticos favorecedores, concorre para elevar o índice de alveolarização de cada fator, considerado separadamente. É o que ocorre quando combinado com consoante seguinte

ou antagônico (um favorecedor e outro inibidor).

labiodental, em seqüências como *sa[lv]aram*, *reso[lv]ido* e *corone[lf]ulano*, com 57% de aplicação; com consoante seguinte alveolar, em seqüências como *vo[lt]a*, *fa[lt]am* e *facu[ld]ade*, com 83% de aplicação; com consoante plosiva, em seqüências como *difíci[lp]ra*, *brasi[lk]omo* e *pape[ld]ele*, com 73% de aplicação; com sândi na fronteira vocabular, em seqüências como *fáci[l]eu*, *futebo[l]assim* e *inundáve[l]ou*, com 97% de aplicação; com vogal [u] precedente, em seqüências como *fac[ul]dade*, *s[ul]* e *m[ul]ta*, com 91% de aplicação; e com vogal precedente [i], em seqüências como *civ[il]*, *s[il]veira* e *n[il]za*, com 73% de aplicação.

O cruzamento do grupo tipo de fronteira vocabular com o de vogal precedente também reforça ou aumenta o índice de alveolarização ao associar-se a ocorrência de sândi na fronteira vocabular à vogal precedente [u], atingindo 100% de aplicação: *mercos[ul]a*, *s[ul]até*; ou à vogal [i], atingindo 83% de aplicação, ressalvado o reduzido número de casos verificados para esse contexto: *bras[il]eles*, *m[il]oitocentos*.

4.3.1.2 Cruzamentos de fatores inibidores da alveolarização

(22)

TABELA 10
Cruzamentos de fatores inibidores da alveolar

FATORES	APLICAÇÃO	EXEMPLOS
palatal + fricativa	$\frac{0}{4} = 0\%$	<i>acol[ɔ̃]oado, isabel[Z]á</i>
velar + fricativa	$\frac{2}{6} = 33\%$	<i>de[lx]ei, difíci[lx]esponder</i>
bilabial + nasal	$\frac{6}{90} = 7\%$	<i>rea[lm]ente, igua[lm]as, igua[lm]isturando</i>
bilabial + [E] precedente	$\frac{0}{7} = 0\%$	<i>mao[E]lbandeira, ans[E]lmi</i>
nasal + [E] precedente	$\frac{0}{6} = 0\%$	<i>ans[E]lmo</i>
contato intenso + velar	$\frac{2}{30} = 7\%$	<i>fo[lk]lore, sina[lk]e</i>
contato intenso + bilabial	$\frac{7}{53} = 13\%$	<i>rea[lm]ente, su[lp]or, futebo[lp]or</i>
contato intenso + nasal	$\frac{6}{59} = 10\%$	<i>brasi[lm]um, mi[lm]ovecentos, su[lm]aquele</i>
contato intenso + fricativa	$\frac{13}{41} = 32\%$	<i>de[lr]ei, ce[ls]o, ba[ls]a</i>
contato intenso + [O] precedente	$\frac{6}{29} = 21\%$	<i>s[Ol]eles, futeb[ol]por, v[Ol]te</i>
contato intenso + [E] precedente	$\frac{10}{18} = 56\%$	<i>migu[El]a, samu[El], hot[El]</i>

No cruzamento de fatores inibidores do grupo ponto de articulação com os de modo de articulação da consoante seguinte, a associação do ponto palatal ao modo fricativo, ou seja, os segmentos [j] e [Z], como em *acol[**ɔ̃**]oado, isabel[**Z**]á*, anulam completamente a alveolarização da lateral, não havendo sido registrada nenhuma ocorrência do fenômeno. Contudo, ressalve-se que essa associação ocorreu muito pouco no *corpus* pesquisado, com apenas 4 casos verificados. É também reduzido o número de casos encontrados para o cruzamentos do ponto

velar com o modo fricativo. Nessa associação, que configura a vibrante posterior, representada como [x], registra-se um índice de apenas 33% de aplicação, correspondendo a 2 ocorrências da variante alveolar sobre 6 casos, nas seqüências *de[lx]ei* e *difíci[lx]esponder*. O ponto bilabial, associado ao modo nasal, conforma o segmento [m], que apresenta um índice de apenas 7% de aplicação da alveolar, correspondente a 6 ocorrências sobre 90 casos desse contexto: *rea[lm]ente*, *igua[lm]as*, *igua[lm]isturando*.

Nas três associações acima observa-se sensível redução dos índices de alveolarização originais de cada fator, considerados separadamente, evidenciando que os fatores desfavoráveis ao processo, ao agir em um mesmo sentido de condicionamento, de forma conjugada, obtêm maior grau de inibição.

A forma alveolar é totalmente inibida em combinações da vogal precedente [E] com consoante seguinte bilabial, em seqüências como *mano[E]lbandeira* e *ans[E]lmi*, e com consoante nasal, em seqüências como *ans[E]lmo*, ressalvado o escasso número de casos verificados para tais cruzamentos.

Fatores lingüísticos inibidores, quando associados ao contato intenso com outras variedades dialetais do PB, concorrem para reduzir o índice de alveolarização com exceção da vogal precedente [E], com a qual se mantêm um valor bastante aproximado dos respectivos índices originais da associação: 56% em seqüências como *migu[El]a*, *samu[El]* e *hot[El]*. Observam-se índices resultantes de valor inferior aos originais de cada fator nas seguintes associações do fator contato intenso: consoante seguinte velar, com 7% de aplicação nas seqüências *fo[lk]lore* e *sina[lk]e*; consoante seguinte bilabial, com 13% de aplicação em seqüências como *rea[lm]ente*, *su[lp]or* e *futebo[lp]or*; consoante seguinte nasal, com 10% de aplicação em seqüências como *brasi[lm]um*, *mi[lm]ovecentos* e *su[lm]aquele*; consoante seguinte fricativa, com 32% de aplicação em seqüências como *de[lr]ei*, *ce[ls]o* e *ba[ls]a*; e vogal [O] precedente, com 21% de aplicação em seqüências como *s[Ol]eles*, *futeb[ol]por* e *v[Ol]te*.

4.3.1.3 Cruzamentos de fatores favorecedores com inibidores da alveolarização

(23)

TABELA 11

Cruzamentos de fatores favorecedores versus inibidores da alveolar

FATORES	APLICAÇÃO	EXEMPLOS
alveolar + nasal	$\frac{4}{33} = 12\%$	<i>fáci[ln]ão, su[ln]aquele, brasi[ln]um</i>
alveolar + fricativa	$\frac{14}{43} = 33\%$	<i>ba[ls]a, difíci[ls]im, ce[ls]o</i>
alveolar + [O] precedente	$\frac{8}{13} = 62\%$	<i>espanh[Olt]ambém, v[Olt]a</i>
alveolar + [E] precedente	$\frac{9}{12} = 75\%$	<i>coron[Elt]e, pap[Eld]e, alugu[Elt]em</i>
plosiva + [O] precedente	$\frac{12}{17} = 71\%$	<i>f[Olg]a, espanh[Olt]ambém, futeb[Olp]or</i>
plosiva + [E] precedente	$\frac{9}{12} = 75\%$	<i>coron[Elk]uando, pap[Elt]em, coron[Elt]á</i>
plosiva + velar	$\frac{11}{73} = 15\%$	<i>naciona[lk]omo, mi[lk]inhentos, fo[lg]a</i>
plosiva + bilabial	$\frac{10}{35} = 29\%$	<i>mercosu[lp]iorou, ga[lp]ão, difíci[lp]ra</i>
sândi + [O] precedente	$\frac{6}{6} = 100\%$	<i>s[Ol]eles, espanh[Ol]um, portunh[Ol]é</i>
sândi + [E] precedente	$\frac{8}{8} = 100\%$	<i>migu[El]e, hot[El]aí, quart[El]a</i>
[u] precedente + bilabial	$\frac{2}{7} = 29\%$	<i>s[ulp]or, mercos[ulp]iorou</i>
[i] precedente + bilabial	$\frac{3}{23} = 13\%$	<i>difíc[ilp]ra, bras[ilm]as</i>
[i] precedente + velar	$\frac{3}{4} = 75\%$	<i>bras[ilk]omo, m[ilk]inhentos, difíc[ilx]esponder</i>
contato moderado + bilabial	$\frac{10}{73} = 14\%$	<i>difíci[lp]ra, tota[lm]ente, mercosu[lp]iorou</i>
contato moderado + velar	$\frac{12}{50} = 24\%$	<i>naciona[lk]omo, fo[lg]a, amara[lk]e</i>
contato moderado + nasal	$\frac{5}{65} = 8\%$	<i>tota[lm]ente, igua[lm]as, fáci[ln]ão</i>
contato moderado + fricativa	$\frac{21}{50} = 42\%$	<i>gonça[lv]es, bo[ls]o, reso[lv]ido</i>
contato moderado + [O] precedente	$\frac{21}{33} = 64\%$	<i>espanh[Ol], v[Ol]ta, f[Ol]ga</i>
contato moderado + [E] precedente	$\frac{22}{43} = 51\%$	<i>mano[El], coron[El]das, hot[El]aí</i>
contato intenso + labiodental	$\frac{5}{15} = 33\%$	<i>a[lv]orada, reso[lv]eram, desenvo[lv]imento</i>

contato intenso + alveolar	$\frac{57}{116} = 49\%$	<i>futebo[ld]e, ma[ld]onado, dificu[lt]a</i>
FATORES	APLICAÇÃO	EXEMPLOS
contato intenso + plosiva	$\frac{52}{116} = 45\%$	<i>cloti[ld]e, mu[lt]idão, hermenegi[ld]o</i>
contato intenso + sândi	$\frac{35}{48} = 73\%$	<i>estadua[l]a, fáci[l]as, espanho[l]após</i>
contato intenso + [u] precedente	$\frac{28}{39} = 72\%$	<i>dific[ul]dade, s[ul]por, orizic[ul]tor</i>
contato intenso + [i] precedente	$\frac{29}{59} = 49\%$	<i>difíc[il]é, út[il]ao, bras[il]aliás</i>

No cruzamento de fatores favorecedores do grupo ponto de articulação da consoante seguinte com fatores inibidores do grupo modo de articulação da consoante seguinte, verificamos que a associação do ponto alveolar ao modo nasal, configurando o segmento [n], produz somente 12% de alveolarização, destacando-se a maior pressão inibidora, por parte do modo nasal, nesta associação: *fáci[ln]ão, su[ln]aquele, brasi[ln]um*. Também o modo fricativo provoca perda sensível da força condicionante do ponto alveolar. É o caso das consoantes seguintes [s] e [z], onde a alveolarização diminui de 69%, considerado o ponto alveolar isoladamente, para apenas 33%, que equivalem a 14 ocorrências em 43 casos verificados para esse contexto: *ba[ls]a, difíci[ls]im, ce[ls]o*.

O cruzamento de fatores favorecedores do grupo ponto de articulação da consoante seguinte com fatores inibidores do grupo vogal precedente mostra que a associação do ponto alveolar à vogal precedente [O] resulta em aplicação de 62%, índice que não representa grande perda de força, por parte do ponto alveolar, mas que resulta maior que o referente à vogal [O], considerada separadamente, significando que a força inibidora deste fator perde eficácia em seqüências como *espanh[Olt]ambém* e *v[Olt]a*. Também no cruzamento do ponto alveolar com a vogal precedente [E] o segundo fator não consegue impor sua força inibidora, mantendo-se o favorecimento da variante alveolar nessa associação, com 75% de aplicação, equivalendo a 9 ocorrências sobre 12 casos verificados: *coron[Elt]e, pap[Eld]e, alugu[Elt]em*.

Ao cruzar fatores favorecedores do grupo modo de articulação da consoante seguinte com fatores inibidores do grupo vogal precedente, percebemos que o modo plosivo, ao

associar-se à vogal precedente [O], apresenta alveolarização de 71%, que corresponde a 12 ocorrências sobre 17 casos verificados, em seqüências como *f[Olg]a*, *espanh[Olt]ambém* e *futeb[Olp]or*. Associado à vogal precedente [E], o modo plosivo apresenta alveolarização de 75%, equivalentes a 9 ocorrências sobre 12 casos verificados, em seqüências como *coron[Elk]uando*, *pap[Elt]em* e *coron[Elt]á*.

Em ambas as associações acima resulta enfraquecido o condicionamento das vogais precedentes inibidoras, redundando em que a forma alveolar da lateral permanece favorecida sempre que seguida de uma consoante plosiva. O favorecimento do modo plosivo é dominante nessa relação de forças.

Na combinação de fatores favorecedores do grupo modo de articulação com fatores inibidores do grupo ponto de articulação da consoante seguinte, a associação do modo plosivo ao ponto velar configura os segmentos [k] e [g] e reduz os índices individuais de alveolarização de ambos os fatores, verificando-se aplicação de 15%, referentes a 11 ocorrências sobre 73 casos verificados, em seqüências como *naciona[lk]omo*, *mi[lk]inhentos* e *fo[lg]a*. A associação do modo plosivo ao ponto bilabial, correspondendo aos segmentos [p] e [b], produz 29% de alveolarização, referentes a 10 ocorrências em 35 casos verificados, percentual que resulta igual ao índice original do modo plosivo mas representa uma sensível redução do índice relativo ao ponto bilabial: *mercosu[lp]iorou*, *ga[lp]ão*, *difíci[lp]ra*.

Novamente atesta-se aí, no confronto entre favorecimento de modo e inibição de ponto em contexto seguinte, a superioridade do modo plosivo, afetando sua oponente, ao minar-lhe sua capacidade inibidora, ao passo que mantém, nessa associação, o grau de favorecimento da alveolarização.

No cruzamento de fatores favorecedores do grupo tipo de fronteira vocabular com fatores inibidores do grupo vogal precedente, verifica-se que a associação da fronteira com sândi à vogal precedente [O] determina a alveolarização em 100% dos 6 casos encontrados, dentre os quais, nas seqüências *s[Ol]eles*, *espanh[Ol]um* e *portunh[Ol]é*. Igual resultado é obtido ao combinar a fronteira vocabular com sândi à vogal precedente [E], contexto em que verificamos a

total superioridade absoluta do sândi, anulando por inteiro a ação inibidora da vogal [E] e apresentar alveolarização em todos os 8 casos encontrados, dentre os quais, nas seqüências *migu[El]e*, *hot[El]ái* e *quart[El]a*. Em ambas associações percebe-se que a ação inibidora de vogais precedentes resulta inócua diante do favorecimento absoluto, por parte do sândi, na realização da forma alveolar da lateral.

No cruzamento de fatores favorecedores do grupo vogal precedente com fatores inibidores do grupo ponto de articulação da consoante seguinte, encontramos o fator vogal precedente [u] associado ao ponto bilabial, que apresenta 29% de alveolarização, correspondente a 2 ocorrências em 7 casos, o que significa sensível redução do índice de alveolarização apurado isoladamente para [u], graças à força inibidora do ponto bilabial: *s[ulp]or*, *mercos[ulp]iorou*. Também a vogal precedente [i], quando associada ao ponto bilabial, vê muito reduzido seu índice de aplicação, resultando em apenas 13% ou 3 ocorrências da variante alveolar em 23 cruzamentos: *difíc[ilp]ra*, *bras[ilm]as*.

O mesmo não acontece com o ponto de articulação velar da consoante seguinte que, associado à vogal precedente [i], apresenta 75% de alveolarização em seqüências como *bras[ilk]omo*, *m[ilk]inhentos* e *difíc[ilx]esponder*, o que significa que a influência de inibição do ponto velar não consegue, neste confronto, sobrepor-se à pressão favorecedora da vogal [i] precedente, com a ressalva de que somente 4 casos foram encontrados no *corpus* da pesquisa nesse cruzamento.

O favorecimento do contato moderado com outras variedades dialetais do PB, ao associar-se a fatores lingüísticos inibidores do contexto seguinte à lateral, não consegue impor elevação significativa do índice de alveolarização, relativamente aos valores originais de aplicação de cada fator inibidor, mas também não permite que eles sejam reduzidos. Com consoante bilabial registra-se 14% de aplicação em seqüências como *difíci[lp]ra*, *tota[lm]ente* e *mercosu[lp]iorou*. Com consoante velar registra-se 24% de aplicação em seqüências como *naciona[lk]omo*, *fo[lg]a* e *amara[lk]e*. Com consoante nasal registra-se 8% de aplicação em seqüências como *tota[lm]ente*, *gua[lm]as* e *fáci[lñ]ão*. Com consoante fricativa registra-se 42% de aplicação em seqüências como *gonça[lv]es*, *bo[ls]o* e *reso[lv]ido*.

Quando associado a vogais inibidoras em contexto precedente, o contato moderado com outras variedades dialetais do PB mostra discreta elevação dos valores de alveolarização originais de tais fatores inibidores. Com a vogal precedente [O] registra-se 64% de aplicação em seqüências como *espanh[Ol]*, *v[Ol]ta* e *f[Ol]ga*. Com a vogal precedente [E] registra-se 51% de aplicação em seqüências como *mano[El]*, *coron[El]das* e *hot[El]aí*.

4.3.2 Fatores significativos para a variante velar

Examinemos, a seguir, o elenco de fatores que resultaram significativos para a variante velar. O quadro abaixo mostra, na ordem de seleção dos grupos, os fatores que, efetivamente, condicionam o fenômeno de velarização da lateral

(24)

QUADRO 5
Fatores condicionadores do fenômeno de velarização de /l/

<i>Favorecedores</i>	<i>Inibidores</i>
<ul style="list-style-type: none"> - consoante seguinte palatal ($r=.93$), velar ($s=.92$) ou bilabial ($o=.77$) - consoante seguinte nasal ($x=.90$) ou fricativa ($u=.79$) - fronteira vocabular sem sândi ($z=.77$) - contato intenso com outras variedades dialetais do PB ($4=.61$) - vogal precedente baixa [O] ($b=.77$) ou [E] ($e=.69$) - sílaba pós-tônica ($j=.68$) ou pré-tônica ($i=.61$) 	<ul style="list-style-type: none"> - consoante seguinte labiodental ($p=.20$) ou alveolar ($q=.25$) - consoante seguinte plosiva ($t=.23$) - fronteira vocabular com sândi ($y=.10$) - vogal precedente alta [i] ($g=.33$) ou [u] ($d=.34$)

Tal como fora verificado no caso da variante alveolar, a velar também é condicionada por grupos que nem sempre apresentam fatores favorecedores e fatores inibidores. É o caso do contato com outras variedades dialetais do PB, o qual, quando intenso, favorece discretamente a velarização mas não a inibe quando moderado, comportando-se, neste caso, de forma neutra.

Também o grupo tipo de sílaba, quanto ao acento, apresenta como fatores significativos, para a realização da variante velar, as posições de pós-tônica e de pré-tônica. A posição de tônica não favorece nem inibe a velar, pelo que se lhes atribui caráter neutro para este fenômeno.

Apresentamos abaixo os resultados de cruzamentos efetuados pelo programa Crosstab entre alguns dos fatores significativos para a velarização.

4.3.2.1 Cruzamentos de fatores favorecedores da velarização

(25)

TABELA 12
Cruzamentos de fatores favorecedores da velar

FATORES	APLICAÇÃO	EXEMPLOS
palatal + fricativa	$\frac{4}{4} = 100\%$	isabe[ÉZ]á, manoe[ÉZ]acinto, aco[Éð]oado
bilabial + nasal	$\frac{84}{90} = 93\%$	pa[Ém]ares, fi[Ém]e, pu[Ém]ão
bilabial + fronteira sem sândi	$\frac{24}{36} = 67\%$	norma[Ép]orque, libera[Ém]as, manoe[Éb]andeira
velar + fronteira sem sândi	$\frac{24}{34} = 71\%$	pessoa[Ék]e, curra[Ég]rande, mercosu[Ék]erem
nasal + fronteira sem sândi	$\frac{36}{45} = 80\%$	anzo[Én]é, níve[Ém]uito, libera[Ém]as
fricativa + fronteira sem sândi	$\frac{18}{28} = 64\%$	futebo[És]alto, carnavá[Év]ai, brasi[Éf]acilmente
contato intenso + velar	$\frac{24}{30} = 80\%$	qua[Ék]er, a[Ék]alinas, ba[Ék]onista
contato intenso + bilabial	$\frac{44}{53} = 83\%$	a[Ém]irante, genera[Éb]ento, descu[Ép]e
contato intenso + nasal	$\frac{50}{59} = 85\%$	a[Ém]aço, faro[Én]o, rea[Ém]ente
contato intenso + fricativa	$\frac{24}{41} = 59\%$	a[És]ugarai, a[Éf]ândega, ta[Év]ez
contato intenso + fronteira sem sândi	$\frac{45}{83} = 54\%$	pessoa[É]vinha, brasi[É]só, jorna[É]vitoriense
contato intenso + [O] precedente	$\frac{21}{29} = 72\%$	env[OÉ]ve, espanh[OÉ], portunh[OÉ]porque
contato intenso + [E] precedente	$\frac{7}{18} = 39\%$	mano[EÉ]bandeira, hot[EÉ], migu[EÉ]
contato intenso + sílaba pós-tônica	$\frac{20}{35} = 57\%$	automóve[É], inundáve[É], possíve[É]
contato intenso + sílaba pré-tônica	$\frac{59}{93} = 63\%$	pa[É]mar, facu[É]tativo, faci[É]mente
velar + [i] precedente	$\frac{34}{38} = 89\%$	a[Ég]uns, fo[Ék]lore, qua[Ék]er
fricativa + [O] precedente	$\frac{4}{5} = 80\%$	env[OÉv]e, b[OÉs]a, env[OÉv]idos
nasal + [E] precedente	$\frac{6}{6} = 100\%$	ans[EÉm]i, coron[EÉn]ão, ans[EÉm]o
nasal + pós-tônica	$\frac{9}{10} = 90\%$	agradáve[Én]é, difíci[Ém]esmo, fáci[Én]ão
nasal + pré-tônica	$\frac{52}{56} = 93\%$	pu[Ém]ão, a[Ém]aço, a[Ém]irante

No cruzamento de fatores favorecedores do grupo de fatores ponto de articulação com os de modo de articulação da consoante seguinte, a associação do ponto palatal ao modo fricativo resulta nos segmentos [ʃ] e [ʒ], que mostram percentuais de aplicação mais elevados que os verificados para cada fator em separado, apresentando 100% de velarização em 4 casos verificados para este contexto, como nas seqüências *isabe[ÉZ]á*, *manoe[ÉZ]acinto* e *aco[Éç]oado*. Também o ponto de articulação bilabial, ao associar-se ao modo nasal em contexto seguinte, formando o segmento [m], determina incremento do índice de velarização, que chega a 93% dos casos: *pa[Ém]ares*, *fi[Ém]e* e *pu[Ém]ão*.

O cruzamento do grupo ponto de articulação da consoante seguinte com o tipo de fronteira vocabular permite associar os fatores de ponto palatal, velar e bilabial ao fator fronteira sem sândi. A ausência de sândi, por ser o único fator deste grupo possível de ser combinado - uma vez que a presença do sândi exigiria segmento não-consonantal no contexto seguinte à lateral -, pode ser aproveitada para, além de comparar os diversos pontos de articulação entre si quanto a seu desempenho no condicionamento do fenômeno, contrastar, para cada um, o índice de velarização na posição de coda final, visível nestas associações de fatores, com seu respectivo índice geral, o qual inclui também a posição de coda não-final.

O ponto bilabial de consoante seguinte, na fronteira vocabular, apresenta índice de velarização de 67% em seqüências como *norma[Ép]orque*, *libera[Ém]as* e *manoe[Éb]andeira*, valor inferior ao índice geral deste fator. O mesmo ocorre com o ponto de articulação velar, o qual, em fronteira vocabular, apresenta índice de velarização de 71% em seqüências como *pessoa[Ék]e*, *curra[Ég]rande* e *mercosu[Ék]erem*, também menor que o índice geral registrado para este fator: Tais resultados sugerem que o fenômeno de velarização da lateral, por ação dos pontos de articulação bilabial e velar, tende a ocorrer com maior freqüência no interior do vocábulo, ou seja, em posição de coda não-final.

Aproveitando o tipo de fronteira vocabular sem sândi para caracterizar também o modo de articulação da consoante seguinte em tal contexto, observamos que o fator de modo nasal, como em *anzo[Én]é* e *níve[Ém]uito*, e o modo fricativo, como em *futebo[És]alto*,

carnava[Év]ai e *brasi[Éf]acilmente*, apresentam índices de velarização de 80% e 64% respectivamente, bastante próximos dos percentuais gerais de cada fator. Tal constatação sugere que a forma velar da lateral, quando seguida de consoante nasal ou fricativa, tende a ocorrer com distribuição bastante uniforme, tanto em final quanto dentro de palavra.

O favorecimento atribuído isoladamente ao fator contato intenso com outras variedades dialetais do PB não se confirma quando contextualizado em combinação com fatores lingüísticos também favorecedores da variante velar. Os índices de velarização permanecem muito próximos aos valores originais de cada fator lingüístico inibidor, com exceção da vogal precedente [O], que apresenta elevação do índice original de 53% para 72% em seqüências como *env[OÉ]ve*, *espanh[OÉ]* e *portunh[OÉ]porque*.

O cruzamento do grupo ponto de articulação da consoante seguinte com o tipo de sílaba, quanto ao acento, apresenta aumento dos índices de velarização originais dos fatores ponto velar e sílaba pré-tônica quando associados, verificando-se 89% de aplicação, equivalentes a 34 ocorrências sobre 38 casos verificados, em seqüências como *a[Ég]uns*, *fo[Ék]lore* e *qua[Ék]er*.

Ao cruzar o grupo modo de articulação da consoante seguinte com vogal precedente, observa-se maior aplicação da variante velar nas associações do modo fricativo à vogal [O], com 80% de velarização em seqüências como *env[OÉv]e* e *b[OÉs]a*, e do modo nasal à vogal [E], com 100% de velarização, em seqüências como *ans[EÉm]i* e *coron[EÉn]ão*, embora deva ressaltar-se, em ambas as associações, o reduzido número de casos encontrado.

O cruzamento do grupo modo de articulação da consoante seguinte com o tipo de sílaba quanto ao acento apresenta maior incidência da variante velar quando o fator modo nasal se associa à sílaba pós-tônica, atingindo 90%, em seqüências como *agradáve[Én]é*, *difíci[Ém]esmo* e *fáci[Én]ão*, ou à sílaba pré-tônica, atingindo 93% de aplicação, em seqüências como *pu[Ém]ão*, *a[Ém]aço* e *a[Ém]irante*.

4.3.2.2 Cruzamentos de fatores inibidores da velarização

(26)

TABELA 13
Cruzamentos de fatores inibidores da velar

FATORES	APLICAÇÃO	EXEMPLOS
alveolar + plosiva	$\frac{11}{203} = 5\%$	<i>vo[Ét]a, funciona[Éd]entro, espanho[Ét]ambém</i>
labiodental + [i] precedente	$\frac{1}{5} = 20\%$	<i>fac[iÉm]ente</i>
alveolar + [i] precedente	$\frac{14}{52} = 27\%$	<i>fác[iÉp]ra, bras[iÉg]anhou, difíc[iÉp]ra</i>
alveolar + [u] precedente	$\frac{6}{45} = 13\%$	<i>fac[uÉd]ade, c[uÉt]ura, difíc[uÉd]ades</i>
plosiva + [i] precedente	$\frac{4}{38} = 11\%$	<i>bras[iÉp]ra, difíc[iÉg]anhar, fác[iÉp]ra</i>
plosiva + [u] precedente	$\frac{11}{53} = 21\%$	<i>div[uÉg]ar, fac[uÉd]ade, c[uÉp]ar</i>
sândi + [i] precedente	$\frac{0}{18} = 0\%$	<i>bras[i]lou, fác[i]lassim, m[i]loitocentos</i>
sândi + [u] precedente	$\frac{0}{4} = 0\%$	<i>mercos[u]laí, s[u]lachava</i>

No cruzamento do grupo de fatores ponto de articulação com o modo plosivo da consoante seguinte, o ponto alveolar, ao associar-se ao modo plosivo nos segmentos [t] e [d], reduz o índice de velarização que cada fator propicia isoladamente, obtendo-se 5% de aplicação, referentes a 11 ocorrências em 203 casos verificados, em seqüências como *vo[Ét]a, funciona[Éd]entro* e *espanho[Ét]ambém*.

O cruzamento dos grupo ponto de articulação da consoante seguinte com o de vogal precedente apresenta contextos em três associações de fatores. O ponto labiodental associado à vogal [i] é responsável por 20% de velarização em seqüências como *fac[iÉm]ente*, embora com poucos dados neste contexto. O ponto alveolar associado à vogal [i] produz 27% de velarização em seqüências como *fác[iÉp]ra, bras[iÉg]anhou* e *difíc[iÉp]ra*,

correspondentes a 14 ocorrências sobre 52 casos verificados. Ao associar-se à vogal [u], o ponto alveolar apresenta 13% de velarização, correspondentes a 6 ocorrências sobre 45 casos, em seqüências como *fac[uÉd]ade*, *c[uÉt]ura* e *difíc[uÉd]ades*. Dentre tais cruzamentos verifica-se, nas combinações de consoante seguinte labiodental com vogal precedente [i] e de consoante seguinte alveolar com vogal precedente [u], redução dos índices de aplicação de cada fator, considerados individualmente. Já o cruzamento de consoante seguinte alveolar com vogal precedente [i] apresenta, como índice de velarização resultante, um valor médio entre os percentuais originais dos fatores associados.

No cruzamento do grupo modo de articulação da consoante seguinte com o de vogal precedente, encontramos duas associações com dados para análise. O modo plosivo associado à vogal [i] causa velarização em 11% dos casos, o que equivale a 4 ocorrências sobre 38 cruzamentos, em seqüências como *bras[iÉp]ra*, *difíc[iÉg]anhar* e *fác[Ép]ra*. Nesse caso percebe-se diminuição do índice, comparativamente aos valores individuais de cada fator. Quando associado à vogal [u], a velarização atinge 21% dos casos, média dos valores individuais de cada fator associado, em seqüências como *div[uÉg]ar*, *fac[uÉd]ade* e *c[uÉp]ar*.

O cruzamento do grupo tipo de fronteira vocabular com o de vogal precedente apresenta duas associações com contexto. A associação da fronteira com sândi à vogal precedente [i], em seqüências como *bras[i]lou*, *fác[i]lassim* e *m[i]loitocentos*, verificada em 18 casos, inibe completamente a velarização, anulando-a. O mesmo ocorre na associação da fronteira com sândi à vogal [u], em seqüências como *mercos[u]laí* e *s[u]lachava*, não se registrando nenhuma ocorrência da variante velar em 4 casos verificados.

4.3.2.3 Cruzamentos de fatores favorecedores com inibidores da velarização

(27)

TABELA 14
Cruzamentos de fatores favorecedores versus inibidores da velar

FATORES	APLICAÇÃO	EXEMPLOS
velar + plosiva	$\frac{58}{73} = 79\%$	cava[Ég]ada, curra[Ég]rande, a[Ék]ançando
bilabial + posiva	$\frac{20}{35} = 57\%$	a[Éb]uquerque, ta[Ép]reço, genera[Éb]ento
bilabial + [i] precedente	$\frac{19}{23} = 83\%$	f[iÉm]e, difíc[iÉm]esmo, fac[iÉm]ente
bilabial + [u] precedente	$\frac{5}{7} = 71\%$	desc[uÉp]a, p[uÉm]ão, c[uÉp]ar
fricativa + alveolar	$\frac{26}{43} = 60\%$	a[És]ugarai, hotel[Éz]inho, bo[És]as
fricativa + labiodental	$\frac{18}{37} = 49\%$	jorna[Év]itoriense, a[Éf]ândega, a[Éf]redo
nasal + alveolar	$\frac{26}{33} = 79\%$	nacional[Én]ão, crista[Én]a, corone[Én]ão
nasal + [i] precedente	$\frac{28}{32} = 88\%$	m[iÉn]ovecentos, fac[iÉm]ente, bras[iÉn]ão
fricativa + [i] precedente	$\frac{3}{14} = 21\%$	n[iÉz]a, bras[iÉf]acilmente, bras[iÉs]ó
fronteira sem sândi + alveolar	$\frac{30}{104} = 29\%$	espanho[Ét]ambém, nacional[Én]o, automóve[És]aía
fronteira sem sândi + labiodental	$\frac{8}{14} = 57\%$	pessoa[Év]ai, jorna[Év]itoriense, bras[iÉf]acilmente
fronteira sem sândi + plosiva	$\frac{35}{118} = 30\%$	hospita[Ék]e, espanho[Ép]erfeito, pessoa[Ék]onhece
[O] precedente + alveolar	$\frac{4}{13} = 31\%$	far[OÉn]a, b[OÉs]a, espanh[OÉt]ambém
[E] precedente + alveolar	$\frac{3}{12} = 25\%$	coron[EÉn]ão, n[EÉs]on, coron[EÉt]inha
[O] precedente + plosiva	$\frac{4}{17} = 24\%$	portunh[OÉp]orque, espanh[OÉp]ro, espanh[OÉt]ambém
[E] precedente + plosiva	$\frac{3}{12} = 25\%$	hot[EÉk]e, mano[EÉb]andeira, coron[EÉt]inha
[O] precedente + sândi	$\frac{0}{6} = 0\%$	s[O]leles, espanh[O]lum, portunh[O]lé
[E] precedente + sândi	$\frac{0}{8} = 0\%$	migu[E]le, coron[E]laí, hot[E]lum
pós-tônica +	$\frac{8}{8} = 62\%$	fáci[Én]ão, agradável[Én]é, automóve[És]aía

<i>FATORES</i>	<i>APLICAÇÃO</i>	<i>EXEMPLOS</i>
alveolar	13	
pré-tônica + labiodental	$\frac{5}{14} = 36\%$	<i>reso[Év]eu, envo[Év]idos, a[Éf]redo</i>
pré-tônica + alveolar	$\frac{19}{82} = 23\%$	<i>cu[Ét]ura, jorna[Éz]inho, facu[Éd]ade</i>
pré-tônica + plosiva	$\frac{44}{114} = 39\%$	<i>a[Ég]uns, ba[Ék]onista, a[Éb]ardão</i>
pós-tônica + plosiva	$\frac{4}{10} = 40\%$	<i>automóve[Ép]or, horríve[Ék]omo, fáci[Ép]ra</i>
pós-tônica + [i] precedente	$\frac{13}{33} = 39\%$	<i>fác[iÉ], difíc[iÉ]mesmo, difíc[iÉ]</i>
pré-tônica + [i] precedente	$\frac{2}{6} = 33\%$	<i>fac[iÉ]mente</i>
pré-tônica + [u] precedente	$\frac{9}{39} = 23\%$	<i>c[uÉ]tura, div[uÉ]gar, p[uÉ]mão</i>
contato intenso + alveolar	$\frac{39}{116} = 34\%$	<i>integra[Én]é, desca[És]o, dificu[Éd]ades</i>
contato intenso + plosiva	$\frac{44}{116} = 38\%$	<i>amara[Ép]or, pessoa[Ék]e, a[Éb]ardão</i>
contato intenso + sândi	$\frac{2}{48} = 4\%$	<i>carnava[É]aqui, pessoa[É]achou</i>
contato intenso + [i] precedente	$\frac{24}{59} = 41\%$	<i>n[iÉ]za, difíc[iÉ], bras[iÉ]</i>
contato intenso + [u] precedente	$\frac{10}{39} = 26\%$	<i>desc[uÉ]pe, mercos[uÉ]querem, fac[uÉ]dade</i>

Ao cruzar fatores favorecedores do grupo ponto de articulação da consoante seguinte com inibidores do grupo modo de articulação da consoante seguinte, o ponto velar e o modo plosivo, ao associar-se nos segmentos [k] e [g], ocasionam maior favorecimento da velarização, com 79% de aplicação referentes a 58 ocorrências em 73 casos verificados, o que representa manutenção do índice individual do fator velar e elevação considerável do índice de aplicação do fator plosivo em seqüências como *cava[Ég]ada, curra[Ég]rande e a[Ék]ançando*. O modo plosivo, inibidor quando considerado isoladamente, também perde para a pressão favorecedora do ponto de articulação quando associado ao ponto bilabial nos segmentos [p] e [b], para os quais se verifica 57% de velarização, que correspondem a 20 ocorrências em 35 cruzamentos, em seqüências como *a[Éb]uquerque, ta[Ép]reço e genera[Éb]ento*. Observa-se, pois, em ambas as associações, que a pressão inibidora da velarização, por parte do modo plosivo, não se aplica quando o ponto de articulação é velar ou bilabial.

Ao cruzar fatores favorecedores do grupo ponto de articulação da consoante seguinte com fatores inibidores do grupo vogal precedente, a associação do ponto bilabial à vogal [i] apresenta velarização de 83% em seqüências como *ff[iÉm]e*, *difíc[iÉm]esmo* e *fac[iÉm]ente*; e a associação do ponto bilabial à vogal [u] apresenta 71% em seqüências como *desc[uÉp]a*, *p[uÉm]ão* e *c[uÉp]ar*. Nas duas associações o ponto bilabial mostra-se mais forte que a vogal precedente, predominando o condicionamento favorável à realização velar.

No cruzamento de fatores favorecedores do grupo modo de articulação da consoante seguinte com fatores inibidores do grupo ponto de articulação, a associação do modo fricativo com o ponto alveolar nos segmentos [s] e [z] determina velarização de 60% em seqüências como *a[És]ugarai*, *hote[Éz]inho* e *bo[És]as*, equivalentes a 26 ocorrências em 43 casos. Associado ao ponto labiodental nas consoantes [f] e [v], o modo fricativo determina velarização de 49% em seqüências como *jorna[Év]itoriense*, *a[Éf]ândega* e *a[Éf]redo*, correspondentes a 18 ocorrências em 37 casos. Nessas duas associações observa-se que a pressão favorável do modo fricativo é maior que a de inibição do ponto de articulação, seja ele alveolar ou labiodental. Essa diferença de forças a favor do modo é ainda mais notória na associação do modo nasal ao ponto alveolar, ou seja, na configuração do segmento [n], onde o índice de velarização se eleva a 79% em seqüências como *naciona[Én]ão*, *crista[Én]a*, *corone[Én]ão*, correspondendo a 26 ocorrências em 33 casos verificados para esse contexto.

Combinando fatores favorecedores do grupo modo de articulação, com fatores inibidores do grupo vogal precedente, verificamos que a associação do modo nasal à vogal [i] é responsável por 88% de velarização, que corresponde a 28 ocorrências sobre 32 cruzamentos, em seqüências como *m[iÉn]ovecentos*, *fac[iÉm]ente* e *bras[iÉn]ão*, comprovando a superioridade da pressão do modo nasal também frente à pressão inibidora da vogal precedente. O modo fricativo associado à vogal precedente [i] não consegue atingir o mesmo desempenho, ocorrendo apenas 21% de velarização, correspondentes a 3 ocorrências em 14 cruzamentos, o que sinaliza, neste caso, a superioridade inibidora da vogal [i] em seqüências como *n[iÉz]a*, *bras[iÉf]acilmente* e *bras[iÉs]ó*.

Ao contrário do observado para os pontos bilabial e velar, o ponto alveolar de consoante seguinte, na fronteira vocábular, em seqüências como *espanho[Ét]ambém*, *naciona[Én]o* e *automóve[És]aía*, assim como o ponto labiodental, em seqüências como *pessoa[Év]ai*, *jorna[Év]itoricense* e *brasi[Éf]acilmente*, apresentam índices de velarização melhores que seus respectivos índices gerais, os quais incluem também o contexto de coda não-final. Isso significa que quando a consoante seguinte é alveolar ou labiodental a velarização resulta menos inibida em final de palavra, ou seja, na fronteira vocábular, graças à ausência de sândi.

No que se refere ao modo de articulação de consoante seguinte na fronteira vocábular, temos que o modo plosivo associado à ausência de sândi, em seqüências como *hospita[Ék]e*, *espanho[Ép]erfeito* e *pessoa[Ék]onhece*, apresenta 30% de velarização, valor idêntico ao percentual geral de velarização, o qual corresponde a 35 ocorrências em 118 casos verificados, significando que o favorecimento propiciado pela ausência de sândi não consegue atenuar, na fronteira vocábular, a pressão inibidora do modo plosivo, que resulta dominante.

Ao cruzar fatores favorecedores do grupo vogal precedente com inibidores do grupo ponto de articulação da consoante seguinte, observamos que a associação do ponto alveolar à vogal [O], em seqüências como *far[OÉn]a*, *b[OÉs]a* e *espanh[OÉt]ambém*, ou à vogal [E], em seqüências como *coron[EÉn]ão*, *n[EÉs]on* e *coron[EÉt]inha*, redundam na redução dos índices de velarização referentes a esses fatores, considerados separadamente, configurando a superioridade do ponto alveolar, no que diz respeito à sua força inibidora do fenômeno. Os índices de velarização dessas associações atingem, respectivamente, 31% e 25% dos casos verificados.

Tais vogais precedentes também vêm sua pressão favorecedora diminuída quando associadas ao modo plosivo em seqüências como *portunh[OÉp]orque*, *espanh[OÉp]ro*, *espanh[OÉt]ambém*, *hot[EÉk]e*, *mano[EÉb]andeira* e *coron[EÉt]inha*, apresentando percentuais de velarização muito próximos dos valores gerais do modo plosivo, o que reforça a maior força inibidora deste fator, comparada à pressão favorável de [E] e [O]. Nos cruzamentos analisados, a velarização dessas associações é de 24% e 25% respectivamente.

Ao correlacionar forças entre fatores favorecedores do grupo vogal precedente e o fator inibidor fronteira vocabular com sândi, verifica-se que as vogais [E] e [O], em seqüências como *s[O]leles*, *espanh[O]lum*, *portunh[O]lé*, *migu[E]le*, *coron[E]laí* e *hot[E]lum*, perdem completamente sua pressão favorável diante da força inibidora do sândi, fazendo com que nenhuma velarização ocorra para esta combinação de fatores em final de palavra.

No cruzamento de fatores favorecedores do grupo tipo de sílaba quanto ao acento com inibidores do grupo ponto de articulação da consoante seguinte, a associação de sílaba pós-tônica ao ponto alveolar apresenta 62% de velarização em seqüências como *fáci[Én]ão*, *agradáve[Én]é* e *automóve[És]aía*, correspondentes a 8 ocorrências em 13 casos verificados, índice superior ao percentual geral referente ao fator sílaba pós-tônica, considerado isoladamente. Infere-se que o ponto alveolar não consegue inibir a realização da variante velar nesta posição.

O mesmo não se aplica para o tipo de sílaba pré-tônica, a qual, associada ao ponto labiodental no contexto seguinte, inibidor do fenômeno, produz velarização de 36% em seqüências como *reso[Év]eu*, *envo[Év]idos* e *a[Éf]redo*, índice inferior ao geral deste fator. Também o ponto alveolar em contexto seguinte à pré-tônica inibe a velarização, atingindo-se, neste caso, apenas 23% de aplicação em seqüências como *cu[Ét]jura*, *jorna[Éz]inho* e *facu[Éd]ade*. Essas duas associações mostram que o condicionamento favorável da sílaba pré-tônica não consegue, nestes casos, impor-se ao condicionamento inibidor do ponto de articulação da consoante seguinte.

Quando confrontados com fatores inibidores do grupo modo de articulação da consoante seguinte, os favorecedores do grupo tipo de sílaba quanto ao acento apresentam casos de cruzamento na associação de sílaba pré-tônica à consoante seguinte de modo plosivo, onde se verifica 39% de velarização em seqüências como *a[Ég]luns*, *ba[Ék]onista* e *a[Éb]ardão*, correspondentes a 44 ocorrências em 114 casos, e, ainda, na associação de pós-tônica à plosiva, onde se verifica 40% de velarização em seqüências como *automóve[Ép]or*, *horríve[Ék]omo* e *fáci[Ép]ra*, correspondentes a 4 ocorrências em 10 casos. Percebe-se,

nestas associações, que o modo plosivo reduz ligeiramente o condicionamento favorável do tipo de sílaba quanto ao acento.

O favorecimento de fatores do grupo tipo de sílaba quanto ao acento não se confirma quando cruzados com fatores inibidores do grupo vogal precedente. É o que pode ser observado na combinação da vogal [i] precedendo sílaba pós-tônica, onde a velarização atinge somente 39% em seqüências como *fác[iÉ]* e *difíc[iÉ]*, e na combinação dessa mesma vogal antecedendo sílaba pré-tônica, onde ocorre velarização de 33%, como em *fac[iÉ]mente*. Também a sílaba pré-tônica, quando precedida da vogal [u], determina somente 23% de velarização em seqüências como *c[uÉ]tura*, *div[uÉ]gar* e *p[uÉ]mão*. Como se vê, as vogais altas exercem alto grau de inibição da variante velar nesses contextos.

O contato intenso com outras variedades dialetais do PB, quando contextualizado com fatores lingüísticos inibidores, mostra discreta elevação dos índices originais de tais fatores, porém sem conseguir reverter o condicionamento desfavorável à velarização, a qual atinge 41% no melhor dos casos, com vogal [i] precedente em seqüências como *n[it]za*, *difíc[it]* e *bras[it]*.

Um aspecto interessante que o contraste entre os quadros dos fatores condicionadores das variantes alveolar e velar depara é sua perfeita simetria: os fatores favorecedores da alveolarização são os mesmos que inibem a velarização e vice-versa.

Então, embora os condicionamentos apresentem a mesma lógica de funcionamento, isto é, a mesma ordem de significância dos grupos de fatores, a oposição entre favorecedores e inibidores apresenta tal reciprocidade que o aparecimento de um certo contexto condicionante, ao passo que determina a ocorrência de uma variante, ao favorecê-la, inibe a outra. Tal simetria pode ser mais bem apreciada nos gráficos abaixo.

(28)

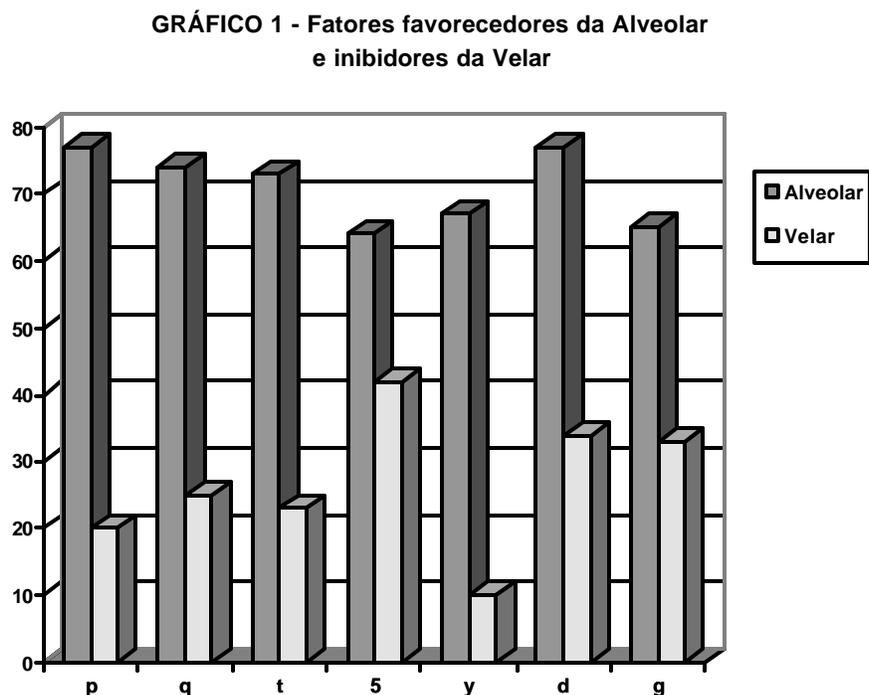


FIGURA 9 - *Fatores favorecedores da alveolar e inibidores da velar*

Nos gráficos apresentados em (28) e (29), as colunas representam os índices probabilísticos ou pesos relativos de cada um dos fatores significativos.

Em (28), os fatores favorecedores da alveolar e inibidores da velar encontram-se dispostos na ordem de significância dos respectivos grupos:

- p - consoante seguinte labiodental;
- q - consoante seguinte alveolar;
- t - consoante seguinte plosiva;
- 5 - contato moderado com outras variedades dialetais do PB;
- y - fronteira vocabular com sândi;
- d - vogal precedente [u];
- g - vogal precedente [i].

O gráfico apresentado em (28) mostra claramente que os fatores que favorecem a variante alveolar são os mesmos que inibem a variante velar.

(29)

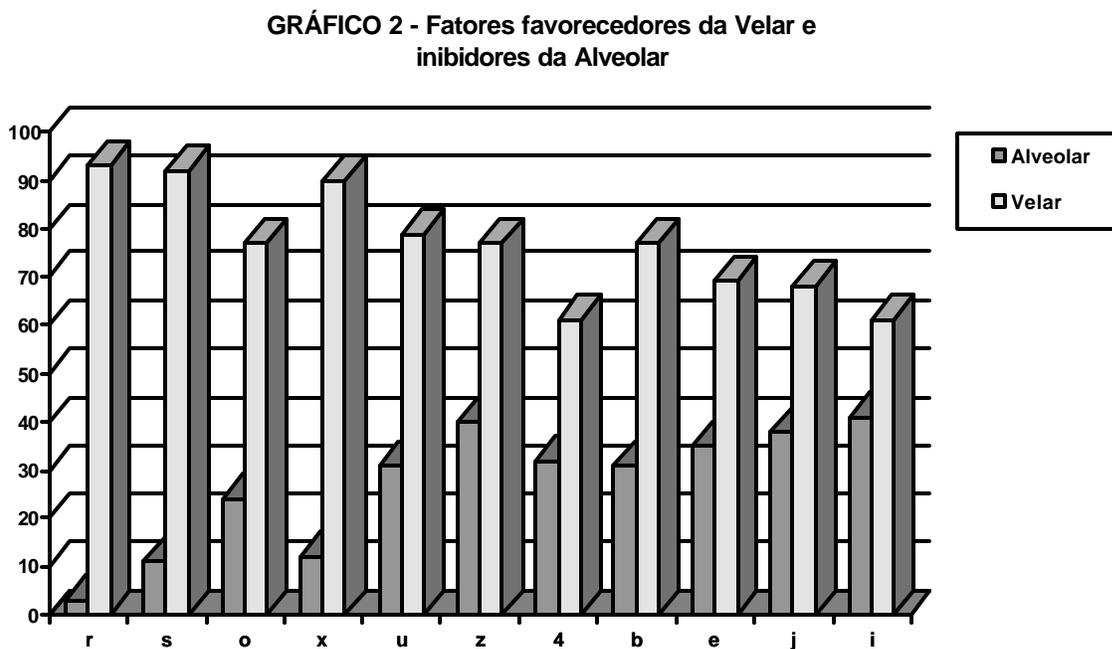


FIGURA 10 - *Fatores favorecedores da velar e inibidores da alveolar*

Também em (29) os fatores favorecedores da velar e inibidores da alveolar estão ordenados de maior a menor significância do grupo respectivo:

r - consoante seguinte palatal;

s - consoante seguinte velar;

o - consoante seguinte bilabial;

x - consoante seguinte nasal;

u - consoante seguinte fricativa;

z - fronteira vocábular sem sândi;

4 - contato intenso com outras variedades dialetais do PB;

b - vogal precedente [O];

e - vogal precedente [E];

j - sílaba pós-tônica;

i - sílaba pré-tônica.

O gráfico apresentado em (29) também evidencia a dupla ação dos fatores em jogo; neste caso, os fatores favorecedores da velar também inibem a alveolar.

4.3.3 Fatores significativos para a variante vocalizada

Passamos agora a examinar os fatores significativos da variante vocalizada. O quadro abaixo mostra, na ordem de seleção dos grupos, os fatores que exercem efetivo condicionamento no fenômeno de vocalização da lateral.

(30)

QUADRO 6
Fatores condicionadores do fenômeno de vocalização de /l/

<i>Favorecedores</i>	<i>Inibidores</i>
<ul style="list-style-type: none"> - contato intenso com outras variedades dialetais do PB (4=.73) - faixa etária de até 25 anos (1=.71) - consoante plosiva (t=.64) - vogal precedente baixa [a] (a=.61) - fronteira vocabular com sândi (y=.69) 	<ul style="list-style-type: none"> - contato moderado com outras variedades dialetais do PB (5=.32) - faixa etária de mais de 45 anos (3=.39) - consoante seguinte nasal (x=.24) ou fricativa (u=.40) - vogal precedente [u] (d=.17), [E] (e=.33) ou [O] (b=.38) - fronteira vocabular sem sândi (z=.39)

No caso da variante vocalizada, como mostra o quadro acima, os grupos que lhe são significativos apresentam fatores nos dois sentidos do condicionamento, ou seja, alguns favorecendo e outros, do mesmo grupo, inibindo o fenômeno.

4.3.3.1 Cruzamentos de fatores favorecedores da vocalização

(31)

TABELA 15
Cruzamentos de fatores favorecedores da vocalizada

<i>FATORES</i>	<i>APLICAÇÃO</i>	<i>EXEMPLOS</i>
contato intenso + até 25 anos	$\frac{30}{120} = 25\%$	
contato intenso + plosiva	$\frac{20}{116} = 17\%$	<i>a[wt]o, mi[wp]essoas, a[wg]uma</i>
contato intenso + [a] precedente	$\frac{43}{210} = 20\%$	<i>qu[aw]quer, g[aw]pões, asfa[wt]aram</i>
contato intenso + sândi	$\frac{11}{48} = 23\%$	<i>brasi[w]ou, gera[w]assim, m[aw]educado</i>
até 25 anos + plosiva	$\frac{6}{61} = 10\%$	<i>fa[wt]a, divu[wg]ado, mi[wp]essoas</i>
até 25 anos + [a] precedente	$\frac{24}{101} = 24\%$	<i>rur[aw], pên[aw]ti, ger[aw]assim</i>
até 25 anos + sândi	$\frac{11}{48} = 23\%$	<i>carnava[w]a, espanho[w]ou, jorna[w]aqui</i>
plosiva + [a] precedente	$\frac{22}{159} = 14\%$	<i>pesso[awd]aqui, [awg]uma, f[awt]a</i>

De todos os cruzamentos efetuados entre fatores favorecedores de [w], os grupos de fatores extralingüísticos mostram maior relevância para a realização da variante vocalizada no português da fronteira. Efetivamente, o contato intenso com outras variedades dialetais do PB, associado à faixa etária de até 25 anos, produz vocalização de 25%, correspondente a 30 ocorrências em 120 casos verificados, sendo este o mais alto índice de aplicação observado para esta variante dentre todas as análises realizadas neste trabalho. Este segmento do universo de dados caracteriza perfeitamente, dentro da comunidade estudada, o perfil da parcela que mais realiza a lateral de forma vocalizada.

Ao conjugar os fatores contato intenso com outras variedades dialetais do PB e a faixa etária de até 25 anos com os fatores vogal precedente [a], em seqüências como *a[wt]o*,

mi[wp]essoas e *a[wg]uma*, e sândi, em seqüências como *brasi[w]ou*, *gera[w]assim* e *ma[w]educado*, percebe-se algum aumento dos índices de vocalização originais dos fatores extra-lingüísticos, considerados individualmente. Porém, tal tendência não se observa em associação com outros aspectos lingüísticos, onde o contato intenso com o PB e a idade de até 25 anos conservam índices de vocalização bastante próximos de seus respectivos valores originais.

Ao cruzar o grupo modo de articulação da consoante seguinte com a vogal precedente, a combinação do modo plosivo com a vogal [a] em seqüências como *pesso[awd]aqui*, *[awg]uma* e *f[awt]a*, apresenta 22 ocorrências em 159 casos de cruzamento, significando 14% de vocalização. Esta associação resulta em uma elevação discreta dos índices de cada fator, considerado separadamente, vindo a aumentar ligeiramente o favorecimento do fenômeno.

4.3.3.2 Cruzamentos de fatores inibidores da vocalização

(32)

TABELA 16
Cruzamentos de fatores inibidores da vocalizada

<i>FATORES</i>	<i>APLICAÇÃO</i>	<i>EXEMPLOS</i>
contato moderado + mais de 45 anos	$\frac{3}{306} = 1\%$	
contato moderado + nasal	$\frac{0}{65} = 0\%$	<i>pal[m]ares, fil[m]e, cristal[n]a</i>
contato moderado + fricativa	$\frac{1}{50} = 2\%$	<i>envo[wv]am</i>
contato moderado + [u] precedente	$\frac{1}{44} = 2\%$	<i>['uw]timo</i>
contato moderado + [E] precedente	$\frac{0}{43} = 0\%$	<i>migu[E]l, n[E]lson, quart[E]l</i>
contato moderado + [O] precedente	$\frac{0}{33} = 0\%$	<i>espanh[O]l, v[O]lta, futeb[O]l</i>
contato moderado + fronteira sem sândi	$\frac{0}{109} = 0\%$	<i>nacionalno, jornalvitoriense, fácilpra</i>
mais de 45 anos + nasal	$\frac{0}{58} = 0\%$	<i>pal[m]ares, fil[m]e, cristal[n]a</i>
mais de 45 anos + fricativa	$\frac{0}{51} = 0\%$	<i>bol[s]a, al[v]orada, al[f]ândega</i>
mais de 45 anos + [u] precedente	$\frac{0}{44} = 0\%$	<i>b[u]ldogue, s[u]l, ['u]ltimo</i>
mais de 45 anos + [E] precedente	$\frac{0}{51} = 0\%$	<i>migu[E]l, n[E]lson, quart[E]l</i>
mais de 45 anos + [O] precedente	$\frac{2}{35} = 6\%$	<i>espanh[Ow], v[Ow]ta</i>
mais de 45 anos + fronteira sem sândi	$\frac{1}{98} = 1\%$	<i>pessoa[w]daqui</i>
nasal + [E] precedente	$\frac{0}{6} = 0\%$	<i>ans[E]lmi, coron[E]lnão</i>
fricativa + [E] precedente	$\frac{0}{8} = 0\%$	<i>n[E]lson, coron[E]lfulano, coron[E]lvai</i>
fricativa + [O] precedente	$\frac{0}{5} = 0\%$	<i>env[O]lve, b[O]lsa</i>
nasal + fronteira sem sândi	$\frac{3}{45} = 7\%$	<i>brasi[wn]é, mensa[wn]osso, ma[wn]é</i>
fricativa + fronteira sem sândi	$\frac{2}{28} = 7\%$	<i>jorna[wv]itoriense</i>
[u] precedente + fronteira sem sândi	$\frac{0}{11} = 0\%$	<i>s[u]lde, ra[u]lcota, s[u]lnaquele</i>
[E] precedente + fronteira sem sândi	$\frac{0}{16} = 0\%$	<i>pap[E]lde, alugu[E]ltem, coron[E]ltudo</i>
[O] precedente + fronteira sem sândi	$\frac{0}{8} = 0\%$	<i>far[O]lna, portunh[O]lporque, futeb[O]lpor</i>

Os cruzamentos entre fatores inibidores extralingüísticos apontam a forte determinação do fenômeno de vocalização da lateral por condicionamento externo à língua. Apenas 3 ocorrências em 306 cruzamentos, correspondendo a 1% de aplicação, entre falantes de mais de 45 anos com contato moderado com outras variedades dialetais do PB dão conta da quase inexistência do fenômeno nesta parcela da comunidade.

A associação do contato moderado com outras variedades dialetais do PB a fatores inibidores lingüísticos anula quase por completo a realização da variante vocalizada, a qual ocorre tão somente uma vez em 44 casos de cruzamento com vogal precedente [u], em [*uw*]timo, e também uma vez em 50 casos de cruzamento com o modo fricativo da consoante seguinte, em *envo*[*wv*]am, representando, para ambas as combinações, somente 2% de aplicação. Não há vocalização da lateral quando o contato com outras variedades dialetais do PB é moderado e a lateral é produzida em um dos seguintes contextos: consoante seguinte nasal, como em *pal*[*m*]ares, *fil*[*m*]e e *crystal*[*n*]a; vogal precedente [E], como em *migu*[*E*]l, *n*[*E*]lson e *quart*[*E*]l; vogal precedente [O], como em *espanh*[*O*]l, *v*[*O*]lta e *futeb*[*O*]; e fronteira vocabular sem sândi, como em *nacionalno* e *jornalvitoriense*.

De forma semelhante, a associação do fator faixa etária de mais de 45 anos a fatores inibidores lingüísticos inibe quase por completo a variante vocalizada, a qual ocorre apenas 2 vezes em 35 casos de cruzamento com vogal precedente [O], nas seqüências *espanh*[*Ow*] e *v*[*Ow*]ta, representando 6% de aplicação, e ocorre apenas uma vez em 98 casos de fronteira vocabular sem sândi, na seqüência *pessoa*[*w*]daqui, representando 1% de aplicação.

Para esta faixa etária, de mais de 45 anos, não se registra vocalização em nenhum dos demais cruzamentos com fatores inibidores lingüísticos: com consoante seguinte nasal, em seqüências como *pal*[*m*]ares e *crystal*[*n*]a; com consoante seguinte fricativa, em seqüências como *bol*[*s*]a, *al*[*v*]orada e *al*[*f*]ândega; com vogal precedente [u], em seqüências como *b*[*u*]ldogue, *s*[*u*]l e [*ú*]ltime e com vogal precedente [E], em seqüências como *migu*[*E*]l, *n*[*E*]lson e *quart*[*E*]l.

Do grupo modo de articulação de consoante seguinte, o modo nasal associado à vogal precedente [E], em seqüências como *ans[E]lmi* e *coron[E]lnão*, assim como o fricativo associado à vogal [E], em seqüências como *n[E]lson*, *coron[E]lfulano* e *coron[E]lvai*, e associado à vogal [O], em seqüências como *env[O]lve* e *b[O]lsa*, também concorrem para anular completamente a vocalização da lateral.

Em fronteira vocabular sem sândi, o modo nasal, nas seqüências *brasi[wn]é*, *mensa[wn]osso* e *ma[wn]é*, e o modo fricativo, na seqüência *jorna[wv]itoriense*, apresentam vocalização muito baixa, de apenas 7%. Ao combinar-se a fronteira vocabular sem sândi com o contexto precedente formado por vogal [u], em seqüências como *s[u]lde*, *ra[u]lcota* e *s[u]lnaquele*, por vogal [E], em seqüências como *pap[E]lde*, *alugu[E]ltem* e *coron[E]ltudo*, ou por vogal [O], em seqüências como *far[O]lna*, *portunh[O]lporque* e *futeb[O]lpor*, anula-se completamente a vocalização.

4.3.3.3 Cruzamentos de fatores favorecedores com inibidores da vocalização

(33)

TABELA 17

Cruzamentos de fatores favorecedores versus inibidores da vocalizada

FATORES	APLICAÇÃO	EXEMPLOS
contato intenso + mais de 45 anos	$\frac{13}{169} = 8\%$	
contato intenso + nasal	$\frac{3}{59} = 5\%$	<i>brasi[wn]é</i> , <i>mensa[wn]osso</i> , <i>a[wm]a</i>
contato intenso + fricativa	$\frac{4}{41} = 10\%$	<i>sa[ws]a</i> , <i>igua[wz]inho</i> , <i>jorna[wv]itoriense</i>
contato intenso + [u] precedente	$\frac{1}{39} = 3\%$	<i>div[uw]gado</i>
contato intenso + [E] precedente	$\frac{1}{18} = 6\%$	<i>gabri[E]w</i>
contato intenso + [O] precedente	$\frac{2}{29} = 7\%$	<i>espanh[O]w</i> , <i>v[O]w]ta</i>
contato intenso + fronteira sem sândi	$\frac{8}{83} = 10\%$	<i>jorna[w]todo</i> , <i>brasi[w]né</i> , <i>jorna[w]circula</i>

até 25 anos + contato moderado	$\frac{4}{73} = 5\%$	
FATORES	APLICAÇÃO	EXEMPLOS
até 25 anos + nasal	$\frac{2}{22} = 9\%$	<i>mensa[wn]osso, brasi[wn]é</i>
até 25 anos + fricativa	$\frac{2}{21} = 10\%$	<i>jorna[wv]itoriense</i>
até 25 anos + [u] precedente	$\frac{1}{15} = 7\%$	<i>div[uw]gado</i>
até 25 anos + fronteira sem sândi	$\frac{6}{33} = 18\%$	<i>jorna[w]todo, mi[w]pessoas, brasi[w]né</i>
plosiva + contato moderado	$\frac{7}{196} = 4\%$	<i>vo[wt]ar, fa[wt]a, ga[wp]ão</i>
plosiva + mais de 45 anos	$\frac{14}{165} = 8\%$	<i>pessoa[wd]aqui, asfa[wt]o, ga[wp]ões</i>
plosiva + [u] precedente	$\frac{1}{53} = 2\%$	<i>div[uwg]ado</i>
plosiva + [E] precedente	$\frac{0}{12} = 0\%$	<i>manoelbandeira, hotelque, papeltem</i>
plosiva + [O] precedente	$\frac{1}{17} = 6\%$	<i>v[Owt]a</i>
plosiva + fronteira sem sândi	$\frac{3}{118} = 3\%$	<i>jorna[wt]odo, mi[wp]essoas, pessoa[wd]aqui</i>
[a] precedente + contato moderado	$\frac{5}{275} = 2\%$	<i>f[aw]ta, g[aw]pão, asf[aw]tar</i>
[a] precedente + mais de 45 anos	$\frac{14}{237} = 6\%$	<i>[aw]ma, qu[aw]quer, amar[aw]</i>
[a] precedente + nasal	$\frac{2}{75} = 3\%$	<i>m[awn]é, mens[awn]osso</i>
[a] precedente + fricativa	$\frac{4}{37} = 11\%$	<i>s[aws]a, igu[awz]inho, jorn[awv]itoriense</i>
[a] precedente + fronteira sem sândi	$\frac{6}{96} = 6\%$	<i>jorn[aw]circula, jorn[aw]todo, m[aw]né</i>
sândi + contato moderado	$\frac{1}{61} = 2\%$	<i>brasi[w]assim</i>
sândi + mais de 45 anos	$\frac{0}{43} = 0\%$	<i>mercosulaí, miguele, soleles</i>
sândi + [u] precedente	$\frac{0}{4} = 0\%$	<i>mercos[u]laí, s[u]laté, s[u]lachava</i>
sândi + [E] precedente	$\frac{0}{16} = 0\%$	<i>migu[E]le, coron[E]laí, hot[E]lum</i>
sândi + [O] precedente	$\frac{0}{8} = 0\%$	<i>s[O]leles, espanh[O]lum, portunh[O]lé</i>

Ao associar o contato intenso com outras variedades dialetais do PB à faixa etária de mais de 45 anos, a pressão favorecedora do contato faz aumentar o índice originalmente baixo da faixa etária, de 3% para 8%, equivalente a 13 ocorrências em 169 casos verificados. Na

associação da faixa etária de até 25 anos ao contato moderado com outras variedades dialetais do PB a pressão condicionadora do grau de contato faz com que, neste caso, o índice original da faixa etária seja bruscamente reduzido de 18% para apenas 5% de vocalização, correspondendo a 4 ocorrências em 73 casos verificados. Percebe-se até aqui que, das duas variáveis extra-lingüísticas, o condicionamento do contato exerce maior influência que o relativo à faixa etária na variante vocalizada.

O grau de contato intenso com outras variedades dialetais do PB eleva o valor de aplicação original de cada um dos seguintes fatores lingüísticos inibidores: consoante seguinte nasal, como em *brasi[wn]é* e *a[wm]a*; consoante seguinte fricativa, como em *sa[ws]a*, e *igua[wz]inho*; vogal precedente [u], como em *div[uw]gado*; vogal precedente [E], como em *gabri[Ew]*; vogal precedente [O], como em *espanh[Ow]* e *v[Ow]ta*; fronteira vocabular sem sândi, como em *jorna[wt]odo*. Em contrapartida, nessas associações de fatores antagônicos a força favorecedora do contato intenso, considerado seu valor geral original, é diminuída pela ação de cada fator inibidor conjugado.

As diversas associações do fator contato moderado, de caráter inibidor, com fatores lingüísticos favorecedores resultam em percentuais de aplicação muito baixos, que se aproximam, em todos os casos, do índice do fator inibidor. É o caso das associações com o modo plosivo, onde ocorre vocalização de 4% em seqüências como *vo[wt]ar*, *fa[wt]a* e *ga[wp]ão*; com a vogal precedente [a], onde ocorre vocalização de 2% em seqüências como *f[aw]ta*, *g[aw]pão* e *asf[aw]tar*; e com a fronteira vocabular com sândi, onde ocorre vocalização de 2%, apenas na seqüência *brasi[w]assim*. Em todos esses cruzamentos confirma-se a superioridade da pressão condicionadora, por parte de fatores de contato com outras variedades dialetais do PB, sobre quaisquer outros fatores.

O fator favorecedor de idade até 25 anos, ao associar-se a fatores lingüísticos inibidores, resulta em forças condicionadoras médias, isto é, percentuais de aplicação muito próximos da média entre os índices originais de cada fator antagônico. É o que ocorre em informantes de até 25 anos com consoante seguinte nasal, em seqüências como *mensa[wn]osso* e *brasi[wn]é*; com consoante seguinte fricativa, em seqüências como *jorna[wv]itoriense*; com vogal

precedente [u], em seqüências como *div[uw]gado*; e com fronteira vocabular sem sândi, em seqüências como *jorna[w]todo* e *mi[w]pessoas*.

Do grupo de fatores modo de articulação, a associação do modo plosivo ao fator inibidor faixa etária de mais de 45 anos apresenta vocalização de 8%, correspondendo a 14 ocorrências em 165 casos verificados, em seqüências como *pessoa[wd]aqui*, *asfa[wt]o* e *ga[wp]ões*. Tal percentual é um pouco menor que o índice de aplicação geral do modo plosivo para a variante vocalizada, significando que o fator inibidor contém qualquer tendência à elevação neste contexto.

Entretanto, a ação favorecedora do modo plosivo resulta enfraquecida diante da pressão inibidora das vogais precedentes [u], [E] e [O] e da fronteira vocabular sem sândi. Com [u] precedente registra-se apenas 2% de vocalização na seqüência *div[uw]gado*. Com [E] precedente, em seqüências como *manoelbandeira*, *hotelque* e *papeltem*, não há vocalização. Com [O] precedente, na seqüência *v[Ow]ta*, registra-se 6% de vocalização. Com fronteira vocabular sem sândi, como nas seqüências *jorna[wt]odo*, *mi[wp]essoas* e *pessoa[wd]aqui*, registra-se apenas 3% de vocalização.

A vogal [a], como fator favorecedor do grupo vogal precedente, ao associar-se com o fator inibidor faixa etária de mais de 45 anos, produz vocalização de 6% em seqüências como *[aw]ma*, *qu[aw]quer* e *amar[aw]*, perfazendo 14 ocorrências em 237 casos, valor percentual médio entre os respectivos índices de aplicação de cada fator, considerados separadamente.

Ao associar-se a uma consoante seguinte de modo nasal, a vogal precedente [a] apresenta vocalização de 3% em seqüências como *m[awn]é* e *mens[awn]osso*, percentual muito próximo do índice da nasal seguinte, significando que a vocalização é muito mais inibida por este fator, neste contexto, que favorecida pela vogal precedente.

Quando associada ao modo fricativo da consoante seguinte, a vogal [a] apresenta vocalização de 11%, em seqüências como *s[aws]a*, *igu[awz]inho* e *jorn[awv]itorriense*, índice superior aos percentuais originais de cada fator, sugerindo que, nesta relação de forças, a vogal

precedente, enquanto fator favorável, exerce maior pressão no condicionamento da vocalização que a ação inibidora do modo fricativo. Já na combinação da vogal precedente [a] com o fator inibidor fronteira vocabular sem sândi, verifica-se 6% de aplicação da variante vocalizada, ou 6 ocorrências em 96 casos, em seqüências como *jorn[aw]circula*, *jorn[aw]todo* e *m[aw]né*, valor percentual médio entre os índices originais dos fatores associados, apontando para o equilíbrio das forças no condicionamento.

De todos os cruzamentos efetuados entre a fronteira vocabular com sândi, apontado como favorável, e fatores inibidores do fenômeno, registra-se apenas um caso de vocalização, o que mostra que o favorecimento atribuído ao sândi tende a desaparecer quando contextualizado com aspectos adversos à realização da variante.

5. ANÁLISE LINGÜÍSTICA

Neste capítulo, primeiramente, caracterizaremos o segmento /l/ segundo a Geometria dos Traços de Clements e Hume (1995), abordaremos o sistema alofônico da variação da lateral pós-vocálica no PB, especialmente no português gaúcho, e discutiremos a noção de regra telescópica, à luz da proposta de Quednau (1993, 1994).

A continuação, procederemos à análise lingüística em dois momentos ou perspectivas bem delimitadas, porém complementares: a análise de aspectos de ordem interna à língua, inerentes à fonologia, e a análise de aspectos extralingüísticos, isto é, que não são intrínsecos à gênese da linguagem mas sobre ela repercutem, condicionando de modo diverso os fatos da fala. O primeiro enfoque abordará as questões contextuais lingüísticas à luz da fonologia não-linear, especialmente da fonologia autosegmental. No segundo enfoque procuraremos entender como incidem na variação os aspectos extralingüísticos sob o prisma da sociolingüística, ao passo que daremos especial atenção ao fenômeno de contato entre as línguas portuguesa e espanhola na região fronteiriça do Chuí.

Os resultados da análise numérica dos dados permitem, com bastante clareza, atribuir a variação fonética da lateral pós-vocálica a certos condicionamentos que, após a análise estatística e probabilística exaustiva a que foram submetidos, se comportam como nitidamente favorecedores ou inibidores de cada fenômeno.

Como fatores favorecedores destacamos e procuraremos analisar aqueles que, no confronto com quaisquer condicionamentos inibidores de um dado fenômeno, mantêm sua força de influência favorável. Igualmente destacamos e procuraremos analisar os fatores inibidores que, ao confrontar-se com condicionamentos adversos, isto é, favoráveis de um dado fenômeno,

também mantêm seu grau de influência, neste caso inibidora ou desfavorável. Isto não quer dizer que os fatores que não conseguem impor sua influência quando contextualizados com fatores antagônicos se tornem irrelevantes na determinação da variante, mas significa que desempenham papel coadjuvante no condicionamento da variação, contribuindo no favorecimento ou inibição de um certo fenômeno.

Utilizamos este critério de seleção de fatores uma vez que, conforme vimos no capítulo anterior, há muitas variáveis que resultaram numericamente significativas na variação, consistindo em praticamente todos os grupos de fatores que antevíamos poderiam pesar no presente trabalho, porém nem todos os fatores envolvidos resistiram ao embate de fatores adversos quando submetidos a cruzamento, um a um, do tipo todos contra todos.

5.1 A lateral

5.1.1 Caracterização da lateral

Segundo Câmara (1988, p. 160), as consoantes líquidas são assim denominadas devido à “*impressão de fluidez que apresenta a articulação e o efeito acústico do /l/*”, uma vez que a oclusão que ocorre é parcial, permitindo escapamento de ar durante a produção do som.

Dentre as classes das líquidas, distinguem-se as laterais das não-laterais. Enquanto nas primeiras o ar passa de forma lateral pela cavidade oral, quando é espirado, nas segundas o faz pela parte central da cavidade.

O /l/ é uma líquida lateral. A definição de /l/ completa-se como líquida lateral alveolar, segundo sua forma subjacente, diferenciando-se de /ʎ/ porque este se articula na região palatal. Tais parâmetros são definidos pela fonologia e fonética tradicionais como ponto de articulação.

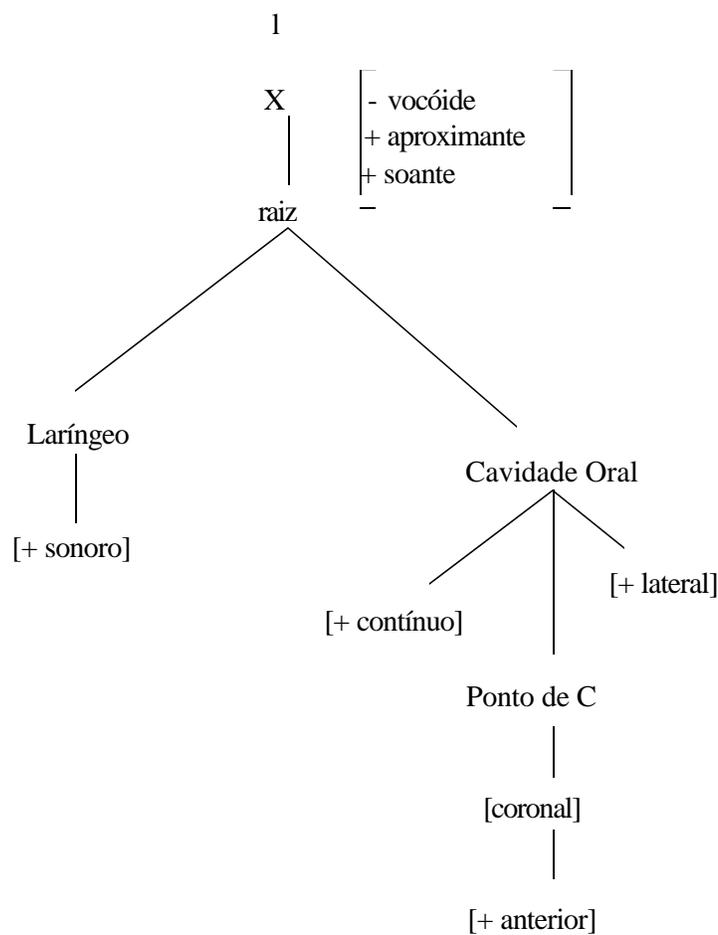
Câmara (op.cit., p. 161) descreve a articulação do /l/, no português, como uma “*líquida lateral, de articulação dental, uma vez que a ponta da língua toca a arcada dentária superior e a corrente de ar escapa pelos lados.*” Ao descrever os inventários fonológico e fonético do espanhol, Quilis e Fernández (1969, p. 124) referem-se ao /l/, como “*lateral linguoalveolar sonora*”, descrevendo sua articulação de forma idêntica à do PB.

À diferença do /l/, a líquida lateral palatal /ʎ/ é produzida quando o corpo da língua encosta na parte central do palato, deixando um pequeno canal que vai do meio à parte lateral da língua, por onde escapa o ar, configurando um segmento de articulação palatal.

Doravante, ao referir-nos à lateral, estaremos fazendo alusão ao segmento /l/.

Segundo o modelo de Clements e Hume (1995), a lateral pode ser assim representada:

(34)

FIGURA 11 - *Representação geométrica de /l/*

Duas controvérsias envolvem a caracterização da lateral e sua representação geométrica: a especificação do traço [+ lateral] e sua localização na árvore.

Alguns autores, como Kenstowicz (1994) e Wetzels (1994, apud Hernandorena, 1997), consideram redundante o traço [+ lateral] e entendem que, na classe das líquidas, a distinção entre os pares /l/ - /ʎ/ e /r/ - /ʁ/, se faria pelo traço [± contínuo]. Os segmentos /l/ e /ʎ/ seriam

portadores do traço [- contínuo] enquanto /r/ e /x/ o seriam do traço [+ contínuo]; assim, o traço [+ lateral] seria redundante uma vez que, por critério implicacional, o mesmo resultaria previsível a partir de outros traços contrastivos e também porque não acrescentaria qualquer complexidade ao segmento.⁸

Defendemos aqui a representação da lateral em (34), ou seja, como segmento portador dos traços [+ contínuo, +lateral].

A caracterização de [- contínuo] significa a interrupção à passagem do ar pulmonar que é espirado durante a sonorização do segmento o que, de fato, não ocorre na lateral. O ar escapa livremente e de modo contínuo, mesmo que este escapamento seja lateral e não central. Tanto que, segundo Câmara, (loc.cit.), essa “*impressão de fluidez*” (ou liquidez) da lateral acaba, por extensão, fundamentando a denominação da classe das líquidas.

Segundo Chomsky e Halle (1968), os sons laterais são produzidos pelo abaixamento da seção medial da língua de ambos os lados ou de somente um lado, nas proximidades dos dentes molares, o que permite que o ar flua para fora da boca. Trata-se de um segmento produzido de modo fluido, com passagem contínua do ar através da cavidade oral.

Hernandorena (1997) defende a manutenção do traço [+ lateral] na estrutura das laterais devido à alta frequência de assimilações desse traço durante o processo de aquisição e “*principalmente por ser a assimilação a regra que se estende por mais longo tempo no período de aquisição.*” Segundo a autora, a presença do traço [+ lateral] faz-se necessário para contrastar a líquida lateral /l/ da não-lateral /λ/ na representação de processos assimilatórios, os quais, se fossem referentes ao traço [- contínuo], implicariam uma violação do princípio de não-cruzamento de linhas ou NCC -*No Crossing Constraint*-, uma das restrições fundamentais na proposta de representação geométrica de Clements e Hume (1995, p. 266). Reproduz-se, a seguir, o exemplo fornecido por Hernandorena (op.cit.), considerando a substituição de /r/ por [l] devido a assimilação parcial de λ em contexto seguinte, por parte de crianças em fase de aquisição do português, como no caso *orelha* > [o'lela]:

⁸ Seguindo esse critério, também o traço nasal seria redundante para segmentos nasais.

(35)

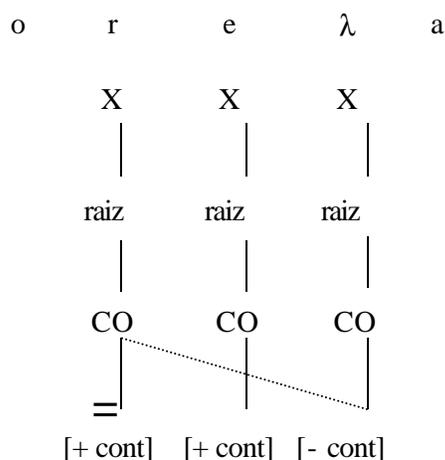


FIGURA 12 - *Violação de NCC na assimilação do traço [- contínuo]*

A representação acima evidencia a impossibilidade de descrever o espriamento referente à assimilação do traço [- contínuo] sem incorrer na ilegalidade de cruzamento de linhas inibido por NCC, uma vez que o traço, bem como seu constituinte - Cavidade Oral -, se acham especificados no segmento interposto entre aqueles que protagonizam a assimilação, o que, ao invés de deixá-lo transparente, o torna opaco.

Isto posto, discute-se a exata localização do traço [lateral] no modelo de representação geométrica. Alguns autores, como Steriade (apud Clements e Hume, 1993), e Pulleyblank (1988), propõem sua ligação ao nó [coronal]. Entretanto, Clements e Hume (1995, p. 293), fornecem várias evidências em contrário. Hernandorena (op.cit.) também demonstra a impropriedade de tal subordinação, uma vez que, em casos de anteriorização articulatória, durante o processo de aquisição de linguagem, encontra exemplos de espriamento do traço [coronal] sem espriamento associado do traço [lateral], como em *galinha* > [da'liña].

Clements e Hume (loc.cit.) sugerem, então, que o traço [lateral] deva ser ligado “em algum ponto mais acima na estrutura hierárquica da árvore”.

Hernandorena (op.cit.) propõe ligar o traço [lateral] ao constituinte Cavidade Oral, conforme representado em (34). Isso lhe permite explicar em âmbito mais estrito os casos de assimilação seguintes:

(36)

palito [la'litu]
picolé [pilo'le]
colherinha [korE'riña]
barulho [ba'lulu]

Os casos exemplificados em (36) podem ser compreendidos como de assimilação parcial. Ao contrário, a localização do traço [lateral] na raiz, outra possibilidade acima do nó coronal, obrigaria a tratar tais processos como de assimilação total.

Hernandorena (loc.cit.) observa, ainda, que “*essa posição na geometria mantém como natural e possível também a simples assimilação do traço [lateral], pois não há violação ao Princípio do Não-Cruzamento de Linhas*”, o que resolve o problema apontado em (35).

5.1.2 Variação alofônica da lateral pós-vocálica

No PB a lateral pós-vocálica encontra-se, de forma quase absoluta, em codas simples - estrutura silábica vogal + consoante (VC) -, ou seja, constituindo o último segmento da sílaba⁹, seja no meio ou no final de palavra, tratando-se, no segundo caso, da posição de fronteira vocálica.

⁹ É pouco freqüente, no PB, a ocorrência de /l/ pós-vocálico em coda complexa, como em “solstício” e “feldspato”.

Quando nessa posição de coda, também chamada posição implosiva, a lateral apresenta variedades fonéticas alternantes ou alofônicas. No PB, quatro alofones têm sido verificados nesse sistema:

- [l] - variante alveolar;
- [ɫ] - variante velar;
- [lʷ] - variante velar labializada;
- [w] - variante vocalizada ou *glide*.

Ao propor-nos a analisar a variação da lateral pós-vocálica na fronteira, tema da presente pesquisa, partimos de estudos variacionistas correlatos anteriores, especialmente de Quednau (1993), embora a abordagem da autora pretenda abranger o português gaúcho, em uma dimensão de bastante amplitude, enquanto a nós interessa, por ora, estudar a realidade regional de uma determinada comunidade de fronteira - o município do Chuí.

Nossa abordagem, então, inscreve a comunidade pesquisada em uma região exposta ao contato com o espanhol, o que nos remete a considerar o sistema de variação da lateral nessa língua, especialmente no EU - variedade que exerce influência sobre a linguagem da comunidade -, e, ao mesmo tempo, parte do contínuo do Rio Grande do Sul, o que faz com que não percamos de vista, como referência, o sistema alofônico da lateral do português gaúcho, na dimensão estabelecida por Quednau (op.cit.).

5.1.2.1 A variante alveolar

À variante alveolar [l] corresponde a representação geométrica referente à forma subjacente de /l/, apresentada em (34). Trata-se de um segmento simples, de articulação coronal anterior, em que a coroa da língua entra em contato com a região alveolar.

No espanhol se faz distinção entre as realizações homorgânicas das formas alveolar, dental e interdental, segundo a caracterização do contexto subsequente à articulação da lateral. Dentre os dados colhidos para a formação do *corpus* desta pesquisa, todas as realizações

dental-alveolares foram tipificadas como alveolares, uma vez que, para ambas as formas, corresponde, no modelo geométrico de Clements e Hume (1995), a mesma caracterização, isto é, [coronal, +anterior].

Cabe assinalar, ainda, que a forma interdental não ocorre no EU porque o segmento θ / não consta de seu inventário.

Segundo Calabrese (1992), as condições de marcação necessárias para dar conta da estrutura dos inventários das línguas, inclui, para as laterais, as seguintes combinações universais de traços:

- [+soante, +lateral] (laterais, em geral);
- [+lateral, -anterior] (laterais palatal, velar e retroflexa);
- [-anterior, -distribuído] / [__, +lateral] (lateral retroflexa);
- [+lateral, dorsal] (laterais dorsais).

No sistema de notação acima, o traço sublinhado representa o aspecto marcado, ou seja, aquele que resulta de complexa realização no contexto do traço ao qual se associa para a produção fonética do segmento.

Segundo a lista de Calabrese, não há nas líquidas qualquer condição de marcação que restrinja a ocorrência do traço [+anterior] nas línguas, o que fundamenta a naturalidade da presença de líquidas dentais ou alveolares no PB porque não-marcadas, menos complexas.

Os dados de Monaretto (1992) vem confirmar a presença de articulação anterior nas líquidas. Ao analisar a vibrante no português gaúcho, a autora atesta a existência de uma forma alofônica alveolar, embora condicionada ao contato com outras línguas, como alemão, italiano e espanhol.

Na fronteira Livramento-Rivera, Hensey (1972, p. 56-8) corrobora a presença da variante alveolar da lateral nessa variedade dialetal do português gaúcho, a qual descreve como

sendo de realização mais “clara” (em oposição a *dark*, atributo usado para a forma velar), de oclusão apical firme, dental ou alveolar, em oposição ao alofone velar.

Contudo, nos dados relativos a informantes de Livramento, Quednau (1993) não detectou índices significativos da forma alveolar pós-vocálica, a não ser em contexto de junção lexical com sândi, onde, por tendência à ressilabação, a lateral perde sua condição de pós-vocálica, passando, no *onset* de nova sílaba, à condição de pré-vocálica e, como tal, preservando a forma subjacente.

A autora cita Câmara (1977, apud. op.cit., p. 116), que afirma que “*parte dos sulriograndenses pronunciam o /l/ pós-vocálico como dental, forma que pode ser encontrada em alguns dialetos fronteiriços*”, porém observa que essa forma “*não se fez notar como um fato que merecesse maior atenção e, portanto, não fez parte de nosso objeto de estudo.*” (Quednau, op.cit., p.116-7) Assim, a variante alveolar como forma pós-vocálica foi descartada em tempo de definição da variável dependente, reduzindo a análise da variação à oposição vocalização *versus* velarização.

De fato, a comunidade de Santana do Livramento não sofre, por parte do EU, influência tão forte quanto a comunidade do Chuí, pelas razões históricas já apontadas no item 2.2.5. Este pode ser um dos motivos por que a forma alveolar, presente no sistema de variação do espanhol, não seja tão evidente na primeira comunidade quanto na segunda. Na fala dos chuienses, detectou-se, ainda na fase de sondagem prévia ao trabalho de campo, um volume bastante significativo de ocorrências da forma alveolar, em seqüências como *sa[l]*, *so[l]*, *su[l]*. Conforme veremos nos quarto e quinto capítulos, os resultados da análise vieram confirmar, posteriormente, tal percepção inicial.

5.1.2.2 A variante velar

A posição de coda propicia a formação de segmentos posteriorizados devido à condição de fechamento da estrutura silábica. Assim ocorre em variedades dialetais como o português

carioca, na produção de /s/ como [ʃ] em *mala[ʃ]* e na produção de /r/ como [x] em *ma[x]*, conforme já observara Lopez (1985, p.56-7).

No caso da lateral pós-vocálica, a variante velar [ɔ̃] é uma forma posteriorizada que se produz como segmento complexo, uma vez que, além da articulação primária coronal, apresenta articulação secundária dorsal. Segundo o modelo de Clements e Hume (1995), à variante velar corresponde a seguinte representação geométrica:

(37)

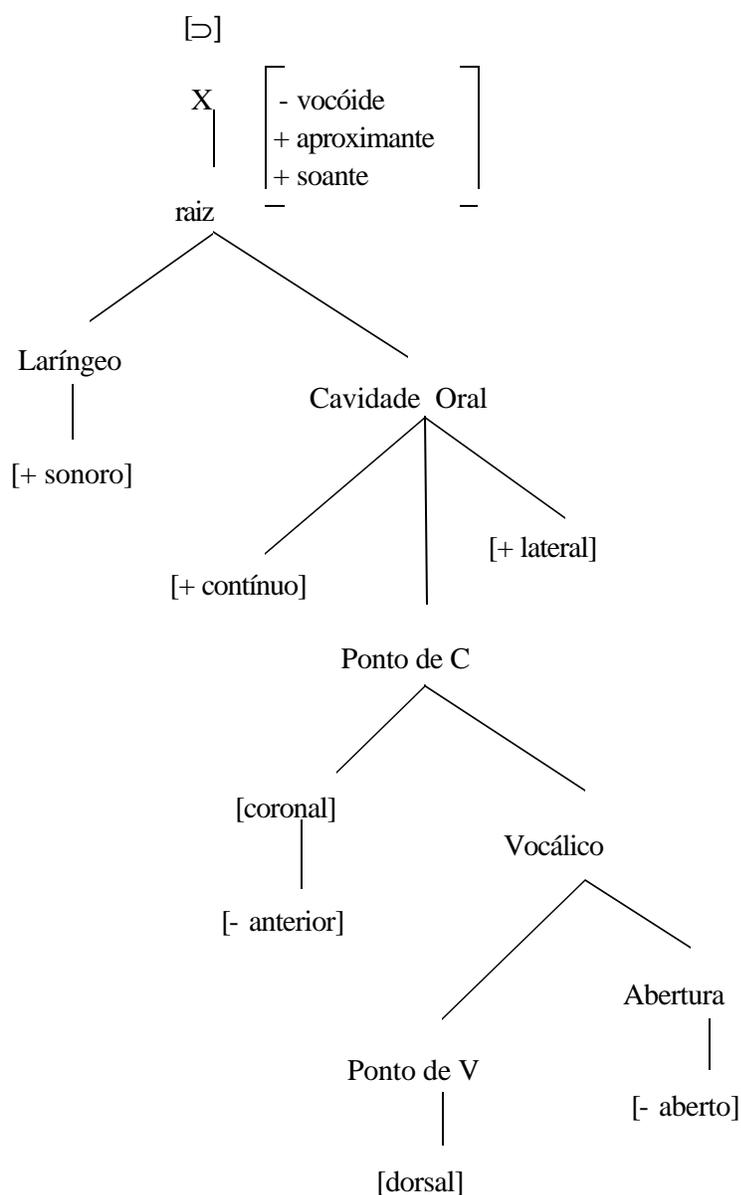


FIGURA 13 - *Representação geométrica de [É]*

Sendo que qualquer mudança operada na árvore deve obedecer a relações implicacionais de hierarquia, o acréscimo de uma articulação secundária dorsal à estrutura, ou seja, o processo de velarização, repercute sobre o nó Ponto de C, fazendo com que a articulação coronal seja posteriorizada, passando de [+ anterior] a [- anterior]. Tal operação é coerente com a afirmação de Hernandorena (1995) de que as relações implicacionais ocorrem na estrutura não apenas de cima para baixo mas também em sentido contrário.

Ao contrário do que ocorre com a variante alveolar, a lista de condições de marcação universais de Calabrese (op.cit.) especifica dois traços marcados para a variante velar, caracterizando configuração complexa: [-anterior, dorsal]. Isso quer dizer que, de acordo com o critério de restrição e reparo, a realização velar da lateral implica a necessidade de desativar tais condições de marcação a fim de incorporar essa forma no sistema. Tal estratégia de reparo resulta na inclusão da variante (o segmento “violador” [ɣ]) como alofone da forma subjacente, ou seja, da variante alveolar.

A condição de marcação dos traços [-anterior, dorsal] é comprovada por Mota (1996, p. 141-5) ao analisar os sistemas fonológicos de 25 sujeitos com desvios fonológicos. A análise consiste em estabelecer relações implicacionais de marcação entre os traços que compõem os segmentos, as quais “*equivalem a relações de complexidade entre os traços*”. Mota utiliza um critério de determinação de complexidade sugerido por Clements (1996, apud. loc.cit.), o qual consiste na seguinte proposição lógica:

(38)

Partindo da seguinte situação:

- X sujeitos têm A e B,
- Y sujeitos têm A mas não têm B e
- Z sujeitos têm B mas não têm A,

aplica-se o seguinte algoritmo:

se $Y > Z$
 então B é mais marcado (complexo) do que A;
 em caso contrário,
 se $Z > Y$
 então A é mais marcado (complexo) do que B;
 em caso contrário ($Y = Z$),
 não se pode concluir.

A partir desse algoritmo, os resultados obtidos na análise dos dados confirmam a marcação dos traços [- anterior] e [dorsal] no PB para a classe das líquidas, em oposição a [+ anterior] e [coronal], respectivamente, os quais resultam não-marcados. O caráter mais complexo da articulação dorsal da forma velar da lateral, em oposição ao caráter mais natural da articulação anterior da forma alveolar, é assim confirmado no sistema..

No espanhol, a forma velar da lateral pode ocorrer por influência de um contexto seguinte de articulação dorsal¹⁰.

5.1.2.3 A variante velar labializada

A variante velar labializada [l^w] também é uma forma posteriorizada da lateral pós-vocálica, cuja estrutura se forma a partir da adição do traço [labial] à articulação secundária, o que torna esta articulação complexa. Os demais traços do segmento são idênticos aos da variante velar, conforme se vê representado, segundo o modelo de Clements e Hume (1995), na figura abaixo.

¹⁰ Os manuais de normas da “correta” pronúncia espanhola advertem em tom proibitivo a realização velar da lateral, “*cujo uso deve evitar-se cuidadosamente*” (Navarro Tomás, 1963, p. 114), a fim de evitar seu timbre escuro e ressonâncias velares (Quilis e Fernández, 1969, p. 126) .

(39)

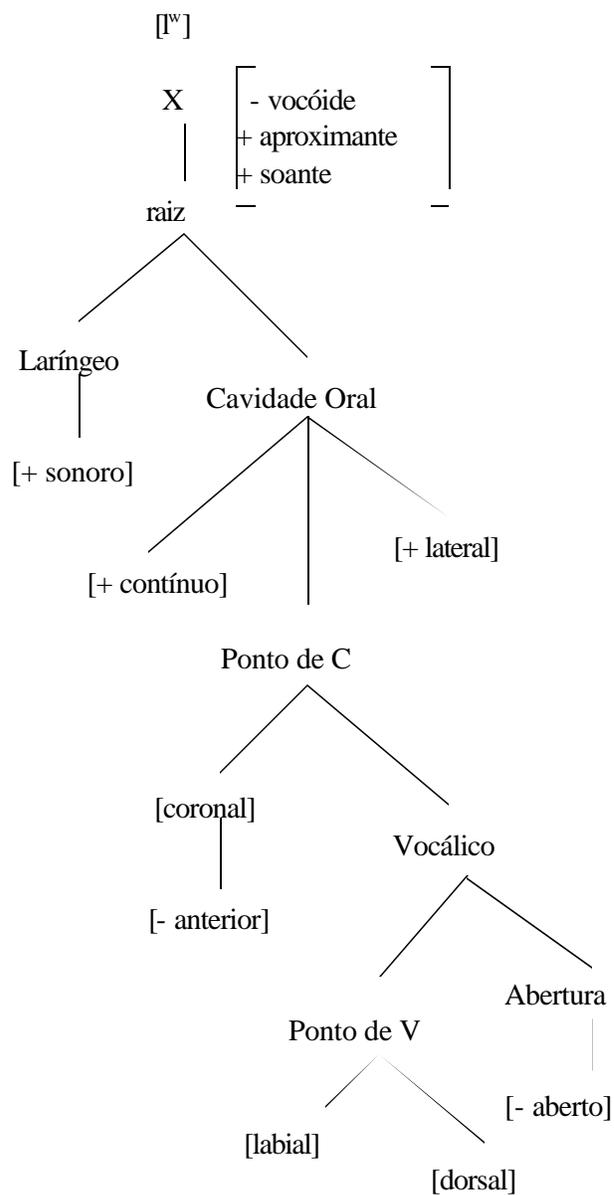


FIGURA 14 - Representação geométrica de [lʷ]

A forma [lʷ] não foi detectada no *corpus* analisado por Quednau (1993), formado por dados do Projeto VARSUL - Variação Lingüística Urbana na Região Sul do Brasil -, a partir

de informantes de Porto Alegre, Taquara, Monte Bérico e Santana do Livramento, sendo o *glide* a única forma a opor-se às formas coronais da lateral.

Entretanto, é comum perceber, por efeito acústico, o traço de lateralidade em formas pós-vocálicas labializadas no falar da cidade de Pelotas, por exemplo, distinto do segmento caracterizador da vogal plena [u] e da semivogal [w]. Essa forma, que corresponderia ao segmento [l^w], poderia estar presente no português gaúcho, dependendo, apenas, da identificação sutil dos traços que a diferenciam das outras formas do sistema de variação da lateral.

No caso do Chuí, especificamente, não detectamos qualquer ocorrência nítida de [l^w] mas, conforme veremos no item 5.2.2.4, há evidências de um ambiente propício, em termos de condições contextuais, para sua aparição no sistema.

No espanhol, não há registro desta variante como alofone pós-vocálico da lateral.

5.1.2.4 A variante vocalizada

No sistema alofônico da lateral pós-vocálica, a variante vocalizada [w], ou *glide*, é a única forma não-coronal da variação, a opor-se às formas coronais da lateral, constituindo segmento vocálico, o qual somente é considerado semivogal por razão posicional.

De outra parte, a variante vocalizada compartilha com a estrutura dos alofones velares sua condição de segmento posterior, isto é, portador do traço [dorsal]. Em contraste com a variante velar labializada, o segmento [w] apenas apresenta a descronalização no Ponto de C, conforme apreciamos em (40).

De acordo com o modelo de Clements e Hume (1995), à variante vocalizada corresponde a seguinte representação geométrica:

(40)

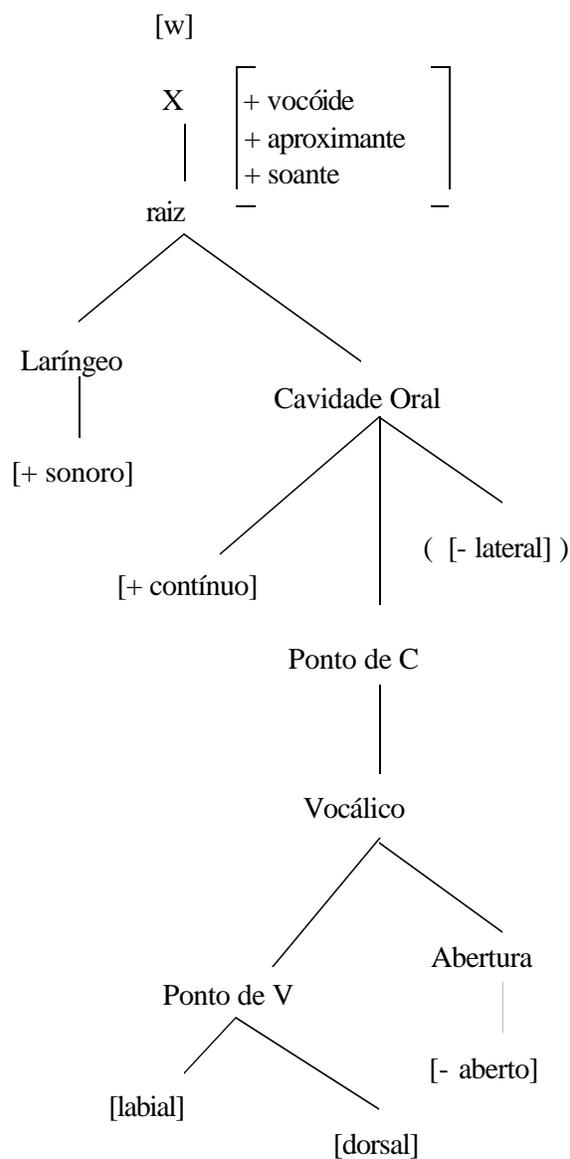


FIGURA 15 - Representação geométrica de [w]

No PB, o alofone [w] é a variante *default* do sistema de variação da lateral em posição pós-vocálica. A preferência pela forma vocalizada deve ser atribuída ao menor esforço articulatorio necessário para sua produção, comparativamente às demais variantes. Durante a

realização da variante vocalizada, ocorre um relaxamento do evento oclusivo com arredondamento simultâneo dos lábios.

A simplificação de aspectos articulatórios constitui tendência natural na fala e pode ser observada em diversos processos assimilatórios. Em estudos de harmonização vocálica, por exemplo, Bisol (1988, p. 9) afirma que se trata de um “*processo de assimilação que se realiza por força da articulação alta de uma vogal seguinte. A alteração fonética dela decorrente é expressão de uma articulação simplificadora, amparada na lei do menor esforço.*”

Segundo Hernandorena (1995), as líquidas potencializam uma articulação vocálica. Ao estudar padrões comuns de fala em desvios fonológicos, a autora constata que é freqüente a vocalização de consoantes líquidas na fase de aquisição e atribui o fato à proximidade desses segmentos às vogais pelo traço [+ soante] e a relações implicacionais que se dão na estrutura hierárquica entre os diversos traços componentes do segmento.

O traço [+ soante], segundo Chomsky e Halle (1968), caracteriza os sons produzidos com uma configuração da cavidade vocal tal que possibilita a sonorização espontânea. Hernandorena entende que tal propriedade faz com que as líquidas constituam sons intermediários entre os segmentos consonantais e os vocálicos. E observa, mediante a representação estrutural das líquidas na forma arbórea, conforme o modelo proposto pela Geometria dos Traços, que a presença dos traços [+ aproximante, + soante] no nó de raiz implica a possibilidade da ocorrência do nó vocálico como articulação secundária.

Assim, a estrutura implicacional não-marcada das líquidas pode ser representada como segue¹¹.

¹¹ Adaptou-se a representação original (1995), em que o traço [+ lateral] era dependente da raiz, à posterior proposta da autora (1997), subordinando-o ao nó Cavidade Oral.

(41)

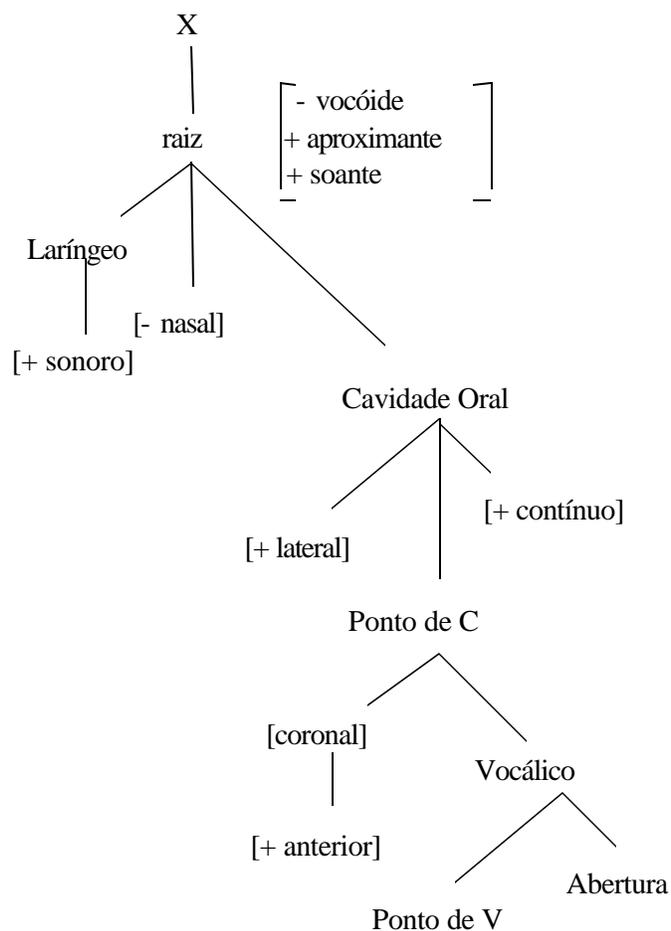


FIGURA 16 - *Estrutura implicacional não-marcada das líquidas segundo Hernandorena (1995)*

Partindo de (41), Hernandorena observa que a vocalização pode ser descrita e interpretada como a não-ligação dos traços imediatamente dominados pelo nó Ponto de C. Em decorrência dessa não-ligação, forma-se uma estrutura vocálica que faz com que apareça o valor [+ vocóide] na raiz, já que as relações implicacionais operam também de baixo para cima na árvore. Por estrutura silábica, o segmento que surge é semivogal, ao não ocupar o núcleo da sílaba.

Na língua espanhola, há registros de vocalizações para uma variante que não tem sido detectada no PB como alofone da lateral pós-vocálica: o segmento [y], caracterizando iotização. Segundo Alonso (1967, p. 254-5), ocorre vocalização $l > y$, como em *golpe* > [*'goype*], na região de Andaluzia; e em algumas variedades caribenhas: no espanhol de Santo Domingo, como em *Isabel* > [*isa'bey*], e no de Porto Rico, como em *papel* > [*pa'pey*]¹². Nessas variedades, segundo observa Alonso, é também comum a vocalização da vibrante em final de sílaba, tal como ocorre no PB, conforme observara Monaretto (1992).

Todavia, não há registro de vocalização, seja do tipo $l > w$ ou do tipo $l > y$, na lateral pós-vocálica do EU.

5.1.3 A regra telescópica

O processo de simplificação ou relaxamento da articulação aplica-se não apenas à lateral mas também, na classe das consoantes líquidas do PB, à vibrante, e tem sido encaixado no tempo, numa abordagem diacrônica da variação alofônica que apresentam. Estudos anteriores como os de Monaretto (1992), referindo-se à vibrante, e Quednau (1993, 1994), abordando a lateral, sugerem que a variação seja encarada como regra telescópica na qual cada variante representaria um estágio da regra.

No tocante à vibrante, a posteriorização diacrônica da articulação da vibrante, segundo observa Monaretto (op.cit., p. 4-5), faz pressupor a etapa intermediária de uma vibrante com fricção, que resultaria “*de um relaxamento da articulação apical do r múltiplo, prevalecendo o contato do corpo da língua com a região velar ou uvular.*” Tal relaxamento, conforme apontara Malmberg (1954, apud Monaretto, loc.cit., p. 4) poderia enfraquecer a tal ponto a produção da consoante que, em alguns dialetos e línguas, a vibrante desapareceria ao não encontrar mais obstáculo em sua passagem.

¹² Exemplos fornecidos pelo autor (loc.cit.).

Também Câmara (1985, p. 16) procura dimensionar a variação alofônica no tempo, afirmando que se trata de

“(...) um estado de flutuação fonética que, no plano descritivo, ou sincrônico, é a contraparte de um lento trabalho diacrônico de mudança, que vai, pouco a pouco, ganhando novas áreas de falantes. (...) a marcha diacrônica é no sentido de substituição da articulação ântero-bucal (vibração múltipla da ponta da língua junto aos dentes superiores) por uma vibração posterior, que vai da vibração da raiz da língua junto ao véu palatino à tremulação da úvula e à mera fricção faríngea.”

Segundo Hyman (1975, p. 173), o fenômeno de telescopia pode ser definido, genericamente, como a perda de um estágio intermediário em um processo de derivação fonológica. Tal é o que observa Monaretto (op.cit.) em relação à vibrante e Quednau (1993, 1994) em relação à lateral do português gaúcho.

Utilizando estruturas arbóreas simplificadas, pode-se representar a derivação telescópica proposta por Quednau (1993, 1994) entre os três alofones identificados no *corpus* representativo do português gaúcho - excluída a forma velar labializada [lʷ]:

(42)

l → ɔ → w

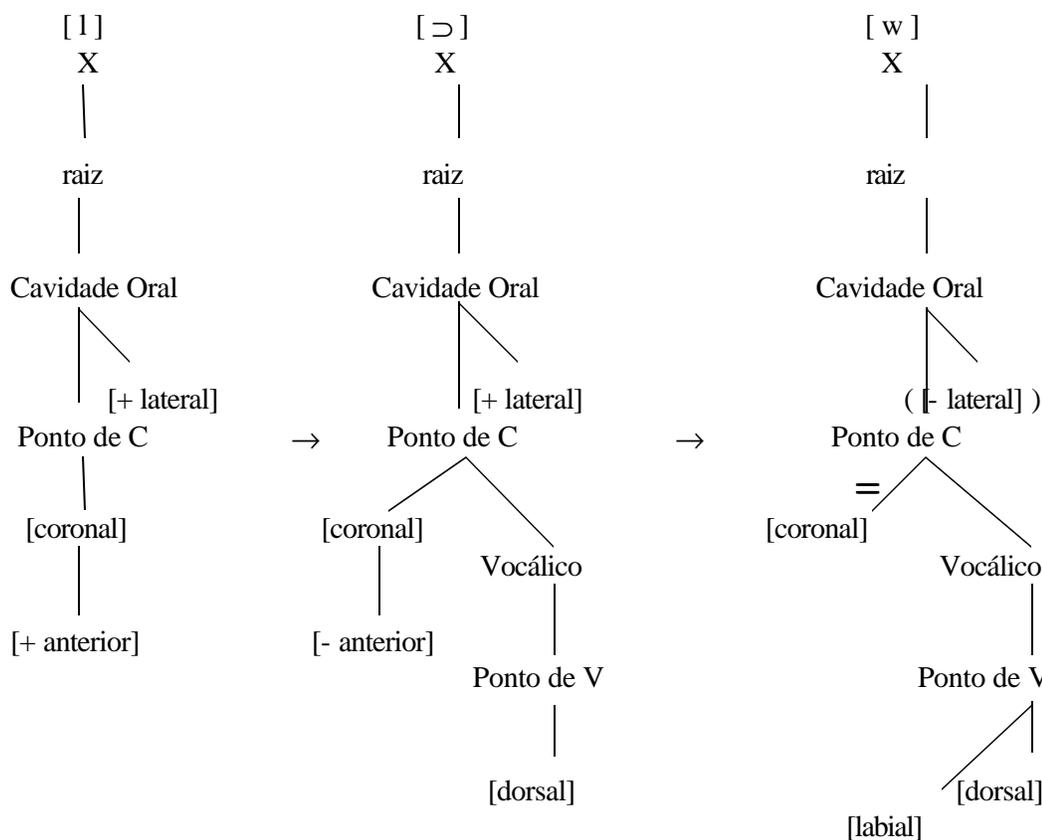


FIGURA 17 - Representação geométrica simplificada da regra telescópica da lateral pós-vocálica, em três estágios

Segundo Quednau (1993), na região metropolitana, a regra teria atingido o estágio final, já que a variante ali predominante é a forma vocalizada, ou seja, o *glide*. Em regiões onde há contato com outras etnias (Taquara, Monte Bérico e Santana do Livramento) ainda é possível detectar, concomitantemente, o segundo estágio da regra, ou seja, a variante velar. No que concerne à variante alveolar, como já referido, esta somente é detectada em condição de *onset* de sílaba derivada por ressilabação na fronteira lexical.

Um aspecto que a representação da regra traz à tona é o caráter abrupto da passagem do segundo para o terceiro estágio da derivação telescópica proposta. Na verdade, a vocalização não implica apenas o desligamento do traço coronal, mas a labialização e a perda de lateralidade. Poder-se-ia questionar se a perda de lateralidade consiste, por si só, numa operação autônoma na árvore, uma vez que, como referimos no item 5.1.1, a localização do traço [lateral] não está ainda bem definida, havendo quem defenda sua localização na dependência do traço [coronal], o que caracterizaria a perda de lateralidade como mera consequência da descoronalização.

Assim e tudo, o desligamento do traço coronal acarreta, por relação implicacional, a aparição do traço [labial], modificando substancialmente a estrutura original.

Então parece que a solução dos problemas acima apontados seria a inclusão da variante labializada na regra telescópica - a qual, como referido, já foi detectada no português gaúcho -, o que tornaria mais natural e gradativa a evolução diacrônica proposta por Quednau (op.cit.), conforme propomos em (50).

5.2 Análise de aspectos fonológicos

5.2.1 Variante alveolar

A realização de [l] ou alveolarização pode ser interpretada como a preservação da forma subjacente de /l/, conforme foi representado em (34). Mediante a representação abaixo, salientaremos apenas os traços referentes ao Ponto de C, apresentando a estrutura de [l] de forma simplificada.

(43)

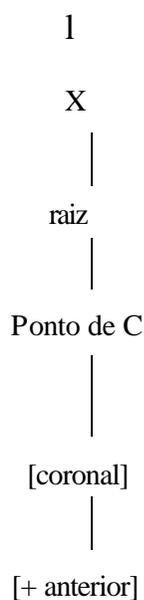


FIGURA 18 - *Representação geométrica simplificada de [l]*

O segmento [l] é favorecido por consoante seguinte com ponto de articulação alveolar ou labiodental e por fronteira vocabular com sândi.

O favorecimento do modo de articulação plosivo foi desconsiderado, uma vez que a composição do universo de dados referentes a este fator mostra, para a variante alveolar, 89% de consoantes alveolares [t, d] e apenas 11% de outras consoantes plosivas. Tal constatação revela que o favorecimento do modo plosivo é apenas aparente, devendo atribuir-se o condicionamento de [l], por parte de [t, d] ao ponto de articulação alveolar desses segmentos.

No que diz respeito à inibição, vimos no capítulo anterior que há uma perfeita simetria entre os fatores condicionadores das variantes alveolar e velar, sendo que os favorecedores de uma forma se comportam como inibidores da outra e vice-versa. Assim, os fatores que inibem a realização de [l] o fazem por razões inversas ao favorecimento de [ɫ]. Trata-se de vogal precedente [E] ou [O], consoante seguinte com ponto de articulação velar, palatal ou bilabial e fronteira vocabular sem sândi.

5.2.1.1 Favorecimento de [l] por consoante seguinte alveolar

Os segmentos consonantais considerados de ponto de articulação alveolar, pela classificação da fonologia e fonética tradicionais, favorecem a realização de [l] quando localizados em contexto seguinte. Nada mais natural que um contexto alveolar favoreça uma forma alveolar.

Observe-se, entretanto, que o nítido favorecimento do ponto de articulação alveolar está associado, como vimos em (21), ao modo plosivo, configurando os segmentos [t] e [d], como nas seqüências *fa[lt]ar* e *futebo[ld]e*.

Segundo a fonologia autossegmental, esses segmentos possuem o traço [+ anterior] ligado ao traço [coronal], aspecto articulatorio compartilhado por [l], ao que pode ser atribuído o favorecimento.

A seqüência da forma alveolar da lateral seguida de um segmento consonantal coronal anterior, como em *fa[lt]ar*, é representada em (44):

(44)

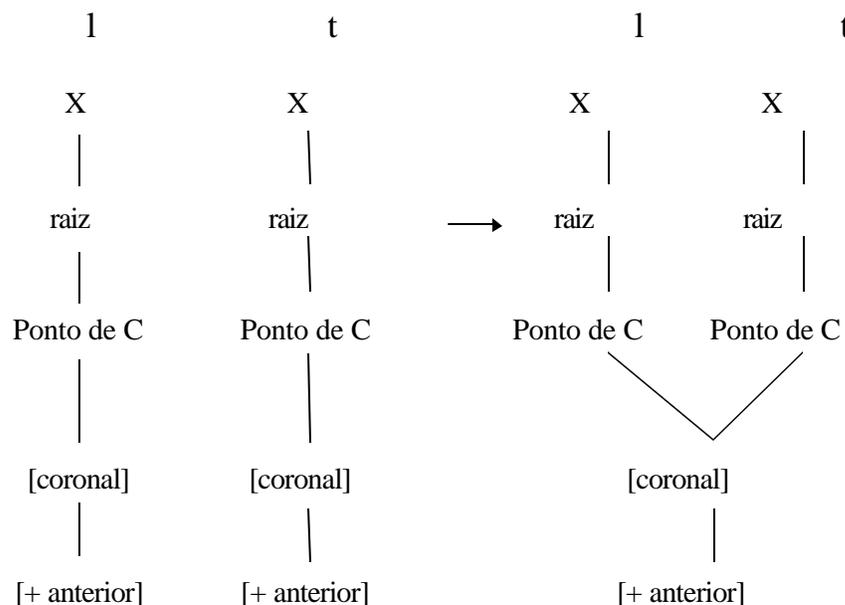


FIGURA 19 - *Unificação do traço [coronal, +anterior] por OCP*

A representação de (44) mostra a sequência em dois estágios. No primeiro estágio, à esquerda, aparecem, de forma adjacente, dois segmentos coronais anteriores: [l] e [t]. No segundo estágio, à direita, representa-se uma formação arbórea derivada da primeira, seguindo o princípio de OCP - Princípio do Contorno Obrigatório -, proposto por Clements e Hume (1995, p. 262) com base em Mc Carthy (1988), o qual não permite que dois autosssegmentos idênticos sejam adjacentes. Portanto, da aplicação de OCP resulta uma única representação interligada.

5.2.1.2 Favorecimento de [l] por consoante seguinte labiodental

O favorecimento da forma alveolar por parte de consoante labiodental (segmentos [f] e [v]) em contexto seguinte pode ser atribuído à vizinhança das duas regiões articulatórias e à semelhança de ambos os segmentos quanto ao traço [+ contínuo].

No que se refere à vizinhança das regiões articulatórias, diríamos, em termos da classificação tradicional, que o ponto labiodental é adjacente e imediatamente anterior ao ponto alveolar, sendo natural que exerça influência à realização alveolar da lateral em detrimento de formas alofônicas posteriorizadas ou velares. Devemos lembrar que, pelo princípio do menor esforço, o aparelho fonador prepara os articuladores para a realização de um segmento subsequente numa operação que envolve a maior naturalidade e o menor esforço possíveis.

Utilizando os termos da fonologia autosegmental, compreendemos que o ponto de constricção [labial] favorece a articulação precedente em ponto [coronal, +anterior] porque mais próxima que os pontos [coronal, -anterior] e [dorsal], próprios dos alofones velares.

De outra parte, vimos em (22) que consoantes bilabiais concorrem para inibir a variante alveolar. Isto pode estar associado ao traço [contínuo], parâmetro responsável pela oposição entre [p, b] e [f, v]. Assim, o valor [+ contínuo] de [f, v], compartilhado pela lateral, funcionaria como segmento coadjuvante no seu favorecimento, ao passo que o valor [- contínuo] de [p, b] operaria em sentido contrário.

5.2.1.3 Favorecimento de [l] por fronteira vocabular com sândi

O favorecimento da variante alveolar por fronteira vocabular com sândi está associado à mudança de condição da lateral de pós-vocálica para pré-vocálica. O sândi externo motiva a ressilabação, que desloca o segmento da posição de coda de uma sílaba para a posição de *onset* da sílaba seguinte.

Assim, em seqüências como *sulachava*, *miloitocentos* e *soleles*, estão dadas condições para a ressilabação. Conforme observa Bisol (1992), a ressilabação pertence a um processo de

reestruturação rítmica na fronteira vocábular em que se criam novas sílabas, as quais passam ao domínio do acento do vocábulo seguinte:

5.2.2 Variante velar

Conforme representado em (37), a variante velar resulta da posteriorização da lateral alveolar, à cuja estrutura subjacente também se acrescenta o traço [dorsal], como articulação secundária, caracterizando um segmento complexo.

Tal estrutura pode ser representada, de modo simplificado, como segue:

(47)

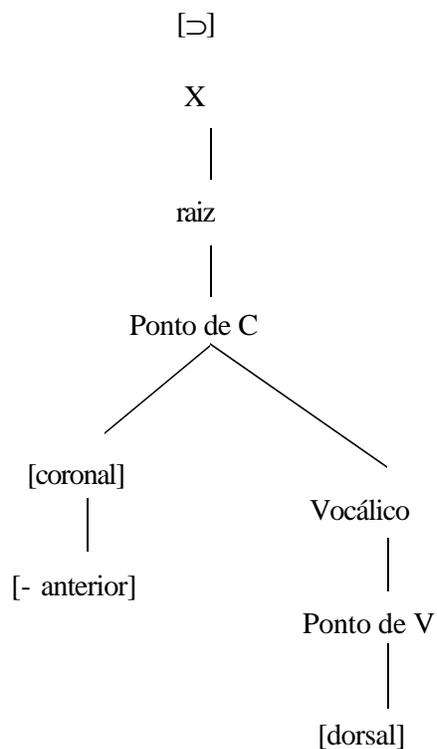


FIGURA 20 - Representação geométrica simplificada de [É̃]

O segmento [ɔ] é favorecido por vogal precedente [E] ou [O], por consoante seguinte com ponto de articulação velar, palatal ou bilabial e por fronteira vocabular sem sândi.

O favorecimento do modo de articulação nasal foi desconsiderado uma vez que a composição do universo de dados referentes a este fator mostra, para a variante velar, 80% de consoante bilabial [m] e apenas 20% de outras consoantes nasais. Isso sugere que não seria o modo nasal o fator responsável no condicionamento exercido por [m] e, sim, o ponto de articulação bilabial.

Como já referimos, os fatores favorecedores da variante alveolar resultam inibidores da velar: consoante de ponto alveolar ou labiodental e fronteira vocabular com sândi.

5.2.2.1 Favorecimento de [ɔ] por vogal precedente [E] ou [O]

Segundo a proposta de Clements (1989) e de Clements e Hume (1995) as vogais [E] e [O] são caracterizadas, quanto ao traço [± aberto], como [+ab1, +ab2, +ab3]. Ambos os segmentos são produzidos com abertura quase total da cavidade oral - a abertura total corresponde à vogal [a], caracterizada como [+ab1, +ab2, +ab3]. Os autores entendem que essa escala de abertura representa o grau de constrição referente à produção desses segmentos vocálicos.

Já o lugar em que ocorre a constrição não é comum a [E] e [O]. Enquanto o primeiro é considerado de articulação coronal, por ser produzido com constrição formada pela frente da língua, o segundo é considerado labial, por ser produzido com constrição dos lábios.

Como vemos, ambas as propriedades de [E] e [O] deixam claro que a constrição se realiza com alto grau de abertura e que não há elevação do dorso da língua na articulação, o que permite que o ar pulmonar circule de forma bastante distribuída pela cavidade oral. O mesmo não ocorre com [i] e [u], que, em razão do grau mínimo de abertura que apresentam, caracterizados como [-ab1, -ab2, -ab3], deixam pouco espaço para a vazão do ar pulmonar, o

qual concentra sua passagem pela parte superior da cavidade oral, criando uma força de empuxo que concorre para um deslocamento coronal em direção a um local mais anterior de constrição, onde a lateral é produzida. Esse favorecimento da alveolar com inibição concomitante da velar, por parte das vogais precedentes [i] e [u], embora não tenha permanecido incólume quando associado a alguns fatores inibidores da alveolar ou favorecedores da velar, foi posto em evidência no capítulo anterior.

Assim, a maior abertura de [E] e [O] não apresenta obstáculo à procura do palato, por parte da frente da língua, quando da articulação coronal para produzir a lateral pós-vocálica, movimento natural em posição de coda que objetiva, como já referimos, proceder ao fechamento de sílaba de modo preferencialmente posterior.

5.2.2.2 Favorecimento de [ɹ] por consoante seguinte velar

A constatação de favorecimento da forma velar da lateral por parte de consoante seguinte velar é mais uma evidência da naturalidade que rege os fenômenos lingüísticos. De forma análoga ao favorecimento da variante alveolar por parte de consoante seguinte alveolar, é óbvio que também no caso da forma velar resultará mais fácil realizar a lateral no ponto em que, de imediato, será articulado o segmento seguinte.

As consoantes de ponto de articulação velar [k, g, x] são vistas pela fonologia autosssegmental como segmentos de articulação dorsal, ou seja, segmentos em que a constrição é formada pela parte posterior ou dorso da língua. Esse traço [dorsal] é favorecedor da velarização da lateral ou, em outras palavras, do surgimento da estrutura complexa que, como vimos em (47), apresenta uma articulação dorsal secundária.

Vejamos a representação da seqüência da forma velar da lateral seguida de um segmento consonantal dorsal, como em *qua[Ék]er*:

(48)

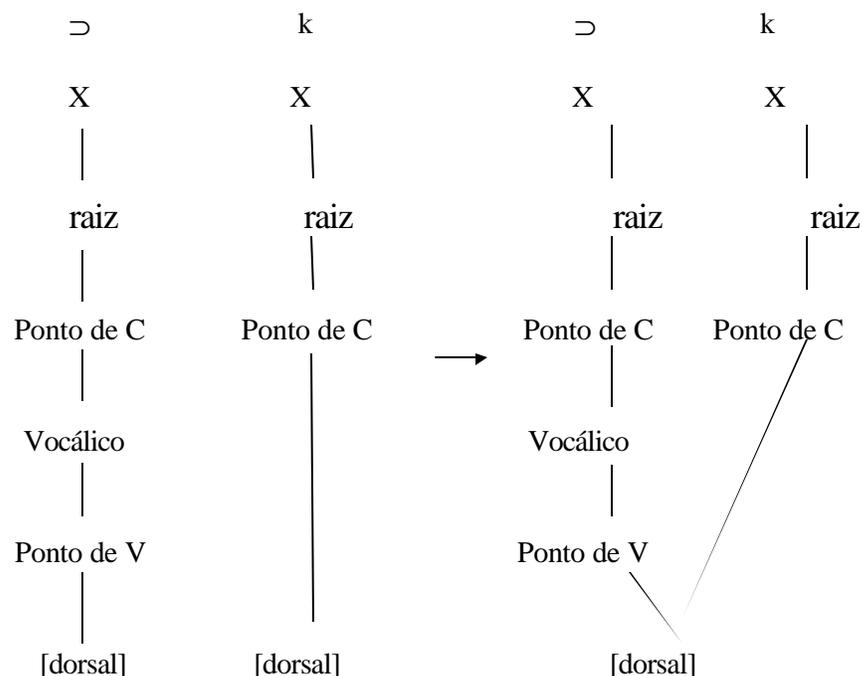


FIGURA 21 - Unificação do traço [dorsal] por OCP

Para efeitos de aplicação de OCP, Clements e Hume (1995, p. 279), com base em Hume (1992), ampliam a noção original de adjacência, propondo que dois traços idênticos, mesmo que originários de *tiers* diferentes, possam ser considerados adjacentes desde que dependentes de nós adjacentes. Assim, aplica-se em (48) o princípio de OCP entre ambos os traços [dorsal] consecutivos, o primeiro referente à articulação secundária de [ɖ], ou seja, dependente do Ponto de V, e o segundo referente à articulação primária de [k], ou seja, dependente do Ponto de C, obtendo-se uma representação em que os dois autosssegmentos iguais são unificados porque adjacentes.

5.2.2.3 Favorecimento de [ɔ] por consoante seguinte palatal

De forma semelhante ao que ocorre com consoante velar em contexto seguinte, o favorecimento da forma velar por parte de consoante palatal [j, Z, tʃ, dʒ, ñ] pode ser atribuído a que ambos os tipos de segmento possuem o traço [coronal, -anterior], ou seja, apresentam o mesmo ponto de constricção no nível de articulação primária.

Resulta lógico que um segmento palatal, de ponto de constricção [-anterior], prefira favorecer uma variante também menos anterior ou posteriorizada da lateral - o segmento [ɔ] -, com o qual compartilha tal aspecto articulatorio. Novamente devemos atentar aqui para o princípio de naturalidade com que se desenvolvem as condições de produção, dispensando esforço mínimo na articulação consecutiva dos segmentos que compõem a seqüência esquelética da fala.

Em (49) representa-se a seqüência da forma velar da lateral seguida de uma consoante palatal, como em *aco[Éò]oadado*:

(49)

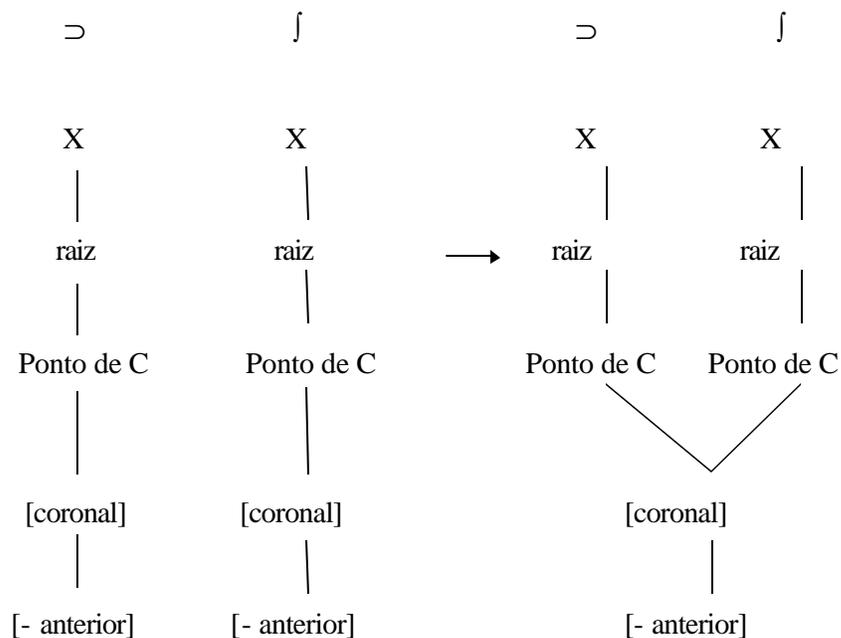


FIGURA 22 - *Unificação do traço [coronal, -anterior] por OCP*

Na representação acima observam-se os dois momentos de representação da seqüência proposta, antes e depois da aplicação do princípio de OCP, que cria a estrutura interligada com a unificação do traço [coronal, -anterior] que lhe é decorrente.

5.2.2.4 Favorecimento de [ɹ] por consoante seguinte bilabial

A variante velar é favorecida por consoante bilabial [p, b, m] em contexto seguinte. À semelhança do que observáramos para o condicionamento da variante alveolar por parte de consoante labiodental em contexto seguinte, o favorecimento da velar por consoante bilabial pode ser explicado pelo critério de proximidade entre as regiões articatórias dos segmentos contíguos. Os segmentos [p, b, m] não atrairiam a forma vocalizada da lateral, uma vez que esta é articulada de forma dorsal, ou seja, a constrição é formada pela parte posterior da língua.

Todavia, os resultados da análise numérica mostram que a forma alveolar também é repelida neste contexto, ao que parece devido à presença do traço [labial] na articulação das consoantes bilabiais, procurando-se então solução numa forma intermediária da lateral, entre a alveolar e a vocalizada, que se aproxime de ambos os aspectos articatórios das bilabiais: a proximidade em relação ao ponto labial e a própria labialização.

Observe-se, ainda, que a estrutura complexa do segmento [ɹ] potencializa a presença do traço [labial] na articulação secundária, uma vez que é a estrutura da vogal [u] que a ela se acrescenta, o que daria lugar à formação de um segmento lateral velar labializado [l^w], o qual, apesar de estar presente em outras variedades dialetais do PB - inclusive no português gaúcho -, conforme referido em 2.3.2.3, não foi detectado na comunidade em estudo e, portanto, não consta por ora como alternativa alofônica da lateral no inventário fonético dos entrevistados.

Assim, na falta de uma alternativa velar labializada [l^w], os falantes produziram o alofone velar [ɹ] por ser este o segmento disponível no seu inventário que detém um valor intermediário

ou conciliatório entre as duas formas extremas da variação, as variantes alveolar e a vocalizada, e porque apresenta a potencialização do traço [labial] como ponto de constricção secundário.

Pensamos, ainda, a partir da idéia de Quednau (1993), que essa alta incidência da variante velar diante de consoantes bilabiais poderia estar sinalizando um processo de gestação de um quarto estágio telescópico, diante do aparecimento iminente da forma [lʷ] na variedade dialetal em estudo, que pode vir a ser reforçada pela tendência à labialização que alguns fatores extralingüísticos, como o contato com outros dialetos do PB, possam favorecer.

Se consolidado esse estágio telescópico na forma [lʷ] como alofone intermediário entre as variantes [l] e [w], o quadro da variação poderá evoluir para uma situação de co-ocorrência de quatro variantes para a realização da lateral pós-vocálica nesta variedade fronteiriça, como esquematizamos abaixo:

(50)

QUADRO 7
Regra telescópica do /l/ com quatro estágios

	[l]	[ɮ]	[lʷ]	[w]
	Alveolar	Velar	Velar labializada	Vocalizada
Lateralidade	[+ lateral]	[+ lateral]	[+ lateral]	([- lateral])
Ponto de C	[coronal, +anterior]	[coronal, -anterior]	[coronal, -anterior]	
Ponto de V		[dorsal]	[dorsal, labial]	[dorsal, labial]

Como vemos em (50), a forma potencial [lʷ] difere da forma velar apenas pelo acréscimo do ponto de constricção labial na articulação secundária enquanto difere da forma vocalizada por apresentar ponto de constricção coronal na articulação primária e pela ausência do traço de lateralidade no *glide*.

Partindo desse posicionamento intermediário de [l^w] entre as formas velar e vocalizada e da estrutura proposta em (39) para esse segmento, a forma potencial labializada pode ser representada, de modo simplificado, como segue:

(51)

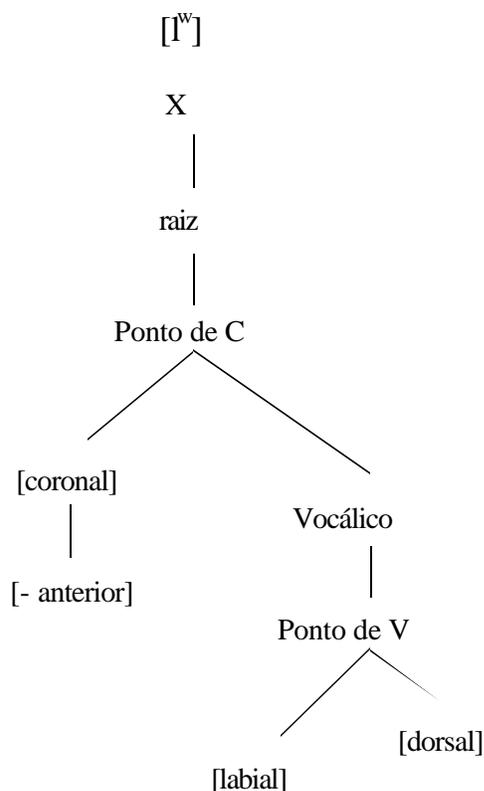


FIGURA 23 - Representação geométrica simplificada da forma potencial [l^w]

5.2.2.5 Favorecimento de [ɔ] por fronteira vocálica sem sândi

A não-ocorrência de sândi na fronteira vocálica não permite a ressilabação, uma vez que, neste caso, o contexto seguinte à lateral não é de natureza vocálica. É o que acontece em seqüências como *curralgrande*, *espanholtambém* e *nacionalno*; há um segmento consonantal

em posição de *onset*, no início de um item lexical. Desse modo, a condição de pós-vocálica é preservada para /l/, o que significa que o segmento permanece na coda silábica, única posição em que pode ocorrer a forma [ɮ] como variante alofônica da lateral.

Quednau (1993) utiliza um grupo de fatores que denomina “posição da lateral” para analisar a vocalização da lateral no interior de vocábulo ou no seu final (fronteira lexical), bem como na derivação; especialmente, na formação de palavras compostas e no acréscimo de sufixos especiais como *_mente* e *_zinho*. À luz da fonologia lexical, a autora conclui que a vocalização é de ordem lexical pós-cíclica, o que fica demonstrado pelo controle da aplicação recorrente de interações entre regras fonológicas e morfológicas, no nível do componente lexical, deixando em evidência que a aplicação de [w] se dá somente quando o item lexical está pronto, isto é, após o processo cíclico de produção lexical, o que explica alternâncias do tipo *ma[w]-educado ~ ma[l]-educado*.

A velarização, entretanto, aplica-se somente no componente pós-lexical. Ao não ocorrer vocalização ou rressilabação no componente lexical, isto é, por sândi interno, aguarda-se a rressilabação pós-lexical. Segundo Quednau, não havendo vocalização no componente lexical ou rressilabação em nenhum dos dois componentes, poderá, ainda, ocorrer vocalização ou, então, aplicação da forma velar. Na falta de rressilabação, a forma alveolar seria descartada da variação.

Os dados com que trabalhamos corroboram o caráter pós-lexical da forma velar. Entretanto, a variação da lateral na linguagem chuiense registra a persistência da ocorrência da variante alveolar no componente pós-lexical, em posição de coda, embora bem menos incisiva, uma vez que descartado o significativo favorecimento do sândi externo. Assim, diante da não-rressilabação, a variação no componente pós-lexical continua sendo ternária (l ~ ɮ ~ w) mas a variante velar ganha terreno nesse contexto.

Cabe sublinhar que o favorecimento de [ɮ] por parte da fronteira vocabular sem sândi confirma a simetria dos contextos que condicionam a variação entre as variantes velar e vocalizada, sendo uma favorecida quando a outra perde favorecimento.

5.2.3 Variante vocalizada

Como vimos em 5.1.3 e em (50), o segmento [w], concebido a partir da forma subjacente da lateral, ou seja, da forma alveola r, pode ser compreendido, na diacronia telescópica, como um estágio derivacional posterior às formas velares - considerada a velar simples, ou não-labializada, como diretamente derivada da variante alveolar.

Nessa perspectiva, a variante vocalizada, conforme refere Quednau (1993), pode derivar diretamente da variante velar, mediante acréscimo do traço [labial] à articulação secundária, desligamento do traço [coronal] e perda de lateralidade, passando a [- lateral], numa mudança que envolve duas operações articulatórias. Em sistemas que possuam a variante velar labializada, a derivação telescópica de [w] pode ocorrer diretamente dessa variante, apenas por desligamento do traço [coronal] e perda de lateralidade.

Sendo que a variedade dialetal fronteiriça que analisamos não apresenta por ora a forma [ɰ], relocalamos em (52) a representação geométrica da variante vocalizada [w] de modo a evidenciar todos os aspectos que a distinguem do alofone velar [ɰ], ou seja, considerando-a dele derivada:

(52)

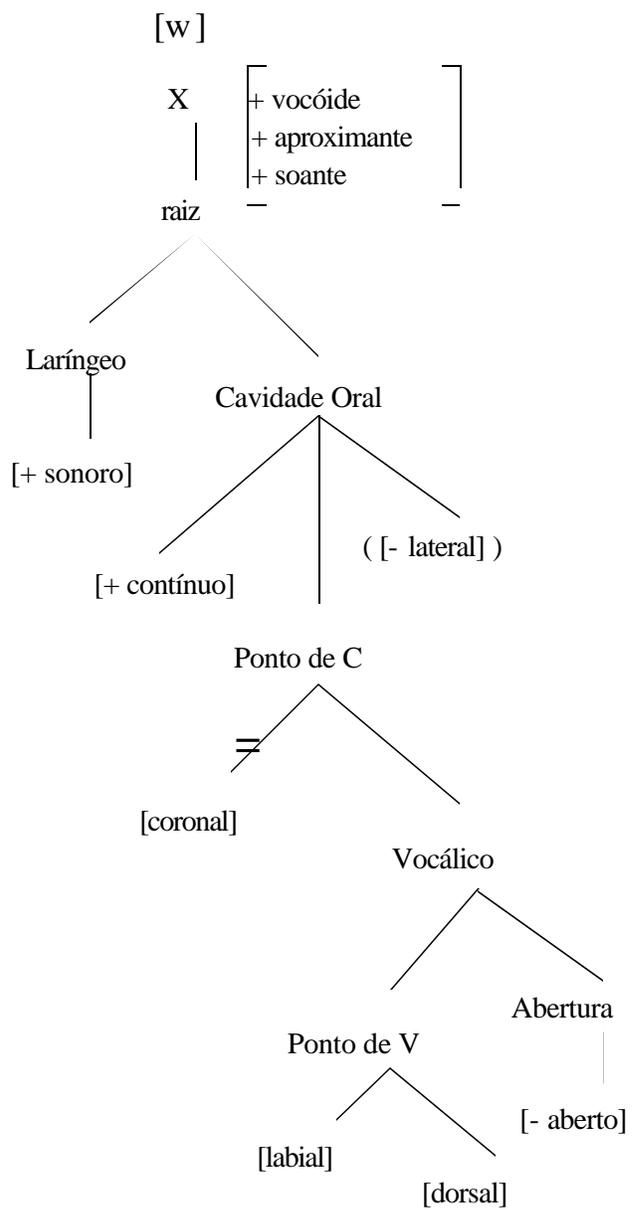


FIGURA 24 - Representação da derivação de [w] a partir de [É]

O segmento [w] é favorecido, primeiramente, por fatores extralingüísticos, que analisaremos posteriormente. Em segundo plano é favorecido por vogal precedente [a] e por consoante seguinte de modo plosivo.

O segmento [w] é inibido por vogal precedente [u].

5.2.3.1 Favorecimento de [w] por vogal precedente [a]

O posicionamento de [w] em contexto pós-vocálico constitui um processo de ditongação em que a lateral, em posição de coda, declina sua natureza essencialmente consonantal em favor do *glide*, uma estrutura de base articulatória vocálica.

Também são freqüentes no PB as substituições de consoantes líquidas por *glides*. Tais fenômenos são analisados por Yavas, Hernandorena e Lamprecht (1991), com base na perspectiva de fonologia natural de Stampre (1973). As autoras constataam que as substituições, dentre as quais a produção de *glide* em vez de consoante líquida, constituem processos fonológicos que ocorrem naturalmente durante a aquisição de linguagem e que respondem a limitações inatas do ser humano em face da complexidade, razão pela qual assumem caráter universal.

Também Mota (1996), ao pesquisar 25 sujeitos em etapa de aquisição, apresenta dados que corroboram a alta incidência de substituições de líquidas por *glides* [w] ~ [y], na sua maioria preferindo o segmento [y], no processo de aquisição da fonologia do português.

Em consonância com a proposta de Hernandorena (1994, 1995) de um sistema de aquisição gradativa de traços fonológicos durante a etapa de aquisição, e com o modelo implicacional de complexidade de traços apresentado por Mota (1996) a partir da teoria de Calabrese (1992, 1993), baseada em restrições, podemos conceber tais substituições como estratégias de que se valem os falantes a fim de preencher certas lacunas, em seu inventário fonético-fonológico, correspondentes a traços mais complexos, não disponíveis porque ainda

não adquiridos. Em outras palavras, trata-se de estratégias simplificadoras porque, como observam Yavas, Hernandorena e Lamprecht (1991), “*visam diminuir as dificuldades articulatórias das crianças ao mesmo tempo em que devem preservar ao máximo as características perceptuais da fala para que a inteligibilidade não seja muito prejudicada.*”

No caso da variação alofônica da lateral pós-vocálica no PB, o valor *default* para a variante vocalizada é o segmento [w], e não [y], razão pela qual, segundo Mota (1996), a substituição de [l] pelo *glide* em uma etapa inicial pode ser consequência de uma supergeneralização da aplicação desse alofone *default* do /l/ pós-vocálico, da posição de final para a posição de início de sílaba.

O favorecimento da variante vocalizada por parte de [a] em contexto precedente é também motivado pelo compartilhamento do traço [dorsal], como se vê na representação da sequência *asf[‘aw]to*, em (53):

(53)

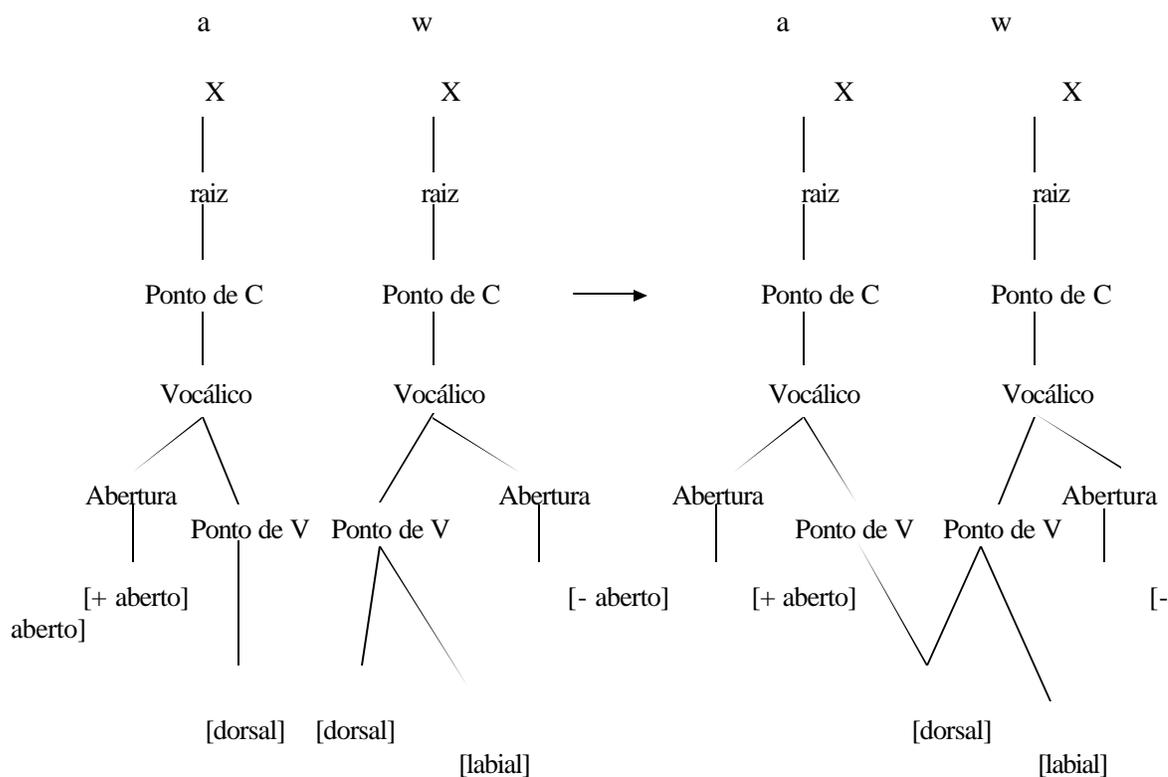


FIGURA 25 - Unificação de articulação secundária dorsal por OCP

Observa-se, na representação acima, a unificação do traço [dorsal] para ambos os segmentos contíguos, através da aplicação do princípio de OCP entre as duas árvores, à esquerda da seta, que resulta no compartilhamento do traço, à direita.

5.2.3.2 Favorecimento de [w] por consoante seguinte de modo plosivo

Dentre as consoantes que fazem parte do grupo de plosivas, devem ser excluídas as de ponto velar [k, g], que perfazem, juntas, apenas 20% dos segmentos que foram detectados neste contexto favorecedor de [w].

O favorecimento da variante vocalizada por parte de consoante seguinte plosiva explica-se de forma análoga ao favorecimento da variante velar por consoante seguinte bilabial, ou seja, por critério de proximidade entre as regiões articulatórias dos segmentos contíguos e pelo evento de labialização, ambos atribuíveis ao traço [labial].

Assim, na parcela da população que, por razões extralingüísticas, prefere o alofone vocalizado, o ponto de constricção coronal anterior dos segmentos [t, d], ou seja, a região alveolar, pode motivar ainda mais tal preferência por ser essa região próxima do ponto de constricção labial de [w].

O ponto de constricção [labial] também é traço compartilhado entre a variante vocalizada e os segmentos [p, b], o que motivaria a realização de [w], como na seqüência *mi[wp]essoas*, que representamos em (54):

(54)

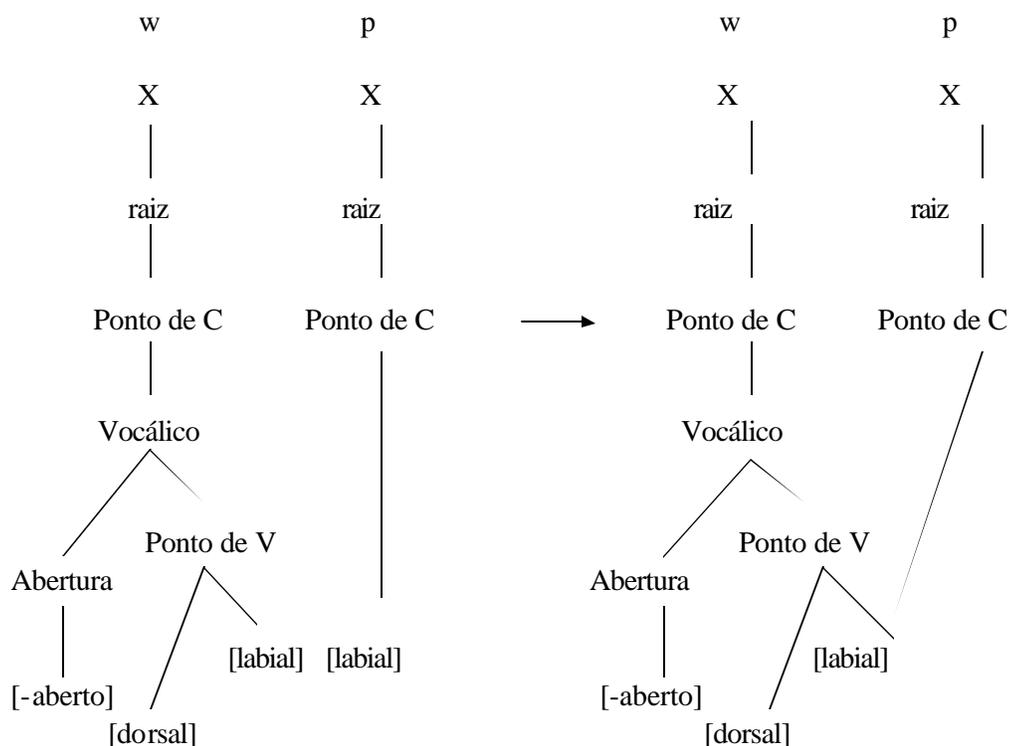


FIGURA 26 - Unificação do traço [labial] por OCP

Em (54) aplica-se o princípio de OCP ao traço [labial] comum a [w] e [p], de forma análoga ao que já observáramos em (48) com relação ao compartilhamento do traço [dorsal] entre [ɔ] e [k], por considerarmos, fundamentados em Clements e Hume (1995), que o conceito de adjacência pode ser estendido a autosegmentos idênticos, mesmo que localizados em *tiers* diferentes, desde que estejam ligados a pontos de constrição adjacentes.

5.2.3.3 Inibição de [w] por vogal precedente [u]

Este condicionamento da variante vocalizada refere um segmento vocálico [u] que, estando em núcleo de sílaba, inibe como contexto subsequente a formação de um segmento de idêntica natureza, o qual, apenas por razões posicionais, é considerado semivogal ou *glide*, já que ocupa posição de coda.

A aplicação do princípio de OCP, nos casos anteriormente registrados, resultava sempre numa interligação entre duas estruturas nitidamente diferentes, cada uma subordinada a uma raiz. Nesse caso, a aplicação de OCP resultaria numa estrutura interligada desde a raiz, o que parece ser rejeitado pelos falantes.

Os resultados da análise mostraram que a seqüência *az[‘uw]* ou *az[‘u:]* tende a ser evitada na variedade dialetal pesquisada, contrariamente ao que ocorre quando o *glide* se combina com a vogal precedente [a], a qual, como vimos, o favorece, como na seqüência *asf[aw]to*.

Quednau (1993) associa tal oposição, no tocante aos condicionamentos contrários de [u] e de [a], à altura das vogais. Segundo a autora, vogais não-altas, ou seja, com valores de altura distanciados dos correspondentes a [w], favorecem a regra porque criam ditongos nítidos enquanto vogais altas inibem o processo a fim de evitar ambigüidades.

Entendemos pertinente a conclusão da autora a respeito da oposição ou não-oposição da vogal ao *glide*, a qual, segundo a fonologia autossegmental, se expressa em termos de contraste de abertura. Assim, conforme observáramos em (54), há total oposição entre [a] e [w], o primeiro sendo [+ aberto], podendo ser especificado como [+ab1, +ab2, +ab3], enquanto o segundo é [- aberto], podendo ser especificado como [-ab1, -ab2, -ab3]. No outro extremo, interpretamos que a identidade entre [u] e [w] está implicada na absoluta identidade de todos os traços hierárquicos de ambos os segmentos, onde os respectivos valores de abertura correspondem a [-ab1, -ab2, -ab3].

Inferre-se ainda que, uma vez que a forma [ʷ] não foi detectada na linguagem chuiense, os falantes talvez prefiram as variantes [l] ~ [ɮ] em contexto subsequente a [u] porque, somente

mediante a utilização do traço [lateral] desses alofones - ausente no *glide* -, conseguiriam realizar a distinção fônica entre a vogal precedente e a lateral, desfazendo qualquer ambigüidade nesse contexto.

5.3 Análise de aspectos extralingüísticos

A interpretação dos condicionamentos de ordem interna à língua, relacionados com a fonologia, permitiu identificar, na alternância alofônica das três variantes pesquisadas, dois tipos de comportamentos lingüísticos. De um lado, as variantes alveolar e velar mostram uma tendência à complementaridade, através do que chamamos “simetria dos condicionamentos”, isto é, a condição de um fator agir como favorável a uma das duas variantes, concomitantemente, inibe a outra. De outro lado, a variante vocalizada mostra-se regida por outras prioridades contextuais, no que se refere ao condicionamento de sua aplicação. Assim, enquanto a relação entre os condicionamentos das variantes alveolar e velar tende a ser de complementação, a relação entre os referentes às variantes alveolar e vocalizada tende a ser de oposição.

Isto posto, analisaremos os fatores extralingüísticos em função de duas perspectivas: a influência de outras variedades dialetais, próximas à comunidade pesquisada, e a idade dos informantes.

Através da primeira procuraremos inscrever a variação em tela num contexto mais amplo no qual, a partir dos conceitos de contato lingüístico e de contínuo dialetal, possamos melhor compreender a dimensão diatópica do jogo de forças subjacente à linguagem fronteiriça da região.

Através da segunda, uma variável de caráter tipicamente sociolingüístico, abordaremos a questão “variação ou mudança?”, numa tentativa de dar à alternância em estudo um enfoque histórico, em função da dimensão de “tempo aparente” à que Tarallo (1986, p. 65) se refere. O autor coloca que, *“se o uso da variante mais inovadora for mais freqüente entre os jovens, decrescendo em relação à idade dos outros informantes, você terá presenciado uma situação de mudança em progresso”*.

5.3.1 Influências de contato

5.3.1.1 Contato com o espanhol do Uruguai

Uma vez que isolamos a variável “etnia” na variação da lateral pós-vocálica, prefixando-lhe um valor constante, relativo à influência do espanhol, conforme proposta metodológica inicial de nosso trabalho, aceitamos como pressuposto que o contato do PB com o EU é uma realidade permanente com que se convive na fronteira, região onde, no caso específico da comunidade estudada, coincide a fronteira política com a lingüística, ou seja, coincide a demarcação dos limites territoriais entre o Brasil e o Uruguai com a isoglossa entre ambas as línguas.

A influência do espanhol sobre o português nesta região fronteira é devida, como já vimos, a razões históricas e remonta à época da colonização e da disputa das terras americanas, por parte das coroas portuguesa e espanhola. Através dessa influência, consolidada historicamente, dá-se a pressão que as formas lingüísticas do EU exercem, por força do contato, sobre o PB.

Do forte e antigo contato com o EU decorre a alta incidência da forma alveolar no sistema de variação da lateral pós-vocálica na comunidade fronteira do Chuí, pois, no EU, é essa a variante da lateral que se faz proeminente.

Uma outra força, mais jovem porém pujante e normatizadora, vem manifestar-se sobre a linguagem da comunidade fronteira pesquisada. Trata-se do próprio PB, que procura recuperar terreno a partir do recente estabelecimento das comunicações do Chuí com o resto do Brasil. O PB entra em contato com a linguagem chuiense de diversas formas, sob diversas variedades, todas pertencentes ao que denominamos contínuo dialetal brasileiro ou, simplesmente, PB. Também são variados os graus do contato que, para efeitos da presente pesquisa, simplificamos reduzindo-os a dois: intenso ou moderado, caracterizados na definição das variáveis, no item 3.3.

Na variação em estudo, constata-se que a variante velar da lateral pós-vocálica disputa terreno com a forma alveolar na parcela da comunidade que priva contato moderado com outras variedades dialetais do PB, enquanto concorre com a vocalizada na parcela da comunidade que priva contato intenso com tais variedades. Tal situação faz da velar uma forma intermediária, conciliatória, coerente com seu próprio valor fonológico enquanto variante de transição entre a forma anterior (alveolar) e a dorsal (vocalizada), isto é, entre os extremos da variação.

A realização velar da lateral pós-vocálica, com articulação primária coronal e secundária dorsal, ocorre tanto no PB quanto no EU. Tal compartilhamento do segmento velar, por parte de ambos os inventários lingüísticos, explica a forte presença dessa variante em todos os contextos analisados.

A forma alveolar, como vimos, também é compartilhada por ambos os sistemas fonológicos, embora no PB somente ocorra em função do fator étnico, ou seja, do contato com variedades dialetais de outros sistemas lingüísticos, como, no caso do Rio Grande do Sul, o espanhol, o italiano e o alemão.

A variante vocalizada, à diferença das outras variantes analisadas, está presente apenas no PB e não no EU. Na tentativa de representar graficamente esses domínios, bem como a idéia de sobreposição das formas na variação, apresentamos os seguintes diagramas.

(55)

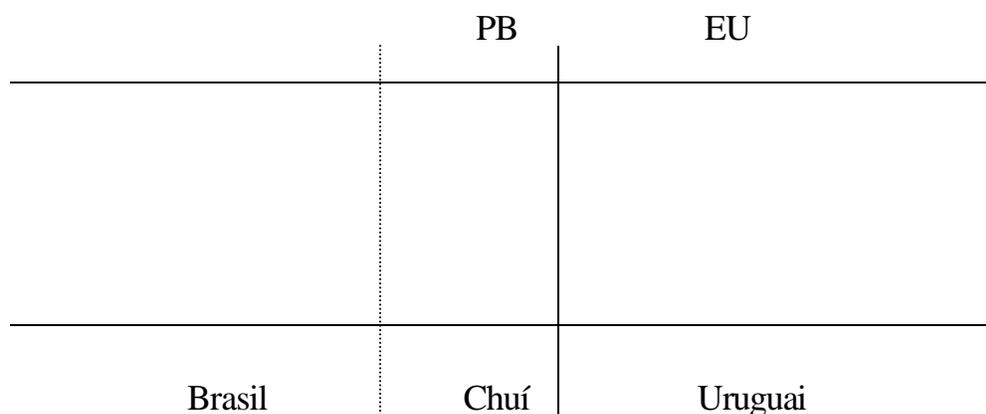


FIGURA 27 - *Diagrama vazio de representação da região de contato*

O diagrama acima representa a seção do contínuo dialetal do PB que entra em contato com o EU na região fronteiriça em estudo. A linha contínua vertical representa a fronteira territorial entre o Brasil e o Uruguai, coincidindo, nesta região, com a isoglossa entre as duas línguas. A linha pontilhada vertical representa o contato do Chuí com outras variedades dialetais do PB.

Sobre este diagrama básico tentaremos representar, em camadas e de forma planar, a variação alofônica da lateral. A primeira camada que dispomos no diagrama representa o domínio da forma velar, como vemos em (56):

(56)

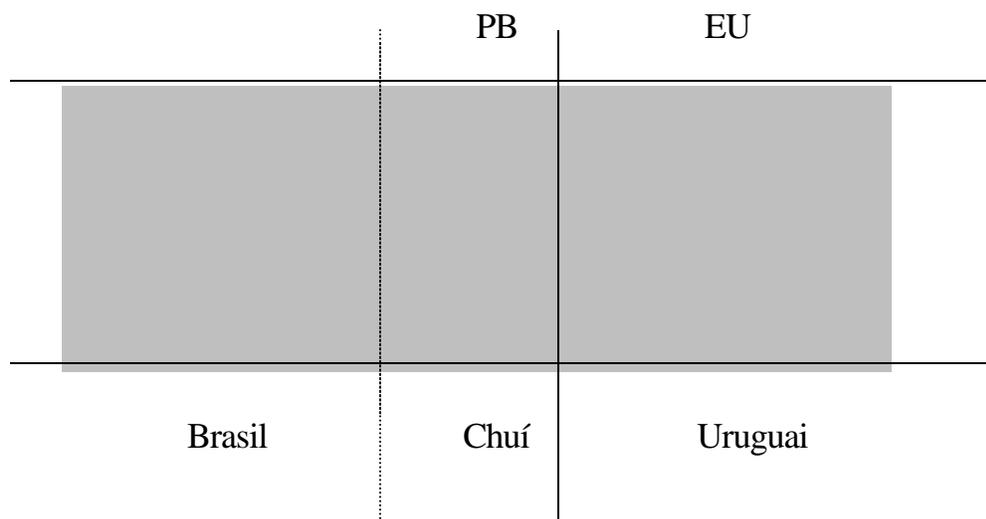


FIGURA 28 - *Domínio da variante velar na região do contato*

O domínio da forma velar está representado no diagrama em forma de retícula diagonal, estendendo-se, conforme já referido, de um lado a outro da linha isoglossica, uma vez que é compartilhada por ambas as línguas. A próxima camada a ser disposta no diagrama refere-se à variante vocalizada:

(57)

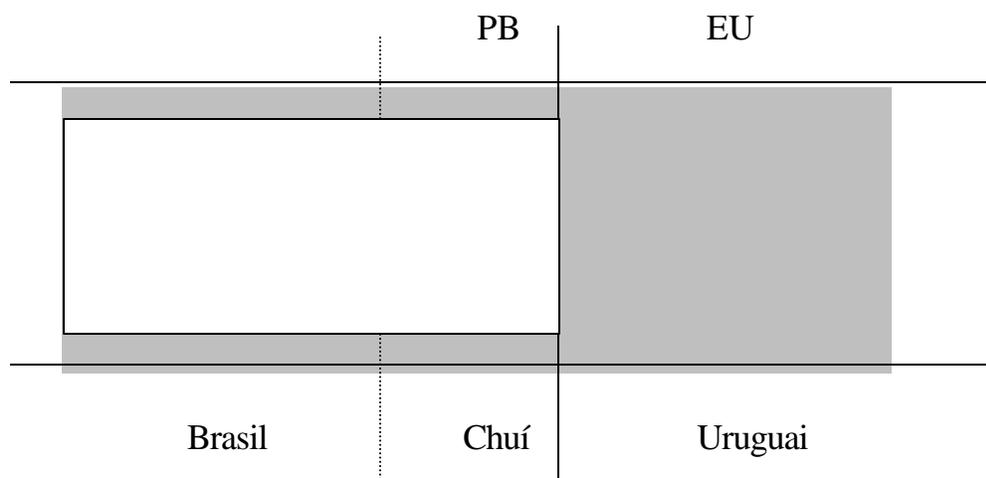


FIGURA 29 - Domínios das variantes velar e vocalizada na região do contato

A forma vocalizada está presente apenas no PB, em virtude do que a representação de seu domínio, na cor branca, não ultrapassa a linha de fronteira. Observe-se que não há intenção de representar proporcionalmente, no diagrama, o índice de aplicação de cada variante ou qualquer outro valor numérico. Apenas registramos, de forma gráfica, sua presença na variedade dialetal em foco. Assim, o diagrama mostra que a variante vocalizada está presente na linguagem chuiense.

No diagrama seguinte, completamos o quadro da variação ao sobrepor-lhe a camada referente à forma alveolar da lateral:

(58)

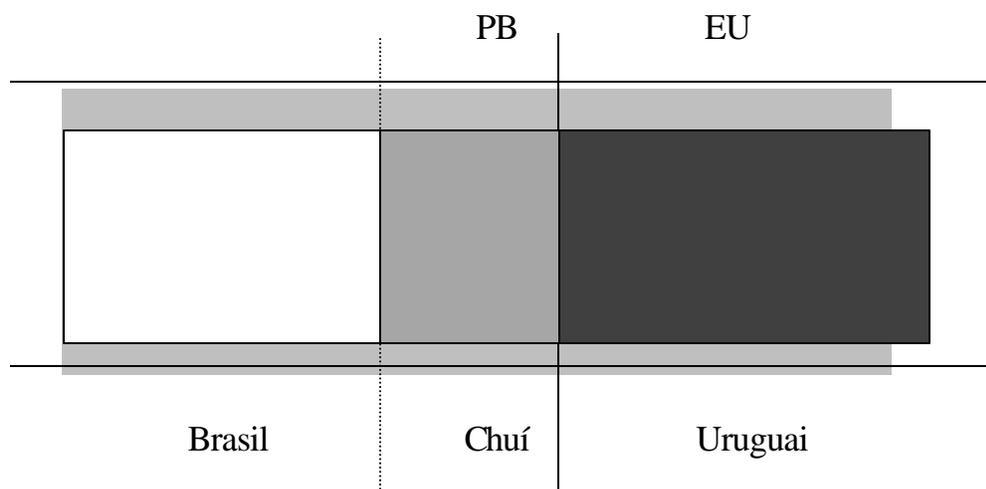


FIGURA 30 - Diagrama da variação de /l/ na região do contato

Na sua forma completa, o diagrama apresenta também a forma alveolar da lateral, cujo domínio é representado num tom cinza escuro até a linha de fronteira. Porém, a alveolar avança além desta linha, integrando-se, como vimos até aqui, ao sistema alofônico da lateral pós-vocálica do português do Chuí. Tal avanço da forma alveolar é representado mediante um tom cinza mais claro na região do Chuí, resultante da sobreposição do cinza escuro com a cor branca da forma vocalizada. O avanço da forma alveolar, na verdade, ultrapassa a região fronteira do Chuí, havendo registros de sua presença na linguagem da comunidade de Santa Vitória do Palmar; contudo, não se representa tal avanço no diagrama devido à inexistência de dados concretos que permitam dimensionar tal ocorrência.

Então, temos representadas no diagrama as três formas da variação da lateral pós-vocálica: a velar, em retícula diagonal; a vocalizada, na cor branca; e a alveolar, na cor cinza escuro. As interseções ou sobreposições dos domínios deve ser entendida como concomitância entre as variantes. Isso poderia explicar por que a variação na fronteira seja talvez maior que em outras variedades dialetais do PB, já que se concentram na região do contato lingüístico os sistemas de variação alofônica de ambas as línguas.

A representação numérica da variação pode ser feita utilizando o método proposto por Elizaincín (1992). Com base na mesma origem latina e na semelhança gramatical que ambas as línguas mantêm, o autor entende que o contínuo PB tem continuidade natural no contínuo EU e vice-versa, de forma que ambos contínuos podem ser vistos como um contínuo maior com dois pólos, português e espanhol. Esse grande contínuo PB-EU, por sua vez, pode ser representado numa escala planar sobre a qual são posicionadas as comunidades pesquisadas segundo o grau de variação que apresentam no fenômeno lingüístico que se deseja analisar. Cada pólo corresponde a 100% de aplicação do sistema gramatical de uma das línguas, em oposição ao pólo oposto, o qual representa 100% de aplicação do sistema gramatical da outra língua em contato. Elizaincín denomina o diagrama de “escala de variabilidade”:

(59)

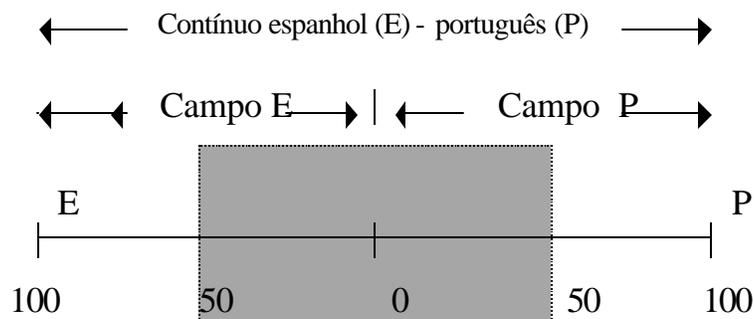


FIGURA 31 - *Escala de variabilidade segundo Elizaincín (1992) para o contínuo português-espanhol (PB-EU)*

Assim, o diagrama mostrará a tendência da comunidade pesquisada, no tocante ao fenômeno estudado, em direção a um ou outro pólo do contínuo. A zona hachurada, ou zona 50-50 corresponde à região de maior variação. Em estudos de contatos dialetais concentram-se na zona 50-50 as comunidades em que se registra maior variação ou, nos termos de Elizaincín, maior variabilidade.

Vejamos a localização do Chuí na escala de variabilidade:

(60)

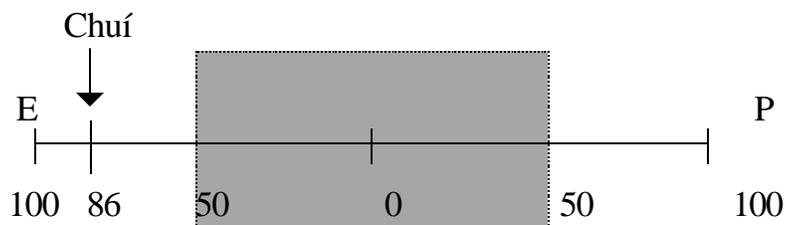


FIGURA 32 - *Localização do Chuí na escala de variabilidade para a lateral pós-vocálica: vocalizações versus não-vocalizações.*

A localização na escala de variabilidade calcula-se pela diferença percentual entre a forma referente ao P (português) e a forma referente a E (espanhol). Em nosso estudo, determinamos a posição 86 na escala, no campo E, resultante da diferença entre os percentuais gerais de não-vocalizações (93%) e de vocalizações (7%). Assim, temos que: $93 - 7 = 86$. Este método faz com que a diferença entre 100 e o valor posicional na escala (no caso, 86) seja exatamente o dobro do valor da variante mais fraca (no caso, 14 é o dobro de 7), regra que pode ser tomada como princípio de correção do cálculo do valor posicional na escala.

A representação de (60) mostra que, no que se refere à oposição vocalizações *versus* não-vocalizações, o sistema de variação da lateral pós-vocálica no Chuí tende muito mais para o sistema lingüístico do EU.

De outra parte, ao considerarmos que a velarização não pode ser contabilizada como exclusivamente inerente a um ou outro pólo do contínuo PB-EU por pertencer a ambos os sistemas, simplificamos o caráter ternário da variação, para fins de análise do fenômeno de contato, a uma oposição entre suas formas extremas. Todavia, tal oposição, como vimos em (60), não pode ser feita diretamente entre as duas formas porque o somatório de suas frequências não é 100%. A forma velar, terceira variante do sistema ternário de variação, deve ser computada no percentual de uma ou outra variante, de acordo com o aspecto em foco.

Portanto, ao colocarmos em destaque a variante alveolar, teríamos o seguinte resultado posicional na escala de variabilidade:

(61)

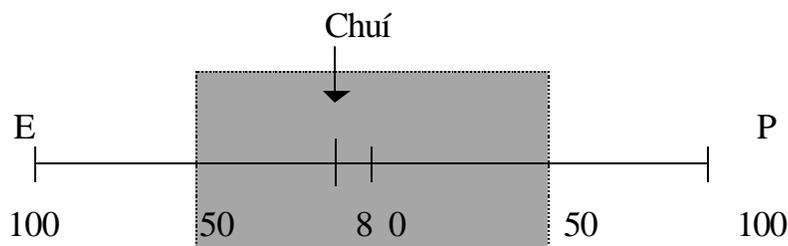


FIGURA 33 - *Localização do Chuí na escala de variabilidade para a lateral pós-vocálica: alveolarizações versus não-alveolarizações*

Observa-se em (61) o posicionamento do Chuí na zona 50-50, de variação máxima. Saliente-se que o que determinou o posicionamento nesta zona da escala, próximo do ponto zero e mais distante do pólo E comparativamente a (60), não é a presença da variante vocalizada, mas sim o alto índice de velarização (39%), computado neste caso, como já dissemos, no valor de não-alveolarizações. De qualquer modo, mantém-se em (61) a posição no campo E da escala, isto é, a tendência preferencial para o EU, o que confirma, de forma efetiva, a forte influência que sofre o português, nesta região da fronteira, por ocasião do contato com a língua espanhola.

O método proposto por Elizaincín permite, tanto em (60) quanto em (61), visualizar com clareza os resultados do contato entre o PB e o EU no que tange à variação analisada. Contudo, convém reiterar a diferença entre o contato do Chuí e aquele das comunidades fronteiriças situadas mais ao norte da fronteira do Brasil com o Uruguai, como Río Branco, Aceguá, Rivera ou Artigas, diferença que certamente se acentua nas regiões dos Dialetos Portugueses do Uruguai - DPU, como Tranqueras, Minas de Corrales, Vichadero ou Isidoro Noblía, no Uruguai, onde também se dá, de pleno, o contato entre o PB e o EU, este em situação de desvantagem com relação àquele. A força maior do EU na fronteira do Chuí deve caracterizar um perfil diferente de contato com o português desta comunidade em comparação ao que se verifica naquelas.

A fim de completar o quadro variacional do contato lingüístico entre o PB e o EU, descrevendo a situação do contato do lado brasileiro, será preciso pesquisar não apenas a linha divisória, onde se situam as cidades de Jaguarão, Aceguá, Santana do Livramento, Quaraí e Barra do Quaraí, mas também outras comunidades brasileiras, próximas da fronteira, como Santa Vitória do Palmar, Bagé, Arroio Grande, Dom Pedrito, Rosário do Sul, Alegrete e Uruguaiana, dentre outras, a fim de dimensionar o grau de penetração do EU no Brasil bem como sua efetiva influência sobre os sistemas lingüísticos das diversas variedades dialetais que constituem o português da fronteira. O empreendimento levará à melhor descrição do contínuo que denominamos português gaúcho.

5.3.1.2 Contato com outras variedades dialetais do PB

De forma análoga ao que ocorre por influência do EU, o fator de contato com outras variedades dialetais do PB resulta significativo para o condicionamento da variação da lateral pós-vocálica.

Apesar de apontado pela análise numérica como favorável à variante velar, o fator de contato intenso com outras variedades dialetais do PB, ao associar-se a outros fatores favorecedores, praticamente não lhes altera os valores originais. Trata-se de um comportamento curioso, que aponta para a neutralidade do fator de contato para a forma velar, quando contextualizado com outros aspectos condicionadores.

Tal comportamento sugere que, no que diz respeito à variante velar, há um ponto de equilíbrio entre as variações dos sistemas fonológicos do PB e do EU por tratar-se de um segmento compartilhado por ambos os inventários. Parece que a variante velar não está presa a condicionamentos por parte de fatores específicos, combinados ou isoladamente. Ao invés disso, resulta como forma conciliatória ou, como já dissemos, intermediária entre as duas representantes extremas - tanto no sentido fonológico quanto de domínio diatópico - das línguas em contato: a alveolar, pelo lado do EU, e a vocalizada, pelo lado do PB.

Os resultados da análise numérica são coerentes com tais conclusões. Assim, temos que o contato moderado com outras variedades dialetais do PB favorece a variante alveolar enquanto inibe a vocalizada e, ao contrário, que o contato intenso com o PB favorece a variante vocalizada enquanto inibe a alveolar, o que deixa em evidência a oposição natural das duas formas extremas da variação, representando a própria oposição das duas línguas em contato. Também neste aspecto, de forma análoga ao que verificáramos entre as variantes alveolar e velar quanto a aspectos fonológicos, observa-se uma complementariedade ou simetria entre as variantes alveolar e vocalizada quanto a fatores de contato.

Deste modo, a influência do EU sobre a linguagem chuiense faz-se tanto mais forte quanto mais moderado é o contato com outras variedades dialetais do PB e vice-versa. A relação entre

o grau de contato com outras variedades dialetais do PB e o índice de aplicação resulta diretamente proporcional para a variante vocalizada e inversamente proporcional para a variante alveolar.

As variantes alveolar e vocalizada, considerando o percentual de aplicação em função do grau de contato com o PB, poderiam apresentar traçado de curva com a seguinte tendência ascendente/descendente, num gráfico de desempenho:

(62)

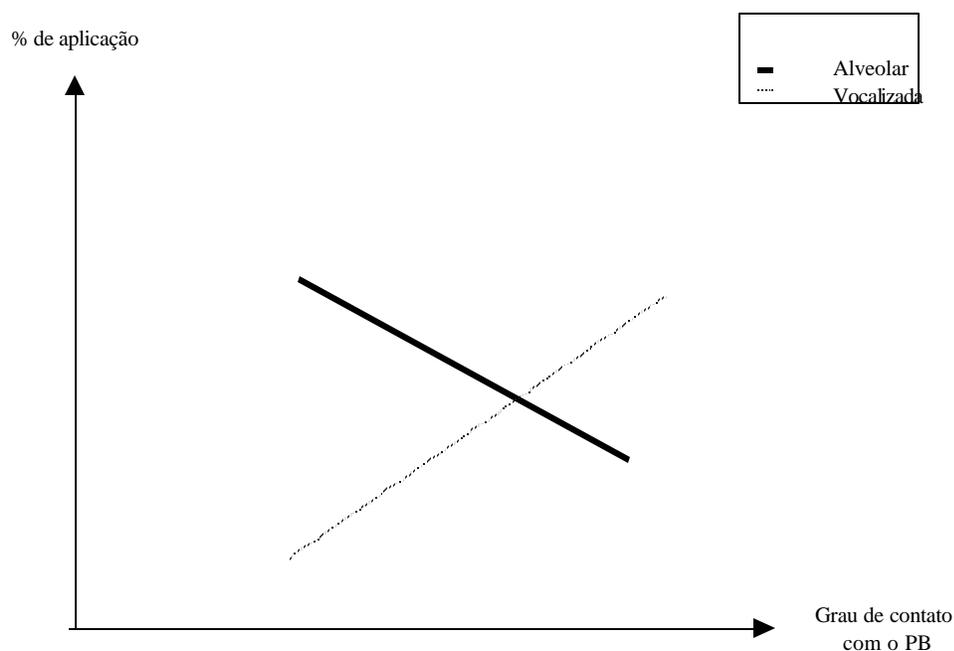


FIGURA 34 - *Tendência ascendente / descendente de desempenho das variantes alveolar e vocalizada, segundo o contato com o PB*

O gráfico acima é bem eloqüente no que se refere à relação entre o desempenho de cada alofone, no sistema de variação, em função do grau de contato com outras variedades dialetais

do PB. A curva ascendente da variante vocalizada mostra sua relação direta com tal contato enquanto a curva descendente da variante alveolar evidencia relação inversa.

5.3.2 Faixa etária

O grupo de fatores faixa etária mostrou-se de extrema relevância para a realização da variante vocalizada da lateral. A faixa de até 25 anos exerce condicionamento francamente favorável à forma vocalizada enquanto a faixa de mais de 45 anos o faz em sentido contrário, inibindo-a, conforme se observa em (16).

Esse condicionamento tende a aumentar, como vimos em (31), quando associado ao condicionamento exercido pelo contato com outras variedades dialetais do PB, ou seja, quando conjugados ambos os fatores extralingüísticos de nossa pesquisa:

(63)

<i>faixa etária</i>	<i>contato moderado</i>	<i>contato intenso</i>
<i>até 25 anos</i>	5%	25%
<i>de 26 a 45 anos</i>	4%	10%
<i>mais de 45 anos</i>	1%	8%

FIGURA 35 - *Frequência relativa da variante vocalizada em contextos associativos dos fatores de faixa etária e contato com outras variedades dialetais do PB*

Observa-se em (63) que, de forma inversa à relação que se estabelece entre a vocalização e o grau de contato com outras variedades dialetais do PB, a frequência do alofone vocalizado diminui, no contexto variacional, à medida que aumenta o valor de idade e sua gradação ocorre entre o valor extremo menor de 1%, referente a falantes de mais de 45 anos que mantêm

contato moderado com outras variedades do PB, e o valor extremo maior de 25%, referente a falantes de até 25 anos que mantêm intenso contato com outras variedades do PB.

A freqüência de vocalização progride em sentido horizontal, proporcionalmente à elevação do grau de contato com o PB, e em sentido vertical, proporcionalmente à diminuição da idade dos falantes. Entretanto, percebe-se que a progressão do índice é muito maior no sentido horizontal que no vertical, de onde se infere que o fator relativo ao contato com outras variedades dialetais do PB é, de fato, bem mais forte que o fator de faixa etária no condicionamento da vocalização, confirmando, neste caso, a ordem de seleção dos grupos de fatores e de atribuição dos respectivos pesos relativos efetuadas pelo programa Ivarb.

Os valores de (63) referem-se a percentuais de freqüência da forma vocalizada na associação dos fatores de idade e contato no contexto variacional, ou seja, são relativos a um total de 100% que abrange também as outras formas em competição - alveolar e velar. Contudo, importará também verificar se tais percentuais se mantêm, no contexto variacional, quando considerados independentemente de outros fatores associados:

(64)

<i>faixa etária</i>	<i>freqüência relativa</i>
<i>até 25 anos</i>	18%
<i>de 26 a 45 anos</i>	6%
<i>mais de 45 anos</i>	3%



FIGURA 36 - *Freqüência relativa da variante vocalizada segundo a faixa etária*

Como vemos em (64), na gradação de valores de freqüência da forma vocalizada no contexto variacional mantém-se o valor mais baixo, correspondente a 3% de aplicação, para falantes de mais de 45 anos enquanto o valor mais alto, de 18% de aplicação, corresponde aos

falantes de até 25 anos. Confirma-se também a progressão do índice de frequência de forma proporcional à diminuição da idade dos falantes.

Os valores de frequência relativa da variante vocalizada, segundo a faixa etária, devem ser interpretados como referentes à quantidade de vocalizações que são feitas sobre o total de ocorrências da lateral em posição pós-vocálica para tal faixa. A frequência é, então, relativa à competição com as outras formas da variação. Tais valores são representativos da situação de desvantagem em que a forma vocalizada se encontra frente às suas concorrentes na linguagem chuiense, uma vez que em nenhum dos contextos analisados ultrapassou o índice de frequência ou aplicação máximo de 25%. Entretanto, convém enfatizar que, mesmo com valores baixos e em desvantagem relativa na variação, a variante vocalizada está presente em todas as faixas etárias da comunidade.

Ao tomarmos os índices de frequência absoluta da variante vocalizada, deparamo-nos com a seguinte distribuição por faixa etária:

(65)

<i>faixa etária</i>	<i>frequência absoluta</i>
<i>até 25 anos</i>	50%
<i>de 26 a 45 anos</i>	26%
<i>mais de 45 anos</i>	24%



FIGURA 37 - *Frequência absoluta da variante vocalizada segundo a faixa etária*

Embora os valores de frequência absoluta careçam de significância para efeitos da alternância alofônica, destacamos em (65) que a concentração de ocorrências da variante

vocalizada corresponde à faixa etária dos membros mais jovens da comunidade, chegando a perfazer exatamente o dobro dos valores referentes às outras faixas etárias somados.

Assim, parece não restar dúvida de estarmos frente a um processo de mudança lingüística do qual a variação analisada pode ser interpretada como um instante sincrônico.

Faraco (1991, p. 117) concorda com que a predominância de uma variante entre os mais jovens e sua pouca ocorrência entre os mais velhos (em nossa pesquisa, a forma vocalizada) “*pode estar indicando uma mudança em progresso, isto é, que uma das variantes está sendo abandonada em favor de outra.*” O autor reforça, desse modo, o pressuposto de que a dimensão histórica da variação associa-se à faixa etária dos falantes, “*embora ainda só no eixo do chamado tempo aparente, ou seja, na distribuição das variantes por diferentes grupos etários.*” Caberá ao pesquisador, através de sucessivas observações sincrônicas do processo, confirmar ou não a mudança em curso.

A mudança é impulsionada pelos jovens, motivada por um caráter inovador. A associação dos fatores de faixa etária aos fatores de contato com o PB, entretanto, não pode ser separada deste enfoque, devido à força de condicionamento que o contato exerce e porque os jovens constituem a parcela da população mais propensa à influência externa à comunidade. Esta maior propensão à influência externa deve ser atribuída não somente à receptividade ao novo, num sentido passivo, mas também à maior participação desta parcela da população no trânsito entre o Chuí, Santa Vitória e, mais raro, Pelotas e Rio Grande, seja para fins de estudo, trabalho ou lazer.

Neste ponto, Faraco (op.cit., p. 122) observa que, geralmente, “*os inovadores participam de redes de comunicação densas no interior das comunidades (isto é, interação com grande número de pessoas) e têm igualmente muitos contatos interacionais externos à comunidade local.*” A tese de Faraco sustenta a associação que observamos entre os fatores de faixa etária e contato com outras variedades dialetais do PB, e é coerente também com a questão colocada por Elizaincín (1992) acerca da necessidade de analisar em conjunto fatores que operam em conjunto nos complexos atos da fala.

De outra parte, as forças adversas à mudança, reação natural de caráter inercial e de oposição a quaisquer alterações de um certo estágio fenomênico, podem ser atribuídas, primeiramente, à postura conservadora das faixas etárias mais altas e, de modo geral, a atitudes de preservação de traços relacionados com a identidade cultural da comunidade, com aquilo que é autóctone e característico da região.

Ao discorrermos no segundo capítulo sobre a heterogeneidade dialetal brasileira, considerávamos que pode dar-se juízo de valor, por parte dos falantes, acerca das formas lingüísticas que competem na variação. Assim, o prestígio de variantes locais, próprias do dialeto de uma comunidade, em detrimento de variantes padrões, pode refletir, em alguns casos, a rejeição de valores culturais, sociais, históricos e/ou políticos extra-comunitários.

No caso da variação que estudamos da lateral pós-vocálica, há fortes evidências de tais atitudes, associadas aos fatores lingüísticos e extralingüísticos analisados, convergindo no sentido de preferir, de forma generalizada, a variante alveolar em detrimento das demais formas, especialmente da vocalizada. Tal posicionamento, detectado nas três faixas etárias pesquisadas, contrapõe-se à pressão estandardizadora do PB.

A oposição a formas estandardizadoras pode interpretar-se como uma questão de sobrevivência da diferença, daquilo que é próprio e característico da comunidade. Labov (1972) já observara tais atitudes preservacionistas por parte dos habitantes da ilha de Martha's Vineyard, receosos diante de incursões de turistas, portadores de diferentes hábitos, costumes e formas lingüísticas. No caso do Chuí, a resistência à normatização da língua portuguesa, vinda de fora da comunidade, através de, principalmente, o contato com Santa Vitória do Palmar, tem raízes históricas, como vimos ao longo do trabalho, que remetem ao contato com o EU e à forte integração sócio-cultural com o Uruguai.

Mas a história do isolamento do Chui também é feita de uma cota de ressentimento, por parte dos membros da comunidade, queixosos de um processo de marginalização a que o Chuí teria sido submetido por parte da Prefeitura do ex-município sede, a cidade de Santa Vitória do

Palmar, segundo dão conta alguns depoimentos dos entrevistados. Há várias referências, por exemplo, à volumosa arrecadação fiscal obtida, em tempos passados, às custas da prosperidade comercial da fronteira, que não teria apresentado contrapartida em obras sociais acordes com os anseios naturais de progresso da comunidade.

Além desse descontentamento geral com a política administrativa vitoriense para com a fronteira, ainda encontramos alguns relatos que mencionam, no plano das relações interpessoais, situações de discriminação dos chuienses. Tal é o caso do seguinte depoimento:

Santa Vitória não queria perder essa parte (a Barra do Chuí), a parte de fronteira também, então eles puxaram muito para deixar o Chuí isolado, como sempre. O Chuí procurou se emancipar foi por isso mesmo, pelo abandono que eles davam. Sempre houve uma coisa, não sei se é político, se vem já das raízes... Sempre nos trataram aqui como castelhano, hermano. E não é assim, você está vendo, falando comigo, que eu não sou castelhano. Sou... moro no Chuí, claro, não é nenhuma desonra que me chamem de castelhano, são nossos vizinhos, nossos irmãos... tenho familiares, tenho a minha mãe castelhana, uma coisa não tem nada a ver com a outra. Mas nos tratavam de um modo pejorativo, sabe como é... castelhano, lá da fronteira... E a gente ia por qualquer coisa lá (em Santa Vitória), até por um documento, e nos tratavam mal, deixavam pra um lado e... sempre foi, ao menos meu tratamento foi assim, até para conseguir uma documentação, qualquer coisa, eles nunca deixavam... quando a gente precisava aqui, ia lá se queixar por qualquer coisa, juntava os vizinhos, né. Sim, nós vamos... E só arrecadavam, né. Chegou aborrecendo.

Como se vê, tal distanciamento, traduzido em atitudes, iria resultar no processo de emancipação do Chuí, referendado em plebiscito por 95% da população local, fato que veio reafirmar, de forma inequívoca, o forte sentimento de identidade local da comunidade.

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Em nossa tentativa de contribuir para o melhor conhecimento do português da fronteira, o qual se insere no contínuo gaúcho - este, por sua vez, inserindo-se no PB -, cremos ter alcançado nossos objetivos. Fica demonstrado, ao longo do trabalho, que a influência que o EU exerce sobre o PB na comunidade do Chuí, e provavelmente aquém dessa região fronteira, é fato real, cientificamente mensurável. Provavelmente seja esta a contraparte, mesmo que em grau diferente, da penetração do português em território uruguaio.

No que se refere à variação da lateral pós-vocálica na comunidade pesquisada, confirma-se, conforme se observou no item 4.1, a alta incidência da variante velar, com índice geral de aplicação de 39%, a qual já tinha sido detectada por Quednau (1993) na fronteira de Santana do Livramento, em contraste com o baixíssimo desempenho da variante vocalizada, de apenas 7%. Entretanto, aparece no Chuí a variante alveolar, típica da lateral do EU, com predomínio muito forte sobre suas concorrentes, atingindo 54% de aplicação sobre o total, valor que resulta maior que os valores das demais formas somados, o que vem corroborar as suspeitas prévias ao trabalho de análise.

No que diz respeito à teoria fonológica, foram expostas, acreditamos que de forma pertinente, algumas questões de ordem descritiva, como a discussão acerca da especificação e localização do traço [lateral] na representação geométrica da lateral, bem como das relações implicacionais nas estruturas dos segmentos, segundo o modelo de Clements e Hume (1995) e as propostas de Hernandorena (1995, 1997) para as líquidas e, em particular, para a lateral.

Demonstrou-se a naturalidade com que operam os contextos lingüísticos da lateral pós-vocálica, tanto no sentido de favorecer quanto de inibir as diferentes formas de sua variação, dentre os quais se destacam, resumidamente, os seguintes:

(1) A significância do ponto de articulação do contexto seguinte para as variantes alveolar e velar: consoantes articuladas em ponto de constricção igual ou próximo do ponto de tais variantes, as favorecem - o que se evidencia mediante unificação de traços por OCP - e, quando distantes, as inibem. O princípio de OCP demonstra, nos casos de favorecimento, a condição homorgânica ou coarticulatória em que tais segmentos são produzidos.

(2) O favorecimento da variante vocalizada por parte da vogal precedente [a], explicado por compartilhamento de articulação dorsal, representado por OCP, e pela distinção de ditongos mediante a oposição de valores de abertura no Ponto de V.

(3) O favorecimento da variante alveolar por ressilabação na presença de sândi na fronteira lexical, explicado pela mudança na posição da lateral, cuja condição passa de pós-vocálica para pré-vocálica.

Um aspecto que merece o alerta de pesquisas futuras, na área de fonologia, é a iminente possibilidade de surgimento, na região do Chuí, de uma forma de articulação intermediária entre os segmentos [t] e [w]; referimo-nos à forma velar labializada [tʷ] - já detectada em outras variedades do português gaúcho. Para este fato apontam evidências de contexto, conforme foi visto no item 5.2.2.4, associadas à noção de estágio da regra telescópica.

Ficou claro que as regiões em que se opera o contato entre espanhol e português apresentam um intrincado tecido lingüístico, onde, conforme observara Elizaincín (1992), se conjugam as variações e as complexidades dos contínuos que se encontram. Estes, por sua vez, formam novas dimensões de contínuo, com graus próprios de variabilidade, onde podem ser detectados, concomitantemente, diversos estágios dialetais, tanto no eixo diatópico quanto no diastrático, tendendo para um ou outro pólo do contínuo, isto, é, do espanhol ou do português.

Então as conclusões a que se possa chegar em determinada região do contínuo, obviamente, poderão não se aplicar a outra.

De forma análoga, resulta evidente que as constatações efetuadas em determinado momento histórico de uma língua poderão ser - e certamente serão - diferentes de algum outro recorte sincrônico que possa ser feito, numa outra época. Se aceitamos a tese de que as línguas são organismos vivos, mutantes, em constante evolução, que interagem com outros com os quais se encontram, é natural que tais transformações aconteçam nos marcos da geografia espacial e da dimensão diacrônica em que se desenvolvem.

Na linguagem chuiense, por exemplo, detectamos uma tendência ao aumento dos índices de aplicação e de probabilidade da variante vocalizada, diretamente proporcional ao contato com outras variedades do PB e inversamente proporcional à idade. Notamos aí, com clareza, a ação normatizadora ou standardizadora da variante padrão do PB, de um lado, e o espírito inovador dos jovens, de outro. Ambos fatores, quando associados, aproximam a realidade lingüística fronteira da variante padrão. Por outro lado, vimos também que a estes condicionamentos se opõem atitudes conservadoras da linguagem local, preservadoras do autóctone, de forma semelhante ao que observara Labov (1982) na ilha de Martha's Vineyard. .

Vimos, ainda, que são também históricas as razões que explicam a formação das fronteiras e das suas linguagens. A região do Chuí, exposta por mais de 300 anos, a partir da conquista, às alternâncias de dominação portuguesa e espanhola, permaneceu praticamente afastada do convívio brasileiro, mesmo após a estabilização da controvérsia limítrofe entre o Brasil e o Uruguai. Somente na década de 1970, mediante a ligação com o Rio Grande do Sul pela rodovia BR 471 e a difusão da televisão brasileira, iniciou-se um processo de reversão desse estado de isolamento histórico. A partir daí ganha terreno o PB e diminui, em conseqüência, o efeito “espanholizante” por influência do EU. Contudo, o contato continua presente.

Reforça-se aqui a necessidade de melhor estudar todas as regiões de fronteira, a fim de dimensionar com mais propriedade as interferências da gramática do espanhol na do português

gaúcho. Para tal, propõe-se que, numa primeira fase, sejam realizadas ou ampliadas coletas de dados nas comunidades de Santa Vitória do Palmar, Chuí, Jaguarão, Bagé, Aceguá, Santana do Livramento e Quaraí, no que tange ao EU, e também nas comunidades de São Borja e Uruguaiana, na fronteira com a Argentina, com vistas a ampliar o banco de dados disponíveis. Essa faixa seria ampliada em direção ao interior do território rio-grandense, em fases posteriores, a fim de avaliar, no sentido diatópico, o alcance de tais interferências.

Uma questão que surge, de pronto, na realidade atual da fronteira do Brasil com o Uruguai, diz respeito à implantação do MERCOSUL, o qual, além de trazer profundas modificações na economia local, como vimos no item 3.1.1, introduz, a reboque de tratados econômico-financeiros, alguns protocolos nas áreas de educação e cultura dos países-membros, dentre cujas pautas se destaca a inclusão do espanhol na grade curricular de escolas brasileiras e o de português nos países de fala espanhola. Nas comunidades das zonas de contato, como observa Elizaincín (1992), é natural o fenômeno de bilingüismo. Então passaria a ser reforçado, via escola, o insumo lingüístico que o contato, historicamente, fornece de forma plena - sendo que, em algumas regiões do norte e nordeste do Uruguai, segundo dados de Elizaincín (op.cit.) que referimos no segundo capítulo, a primeira língua já é o português.

No caso do Chuí, especificamente, indagamos até que ponto o ensino do espanhol na escola poderá retardar, e talvez reverter, o processo de mudança detectado na linguagem da comunidade, não somente no fenômeno aqui estudado mas também em outros aspectos inerentes ao processo de standardização do PB. Trata-se de uma questão que se coloca como motivadora de pesquisas futuras.

7. BIBLIOGRAFIA

- ALTHUSSER, L. *Ideologia e aparelhos ideológicos de Estado*. Lisboa, Presença, 1974.
- AMARAL, A. *Os Campos Neutrais*. Porto Alegre, Planus, 1972.
- AMARAL, L.C. I. *O abaixamento de /i/ e /u/ no português da campanha gaúcha*. Pelotas, 1996. Dissertação (Mestrado) UCPel.
- BISOL, L. *Harmonização vocálica: uma regra variável*. Rio de Janeiro, 1981. Tese (Doutorado) UFRJ.
- _____. A harmonização vocálica na fala culta. *D.E.L.T.A.*, v. 4, n. 1, p. 1-20, 1988.
- BOOIJ, g. & RUBACH, Jerzy. Morphological and prosodic domains in lexical phonology. *Phonology Yearbook*, n. 1, p. 1-27, 1984.
- _____. Postcyclic versus postlexical rules in lexical phonology. *Linguistic Inquiry*, v. 18, n. 1, p. 1-44, 1987.
- BORTONI-RICARDO, S. M. Problemas de comunicação interdialeto. *Tempo Brasileiro*, 78/79, 1984.
- BRIGHT, W. As dimensões da sociolinguística. In: FONSECA, M. S. V. e NEVES, M. F. (org) *Sociolinguística*. São Paulo, Eldorado, 1980.
- CAGGIANI, I. *Sant'Ana do Livramento: 150 anos de história*. Livramento, ASPES, 1983.
- CALABRESE, A. A constraint-based theory of phonological markedness and simplification procedures. *Linguistic Inquiry*, v. 26, n. 3, p. 373-463, 1995.
- CÂMARA JR., J. M. *Dicionário de linguística e gramática*. 14. ed., Petrópolis, Vozes, 1988.
- _____. *Para o estudo da fonêmica portuguesa*. Rio de Janeiro, Padrão, 1977.

CASTILHO, A. T. de. O português do Brasil. In: ILARI, R. *Linguística românica*. São Paulo, Ática, 1992.

CHAVES, A. S. A ordem VS no português da fronteira. In: TARALLO, F. (org.) *Fotografias sociolinguísticas*. Campinas, Pontes e Unicamp, 1989.

CHOMSKY, N. *The logical structure of linguistic theory*. M.I.T., 1955.

_____. *Syntactic structures*. The Hague, Mouton, 1957.

_____. Explanatory models in linguistics. In: NAGEL, E, SUPPES, P. e TARSKI, A. (eds.). *Logic, methodology and the philosophy of science*. Stanford University, 1960.

CHOMSKY, N. & HALLE, M. *The sound patterns of English*. New York, Harper & Row, 1968.

CLEMENTS, G. The geometry of phonological features. *Phonological Yearbook*, n. 2, p. 225-252, 1985.

_____. *Place of articulation in consonants and vowels: a unified theory*. 1991. (mimeo)

CLEMENTS, G. & HUME, E. The internal organization of speech sounds. In: GOLDSMITH, J. A. (ed.) *The Handbook of Phonological Theory*. Cambridge, Blackwell Publishers, 1995.

DE MARSILIO, H. El lenguaje de los uruguayos. Montevideo, *Nuestra Tierra*, v. 24, 1969.

ELIZAINCIN, A. Estado actual de los estudios del fronterizo uruguayo-brasileño. *Cuadernos del Sur*, n. 12, p. 119-40.

ELIZAINCIN, A.; BEHARES, L. e BARRIOS, G. *Nos falemo brasileiro. Dialectos portugueses en el Uruguay*. Montevideo, Amesur, 1987.

ELIZAINCIN, A. *Dialectos en contacto. Español y portugués en España y América*. Montevideo, Arca, 1992.

FARACO, C. A. *Linguística histórica*. São Paulo, Ática, 1991.

FERGUSON, C. Diglossia. In: FONSECA, M. S. V. e NEVES, M. F. (orgs.) *Sociolinguística*. Rio de Janeiro, Eldorado, 1974.

GOLDSMITH, J. An overview of Autosegmental Phonology. *Linguistic Analysis*, n.2, p.

23-68, 1976.

JAKOBSON, R. e HALLE, M. *Fundamentals of language*. The Hague, Mouton, 1956.

HALLE, M. Conceitos básicos de Fonologia. In: CHOMSKY, N.; JAKOBSON, R. et al. *Novas perspectivas lingüísticas*. 3.ed. Petrópolis, Vozes, 1973.

HENSEY, F. G. *The sociolinguistics of the Brazilian-Uruguayan border*. The Hague, Mouton, 1972.

HERNANDORENA, C. L. M. Sobre a descrição de desvios fonológicos e de fenômenos da aquisição da fonologia. *Letras de Hoje*, v. 30, n. 4, p. 91-110, 1995.

_____. A representação do processo de assimilação na aquisição da linguagem. 1997. (Não publicado).

HJEMSLEV, L. *Prolegómenos a una teoría del lenguaje*. Madrid, Aguilar, 1971.

HYMAN, L. M. *Phonology: theory and analysis*. New York, Harcourt Brace & Jovanovich, 1975.

JAKOBSON, R. Principles of historical phonology. In: KEILER, A. R. (ed.) *A reader in historical and comparative linguistics*, 121-138. New York, Holt, Rinehart and Winston, 1972.

KENSTOWICZ, M. *Phonology in Generative Grammar*. Oxford, Blackwell, 1994.

KIPARSKY, P. From cyclic phonology to lexical phonology. In: HULST, H. e SMITH, N. (Org.) *The structure of phonological representations*. Dordrecht, Foris, p. 131-176, 1982.

_____. Some consequences of lexical phonology. *Phonology Yearbook*. p. 85-138, 1985.

KOCH, W. O mito da platinização do português sulriograndense. In: *Cadernos do Instituto de Letras da UFRGS*, n. 12, p. 59-60.

KROCH, Anthony. Towards a theory of social dialect variation *Language & Society*. n. 7, p.17-36, 1978.

LABOV, W. *Sociolinguistics patterns*. Philadelphia, University of Pennsylvania Press, 1982.

_____. *Modelos sociolingüísticos*. Madrid, Cátedra, 1983.

- LADEFOGED, P. *A course in phonetics*. New York, Harcourt Brace Jovanovich, 1975.
- LEMLE, M. Heterogeneidade dialetal: um apelo à pesquisa. *Tempo Brasileiro*, n. 53/54, p. 60-94. 1978.
- LOPEZ, B. *The sound pattern of Brazilian Portuguese (cariocan dialect)*. Los Angeles, 1985. Tese (Doutorado) UCLA.
- LORENZO, E. *El español y otras lenguas*. Madrid, SGEL, 1980.
- MASCARÓ, J. *Catalan phonology and the phonological cycle*. Indiana, 1978. Tese (PhD) Indiana University.
- MATEUS, M. *Aspectos da fonologia portuguesa*. Lisboa, Centro de Estudos Filológicos, 1975.
- Mc CARTHY, J. Feature geometry and dependenc: a review. *Phonetica*, n. 45, p. 84-108, 1988.
- MOLLICA, M. C. (org.) *Introdução à sociolingüística variacionista*. UFRJ, Cadernos Didáticos, 1992.
- MOHANAN, K. Syllable structure and lexical strata in English. *Phonology Yearbook*. p. 139-155, 1985.
- MONARETTO, V. N. O. *A vibrante: representação e análise sociolingüística*. Porto Alegre, 1992. Tese (Mestrado) UFRGS.
- MOTA, H. B. *Aquisição segmental do português: um modelo implicacional de complexidade de traços*. Porto Alegre, 1996. Tese (Doutorado) PUC.
- NAVARRO TOMÁS, T. *Manual de pronunciación del español*. Madrid, Raycar - Consejo Superior de Investigaciones Científicas, 1963.
- PI HUGARTE R. e VIDART, D. El legado de los inmigrantes - I. Montevideo, *Nuestra Tierra*, v. 29, 1969.
- PAIVA, M. C. Sexo. In: MOLLICA, M. C. (org.) *Introdução à sociolingüística variacionista*. UFRJ, Cadernos Didáticos, 1992.
- PULLEYBLANK, D. Underspecification, the Feature Hierarchy and Tiv Vowels. *Phonology Yearbook*. n. 5, p. 299-326, 1988.
- QUEDNAU, L. R. *A lateral pós-vocálica no Português gaúcho: análise variacionista e representação não-linear*. Porto Alegre, 1993. Tese (Mestrado) UFRGS.

- _____. A vocalização variável da lateral. In: *Letras de Hoje*. v.29, n. 4, p. 143-51, dez. 1994.
- QUILIS, A. & FERNÁNDEZ, J. A. *Curso de fonética y fonología españolas*. 4.ed. Madrid, Instituto Miguel de Cervantes, 1969.
- RONA, J. P. *El “dialecto” fronterizo del norte del Uruguay*. Montevideo, Facultad de Humanidades, 1965.
- SANKOFF, D. (org.) *Linguistic variation: models and methods*. New York, Academic Press, 1978.
- SAPIR, E. Sound patterns in language. In: *Language*. n. 1, p. 37-51.
- SAUSSURE, F. *Cours de linguistique générale*. 4.ed. Paris, Payot, 1949.
- SCHANE, S. *Fonologia gerativa*. Rio de Janeiro, Zahar, 1975.
- SCHERRE, M. *Introdução ao pacote Varbrul para microcomputadores*. Rio de Janeiro, UFRJ, 1992. (mimeo)
- SECO, M. *Gramática esencial del español*. Madrid, Aguilar, 1979.
- SHAW, P. Consonant harmony systems: the special status of coronal harmony. In: *Paradis and Prunet*. p. 125-57.
- STAMPE, D. *A dissertation on natural phonology*. Chicago, The University of Chicago, 1973.
- TARALLO, F. *A pesquisa sociolingüística*. São Paulo, Ática, 1986.
- TARALLO, F. e ALKMIN, T. *Falares crioulos - línguas em contato*. São Paulo, Ática, 1987.
- TARALLO, F. e DUARTE, M. E. L. Processos de mudança lingüística em progresso: a saliência vs. a não-saliência de variantes. In: *Ilha do Desterro*. n. 20, p. 44-58, 1988.
- TARALLO, F. (org.) *Fotografias sociolingüísticas*. Campinas, Pontes e Unicamp, 1989.
- _____. A estrutura na variação: do falante-ouvinte real ao Falante-Ouvinte Real. In: *DELTA*, vol. 6, n. 2, p. 195-222, 1990.
- _____. Sobre a alegada origem crioula do português brasileiro: mudanças sintáticas aleatórias. In: ROBERTS, I. e KATO, M. A. (orgs.) *Português brasileiro - uma viagem diacrônica*. Campinas, Unicamp, 1993.

- TRUBETZKOY, N. *Principles of Phonology*. Los Angeles, UCLA, 1939.
- VOTRE, S. Escolaridade. In: MOLLICA, M. C. (org.) *Introdução à socio lingüística variacionista*. UFRJ, Cadernos Didáticos, 1992.
- YAVAS, M.; HERNANDORENA, C. L. M.; LAMPRECHT, R. *Avaliação fonológica da criança*. Porto Alegre, Artes Médicas, 1991.
- WETZELS, L. Harmonização vocálica, truncamento, abaixamento e neutralização no sistema verbal do português: uma análise auto-segmental. *Caderno de Estudos Lingüísticos*, Campinas, n. 21, p. 25-58, jul./dez. 1991.
- WETZELS, L. & ABAURRE, M. B. Sobre a estrutura da gramática fonológica. *Caderno de Estudos Lingüísticos*, Campinas, n. 23, p. 5-8, jul./dez. 1992.